
GALERA
HEX HALL
VOL. I • SORTILÉGIO
RACHEL HAWKINS

RACHEL HAWKINS

HEX HALL

Tradução de
Camila Mello



Rio de Janeiro | 2011

CIP-BRASIL. CATALOGAÇÃO NA FONTE
SINDICATO NACIONAL DOS EDITORES DE LIVROS, RJ

Hawkins, Rachel, 1979-
H325h Hex Hall [recurso eletrônico] / Rachel Hawkins; tradução Camila Mello. - 1. ed. - Rio de Janeiro: Galera Record, 2013.
recurso digital (Hex Hall; 1)

Tradução de: Hex Hall
Formato: ePub
Requisitos do sistema: Adobe Digital Editions
Modo de acesso: World Wide Web
ISBN 9788501100993 (recurso eletrônico)

1. Ficção americana. 2. Livros eletrônicos. I. Mello, Camila. II.Título. III. Série.

CDD: 813
CDU: 821.111(73)-3

13-05319

Título original em inglês:
Hex Hall

Copyright © 2010 by Rachel Hawkins

Todos os direitos reservados. Proibida a reprodução, no todo ou em parte, através de quaisquer meios. Os direitos morais do autor foram assegurados.

Design de capa: Carolina Vaz

Direitos exclusivos de publicação em língua portuguesa somente para o Brasil adquiridos pela
EDITORA RECORD LTDA.
Rua Argentina 171 – Rio de Janeiro, RJ – 20921-380 – Tel.: 2585-2000
que se reserva a propriedade literária desta tradução

Produzido no Brasil

ISBN 9788501100993



Seja um leitor preferencial Record.
Cadastre-se e receba informações sobre nossos
lançamentos e nossas promoções.

Atendimento e venda direta ao leitor:
mdireto@record.com.br ou (21) 2585-2002

Para mamãe e papai,
Para John e Will,
Por tudo…

Mamãe diz que devo evitar
Perto do espelho passar;
Ela teme que eu veja lá escondida
Uma bruxinha comigo parecida
De batom vermelho a sussurrar
Exatamente o que não devo escutar!

— Sarah Morgan Bryan Piatt

PRÓLOGO



Felícia Miller estava chorando no banheiro. Novamente.

Eu sabia que era ela porque desde que comecei a estudar na Green Mountain, há três meses, eu já tinha visto a mesma cena duas vezes. Seu choro era bem característico, alto e cheio de soluços, como o choro de uma criança. Felícia tinha dezoito anos, dois anos a mais do que eu.

Não a incomodei porque acho que uma menina tem o direito de chorar em um banheiro público de vez em quando.

No entanto, hoje é a formatura do segundo grau, e chorar usando um vestido de gala é muito triste. Além disso, eu já tinha uma certa simpatia por Felícia. Havia sempre uma menina como ela nas escola que frequentei (19 ao todo... por enquanto). Mesmo que eu fosse estranha, as pessoas nunca foram cruéis comigo; elas geralmente me ignoravam. Felícia, por outro lado, era o saco de pancadas da turma. Para ela, a escola não era mais do que dinheiro desperdiçado e uma quantidade sem fim de comentários maldosos.

Olhei por debaixo da porta do banheiro e vi seus pés em sapatos amarelos.

— Felícia? — chamei, batendo na porta com calma. — O que houve?

Ela abriu a porta e olhou para mim com raiva e olhos vermelhos.

— O que houve? Bem, vejamos, Sophie... é a noite da minha formatura e você está vendo algum menino me acompanhando?

— Hum... não. Mas você está no banheiro das *meninas*, então achei...

— Achou o quê? — perguntou ela enquanto se levantava e limpava o nariz com um bolo de papel higiênico. — Que meu acompanhante estivesse lá fora me esperando? — retrucou ela. — Por favor... Menti para os meus pais e disse que tinha um acompanhante. Então eles me compraram esse vestido. — Ela bateu no tafetá amarelo como se estivesse tentando matar uma barata. — Falei para eles que o menino ia me encontrar aqui, aí eles me deram uma carona. Eu... eu não tinha como contar para eles que ninguém quis vir comigo para a formatura. Eles teriam ficado muito tristes. — Ela revirou os olhos. — É muito ridículo, né?

— Não é tão ridículo assim — respondi. — Muitas meninas vêm à formatura sozinhas.

Ela me fitou.

— Você tem um acompanhante?

Eu tinha. É claro que era Ryan Hellerman, provavelmente a única pessoa menos popular do que eu na Green Mountain — mas, ainda assim, era um acompanhante. E minha mãe tinha ficado tão feliz por alguém ter me convidado. Ela achou que isso significava que eu estava finalmente tentando me encaixar.

Encaixar-se na sociedade era muito importante para a minha mãe.

Olhei para Felícia, ali em pé de vestido amarelo, limpando o nariz, e antes que eu pudesse pensar, falei uma coisa muito idiota:

— Eu posso ajudar.

Felícia me encarou com os olhos inchados.

— Como?

Dei o braço para ela e a puxei.

— Temos que ir lá fora.

Saímos do banheiro e passamos pelo salão lotado. Felícia parecia estar preocupada quando passamos pelos portões e fomos para o estacionamento.

— Se isso for algum tipo de trote, tenho spray de pimenta na minha bolsa — disse ela, apertando a bolsinha amarela contra o peito.

— Relaxe.

Olhei em volta para ter a certeza de que o estacionamento estava vazio. Mesmo que fosse fim de abril, as noites ainda estavam geladas, e nós duas começamos a tremer.

— OK — falei, virando-me de costas para ela. — Se pudesse ter qualquer menino como seu acompanhante para a formatura, quem você escolheria?

— Você está tentando me torturar? — perguntou ela.

— Apenas responda a pergunta.

Olhando para os sapatos amarelos, ela murmurou:

— Kevin Bridges?

Não fiquei surpresa. Presidente da associação de alunos, capitão do time de futebol, gostosão... Kevin Bridges era o cara que quase todas as meninas escolheriam para ser seu par na formatura.

— Tudo bem. Que seja o Kevin — murmurei, estalando os dedos.

Levantei as mãos ao céu, fechei os olhos e imaginei Felícia nos braços de Kevin, ela de vestido amarelo, ele de terno. Depois de alguns segundos focando nessa imagem, comecei a sentir um pequeno tremor embaixo dos pés e a sensação de que se esticasse minhas mãos estaria tocando a correnteza de um rio. Meu cabelo começou a flutuar acima dos ombros, e ouvi Felícia engasgar-se.

Quando abri os olhos, vi exatamente o que esperava. Acima de nós, uma nuvem grande e negra rodopiava. Raios de luz em tons de roxo atiravam-se para fora dela. Continuei me concentrando. A nuvem rodava cada vez mais rápido, até que formou um círculo perfeito com um buraco no meio.

O Donut Mágico, como o chamei na primeira vez que criei aquilo, no meu aniversário de doze anos.

Felícia se escondeu entre dois carros, com os braços sobre a cabeça, mas era tarde demais para voltar atrás.

O buraco no centro da nuvem encheu-se de uma luz verde. Focando-me naquela luz e na imagem de Felícia e Kevin, flexionei os dedos e vi um raio de luz verde sair da nuvem e correr até o céu. O raio desapareceu por cima das árvores.

A nuvem sumiu e Felícia se levantou. Suas pernas tremiam.

— Q-Que foi isso? — Ela se virou para mim com os olhos arregalados. — Você é tipo uma bruxa?

Dei de ombros sentindo ainda uma tonteira prazerosa por causa da energia que havia acabado de liberar. Bêbada de mágica, como mamãe dizia.

— Não foi nada — expliquei. — Vamos entrar.

Ryan estava perto da mesa de bebidas quando voltamos ao salão.

— O que aconteceu? — perguntou ele, indicando Felícia com um movimento da cabeça.

Ela estava examinando o salão e ainda parecia estar meio atordoada.

— Ah, ela só precisava tomar um ar — falei, pegando algo para beber. Meu coração ainda estava disparado e minhas mãos tremiam.

— Legal — disse Ryan, balançando a cabeça no ritmo da música. — Quer dançar?

Antes que eu pudesse responder, Felícia veio até mim e agarrou o meu braço.

— Ele nem está aqui — disse ela. — Não era para... Aquilo que você fez não era para trazer ele para mim?

— Shhh! Era sim, mas você vai ter que ser paciente. Assim que Kevin chegar, ele vai te encontrar, confie em mim.

A espera não foi longa.

Ryan e eu estávamos no meio da nossa primeira dança quando um barulho enorme ecoou pelo salão. Depois, houve uma rápida sucessão de estouros, quase como tiros, o que fez com que os alunos berrassem e se escondessem embaixo da mesa de bebidas. Eu vi a tigela de ponche cair no chão, espalhando um líquido vermelho.

Não foi uma arma que provocou os barulhos, e sim balões. Centenas deles. Não vimos direito o que aconteceu, mas o arco de balões de ar caiu no chão, e assisti a um balão branco se soltar e subir até o teto do salão.

Vi vários professores correndo para a porta... que não estava mais lá, porque uma Land Rover prateada havia atravessado por ela.

Kevin Bridges saiu do carro. Ele tinha um corte na testa e outro na mão. O sangue escorria enquanto ele berrava:

— Felícia! FELÍCIA!

— Merda! — murmurou Ryan.

A acompanhante de Kevin, Caroline Reed, saiu pela porta do carona, chorando sem parar.

— Ele é louco! — berrou ela. — Ele estava bem e de repente veio uma luz e... e... — Ela estava histérica e eu me senti enjoada.

— FELÍCIA! — continuou berrando Kevin, procurando loucamente, pelo salão.

Olhei em volta e vi Felícia escondida embaixo de uma das mesas, com os olhos arregalados.

Fui mais cuidadosa desta vez, pensei. E melhorei muito!

Kevin achou Felícia e a levantou do chão.

— Felícia!

Ele deu um sorriso enorme, seu rosto se acendeu — o que foi meio aterrorizante por causa do sangue escorrendo. Não culpei Felícia por soltar aquele berro.

Um dos professores, o treinador Henry, apareceu para ajudar e segurou o braço de Kevin. Ele se virou, ainda segurando Felícia com uma das mãos, e deu um tapa na cara do treinador. Com quase dois metros de altura, o treinador voou para longe.

E foi aí que o inferno começou.

As pessoas começaram a se atropelar para chegar à porta, outros professores tentaram segurar Kevin, e os gritos de Felícia ficaram mais desesperados e assustados. Só Ryan parecia estar tranquilo.

— Irado! — disse ele, vendo duas meninas subindo na Land Rover e indo embora do salão. — Formatura da Carrie, a Estranha!

Kevin, ainda segurando Felícia pela mão, estava agora com um dos joelhos no chão. Não dava para ouvir nada direito por causa da gritaria, mas acho que ele estava cantando para ela.

Felícia não estava mais gritando, mas tentava pegar algo em sua bolsa.

— Ai, não — gemi.

Comecei a correr na direção deles, mas escorreguei no ponche e caí. Felícia pegou uma latinha vermelha e apertou o spray no rosto de Kevin. A música que ele cantava transformou-se em um urro de dor. Ele soltou as mãos dela para coçar os olhos, e Felícia correu.

— Tudo bem, meu amor! — berrou ele. — Não preciso de olhos para te ver! Eu te vejo com os olhos do meu coração, Felícia! Do meu CORAÇÃO!

Ótimo. Além de muito forte, meu feitiço era *brega*.

Sentei-me na piscina de ponche enquanto ao meu redor o caos que eu havia criado piorava. Um balão branco solitário passou por mim. A Sra. Davison, minha professora de algebra, gritava ao telefone:

— Eu disse *escola Green Mountain*! Hum... não sei, uma ambulância? Uma equipe da SWAT? Mande *qualquer* pessoa!

Foi aí que ouvi um outro grito.

— Foi ela! Sophie Mercer! — Felícia apontava para mim, seu corpo todo tremia. Mesmo com todo o barulho, as palavras de Felícia ecoaram no salão cavernoso. — Ela... ela é uma bruxa!

Suspirei.

— De novo não.

CAPÍTULO 1



— Que tal?

Saí do carro para o denso calor de um agosto na Geórgia.

— Ótimo — murmurei, deslizando os óculos para o alto da cabeça. Devido à umidade, meu cabelo parecia ter três vezes o volume normal. Dava para senti-lo tentando devorar meus óculos como se fosse uma planta carnívora e selvagem. — Sempre me perguntei como seria viver dentro da boca de alguém.

À minha frente brilhava o Hecate Hall, que, de acordo com a brochura amassada em minhas mãos suadas, era "a primeira instituição reformatória para adolescentes Prodígios".

Prodígios. Uma palavra chique para designar monstros. Era isso que todos ali eram. Era isso que eu era.

Eu já havia lido o manual quatro vezes no voo de Vermont para Geórgia, duas vezes na barca para a ilha Graymalkin, que fica na costa da Geórgia — quando descobri que o Hecate tinha sido construído em 1854 —, mais uma vez enquanto nosso carro alugado passava pelo chão de pedras que nos levou da orla até o estacionamento da escola. Eu já devia ter memorizado as informações, mas ainda segurava o papel e voltava a ele compulsivamente, como se fosse um ursinho de pelúcia:

O objetivo do Hecate Hall é proteger e instruir metamorfos, bruxas, e outras crianças que se arriscaram ao revelar seus poderes, colocando assim toda a sociedade de Prodígios em perigo.

— Ainda não entendo como ajudar uma menina a ficar com um menino coloca outras bruxas "em risco" — falei para mamãe enquanto tirávamos as malas do carro.

Essa pergunta estava na minha cabeça desde que li o manual da escola pela primeira vez, mas ainda não havia tido a chance de falar sobre isso. Mamãe passou a maior parte do voo fingindo dormir, provavelmente para evitar minha expressão de raiva.

— Não foi só uma menina, Soph, e você sabe disso. Foi o menino com o braço quebrado em Delaware, e aquele professor no Arizona cuja memória você apagou por causa de um teste...

— Ele recuperou a memória depois — defendi-me. — Quero dizer, a maior parte dela.

Mamãe suspirou e puxou o baú que tínhamos comprado no Exército da Salvação.

— Seu pai e eu avisamos sobre as consequências de usar seus poderes. Não gosto disso, como você, mas pelo menos aqui você vai estar com... com outros jovens como você.

— Com fracassados, você quer dizer. — Peguei minha mochila e coloquei-a sobre os ombros.

Mamãe levantou os óculos escuros e me olhou. Ela parecia estar cansada e havia linhas profundas em volta de sua boca, nas quais eu nunca havia reparado. Minha mãe tinha quase quarenta anos, mas geralmente aparentava ser dez anos mais nova.

— Você não é uma fracassada, Sophie. — Carregamos o baú entre nós. — Apenas cometeu alguns erros.

E como cometi. Ser uma bruxa definitivamente não era tão legal quanto eu imaginava. Primeiro porque eu não voava em uma vassoura. (Perguntei à mamãe sobre isso quando meus poderes começaram a aparecer, e ela disse que não. Tive que continuar a me locomover de ônibus, como todo mundo.) Não tenho um livro de magia, nem um gato que fala (sou

alérgica), e nunca saberia onde encontrar ingredientes como, por exemplo, olhos de lagartixa.

No entanto, sei fazer mágica desde que tenho 12 anos. De acordo com a brochura sobre a escola, essa é a idade em que todos os Prodígios descobrem sobre seus poderes. É alguma coisa relacionada à puberdade, acho.

— Além do quê, é uma boa escola — disse mamãe enquanto caminhávamos até o prédio.

Aquilo não parecia uma escola. Parecia mais uma mistura de casa velha de um filme de terror antigo com a mansão mal-assombrada da Disney. Para começo de conversa, a casa obviamente tinha mais de duzentos anos. Havia três andares e o terceiro parecia a parte mais alta de um bolo de casamento. A casa pode até ter sido branca um dia, mas agora tinha um tom cinza gasto, quase da mesma cor do caminho de pedras, o que fazia com que ela parecesse mais uma elevação natural da ilha do que uma construção.

— Nossa — disse mamãe. Largamos o baú e ela andou para o lado do prédio. — Dê uma olhada nisso!

Segui-a e imediatamente vi ao que ela se referia. O manual dizia que o Hecate Hall tinha feito "muitas extensões ao prédio original" ao longo dos anos. O que eles quiseram dizer é que arrancaram os fundos da casa e colocaram outra no lugar. A parede acinzentada terminava depois de alguns metros e dava início ao cimento rosa que se estendia até a floresta.

Para uma coisa que claramente foi feita por magia — não havia nenhuma junção onde as casas se encontravam, nenhum tipo de retoque — aquilo era um pouco menos elegante do que se podia esperar. As duas casas pareciam ter sido grudadas por uma pessoa maluca.

Uma pessoa maluca com muito mau gosto.

No jardim da frente, árvores enormes cheias de musgo espanhol escondiam a casa. Na verdade, parecia haver plantas por todos os lados. Duas samambaias em vasos empoeirados emolduravam a porta da frente, parecendo duas grandes aranhas verdes, e um tipo de vinhedo com flores

roxas tomava conta de uma parede inteira. Era quase como se a casa estivesse sendo absorvida pela floresta ao seu redor.

Ajeitei a bainha da saia xadrez azul que era parte do meu novo uniforme para o Hecate Hall (saia ou *kilt*? Ou um híbrido bizarro entre saia e *kilt*? Um *silt*?). Por que uma escola no Sul dos Estados Unidos precisaria de uniformes de lã? Apesar do clima quente, senti um calafrio quando olhei para a escola novamente. Será que alguém olhava para aquela casa e *não* suspeitava que os alunos eram um bando de freaks?

— É bonita — comentou mamãe com o tom de voz "vamos ser positivas e ver o lado bom das coisas".

Eu, no entanto, não estava tão animada.

— É, é linda. Para uma prisão.

Mamãe balançou a cabeça.

— Pode parar com esse papo de adolescente insolente, Soph. Não é uma prisão.

Mas parecia ser.

— Esse é realmente o melhor lugar para você — disse ela enquanto segurávamos o baú de novo.

— Deve ser — murmurei.

É para o seu próprio bem era o mantra que me ligava àquele lugar. Dois dias depois da formatura, recebemos um e-mail do meu pai dizendo basicamente que minhas chances haviam acabado, e que o Conselho estava me mandando para o Hecate até que eu completasse 18 anos.

O Conselho era um grupo de velhos que fazia as regras dos Prodígios. Eu sei... um conselho que se chama de "o Conselho". Que original, não?

De qualquer maneira, papai trabalhava para eles, então deixaram que ele me desse as más notícias. "O que esperamos", escreveu no e-mail, "é que isso lhe ensine a usar seus poderes com um pouco mais de discrição".

E-mails e telefonemas eram praticamente o único contato que eu tinha com meu pai. Ele e mamãe se separaram antes de eu nascer. O que aconteceu foi que ele só contou para mamãe que era um mago (eles preferem usar essa palavra em vez de bruxo) depois de um ano juntos, e ela não gostou da novidade: ela achou que ele era maluco e voltou correndo

para sua família. Antes de ir embora, ela descobriu que estava grávida e resolveu levar um exemplar de *A enciclopédia da bruxaria* junto com outros livros sobre bebês, só para garantir. Quando nasci ela já era quase uma expert em seres que ganham vida à noite. Só quando meus poderes se manifestaram, aos 12 anos, foi que ela retomou contato com meu pai. Mesmo assim, ela continuava bem fria em relação a ele.

Desde o mês em que meu pai me avisou que eu iria para o Hecate Hall, tentei me acostumar com a ideia. Tentei mesmo. Disse para mim que finalmente estaria com pessoas como eu, das quais não teria que esconder quem sou, e eu poderia aprender alguns feitiços legais. Essas eram as grandes vantagens.

Todavia, assim que mamãe e eu entramos na barca que nos levaria àquela ilha isolada, comecei a me sentir enjoada. E, acreditem, não era por causa do mar.

De acordo com o manual, a ilha Graymalkin foi escolhida para abrigar o Hecate Hall por causa de sua localização remota, mantendo o segredo. Os locais achavam que ali funcionava um internato superexclusivo.

Quando a barca se aproximou daquele pedaço de terra, com sua floresta densa, que seria meu lar nos próximos dois anos, outros pensamentos começaram a me atormentar.

Parecia que todo o corpo discente estava no jardim, mas apenas alguns alunos pareciam novatos, como eu. Estavam todos tirando malas dos carros, carregando bagagens. Alguns tinham malas gastas como as minhas, mas vi algumas bolsas Louis Vuitton também. Uma menina de cabelos pretos com um nariz levemente torto parecia ter a minha idade, enquanto os outros alunos pareciam ser mais novos.

Não dava para saber se eles eram bruxos ou metamorfos. Como todos nós parecemos normais, não tem como adivinhar. As fadas, no entanto, eram bem mais fáceis de reconhecer. Elas eram mais altas do que o normal, tinham um ar digno e cabelos lisos e brilhosos; as cores variavam de dourado bem claro até muito vermelho.

E elas tinham asas.

De acordo com mamãe, as fadas usavam encantos para se misturar aos humanos. Era um feitiço bem complexo, uma vez que altera a mente de todas as pessoas com as quais elas se relacionam, mas pelo menos faz com que os humanos as vejam como pessoas normais ao invés de... criaturas iluminadas, coloridas e com asas. Talvez as fadas do Hecate estivessem aliviadas — deve ser meio difícil ter que manipular os outros o tempo todo.

Parei para ajeitar minha mochila no ombro.

— Pelo menos esse lugar é seguro — disse mamãe. — Já é alguma coisa, não é? Não vou precisar me preocupar com você o tempo todo.

Eu sabia que mamãe estava ansiosa por eu ter que ficar tão longe de casa, mas ela também estava feliz por me colocar em um lugar onde não havia o risco de eu ser descoberta. Se você passa anos e anos lendo livros sobre as várias formas como as pessoas mataram bruxas, acaba ficando um pouco paranoica.

Enquanto caminhávamos para a escola, eu sentia o suor escorrendo de lugares estranhos, onde eu tinha certeza que nunca havia suado antes. Como as orelhas podem suar? Mamãe, como sempre, parecia não ser afetada pela umidade. É tipo uma lei natural: minha mãe está sempre obscenamente linda. Mesmo vestindo jeans e camiseta, as pessoas olhavam para ela.

Ou talvez estivessem olhando para mim, pois eu estava tentando limpar o suor entre os meus seios sem chamar muita atenção. Era difícil dizer o que atraía olhares.

Eu havia apenas lido em livros sobre as coisas que estavam ao meu redor.. À minha esquerda, uma fada de cabelo azul e asas índigo estava chorando agarrada aos pais alados flutuando a alguns centímetros do chão. Fiquei observando. Lágrimas cristalinas não saíam dos olhos da menina, mas de suas asas, deixando-a sobre uma poça azul.

Nós fomos para a sombra debaixo das árvores grandes e velhas — o calor diminuiu em meio grau. Assim que nos aproximamos dos degraus de entrada na porta da frente, um urro sobrenatural ecoou no ar denso.

Mamãe e eu nos viramos para ver... uma coisa uivando para dois adultos visivelmente frustrados. Eles não pareciam estar com medo, apenas irritados.

Era um lobisomem.

Não interessa quantas vezes você leia sobre lobisomens: ver um bem na sua frente é uma experiência completamente diferente.

Primeiro, porque não se parecia com um lobo. Ou com uma pessoa. Estava mais parecendo um grande cachorro selvagem em pé. Seu pelo era curto e marrom claro, e, mesmo a distância, dava para ver o amarelo de seus olhos. E ele era bem menor do que eu imaginava. Na verdade, não chegava nem perto do tamanho do homem para quem estava uivando.

— Pare, Justin — disse o homem.

A mulher, cujo cabelo tinha o mesmo tom de marrom que o pelo do lobo, colocou uma das mãos sobre a criatura.

— Querido — disse em uma voz doce com um sotaque sulista —, escute o seu pai. Não seja bobo.

Por um segundo, o lobo... quero dizer, Justin, ficou parado com a cabeça caída para o lado, parecendo mais um cocker spaniel do que uma besta devoradora.

Quando pensei nisso, dei uma risadinha.

Os olhos amarelos se viraram para mim. A coisa soltou outro uivo, e, antes que eu pudesse pensar, tomou impulso.

CAPÍTULO 2



Ouvi o homem e a mulher berrando enquanto eu tentava pensar em algum feitiço que pudesse reconstruir meu pescoço, porque obviamente eu iria precisar. As únicas palavras que consegui berrar enquanto o lobisomem avançava foram "CACHORRO MAU!".

Depois, vi com o canto do olho esquerdo uma luz azul, e, de repente, o lobisomem pareceu bater contra uma parede invisível a alguns centímetros de mim. Com um latido de dor, ele caiu no chão. Seu pelo e sua pele começaram a se desfazer até ele voltar a ser um menino normal, vestindo calça cáqui e blazer azul, chorando baixinho. Seus pais se aproximaram e minha mãe correu até mim, arrastando minhas malas.

— Meu Deus! — exclamou ela. — Querida, você está bem?

— Estou — respondi, tirando cacos de vidro da saia.

— Cara — disse alguém à minha esquerda —, acho que geralmente um feitiço de bloqueio é bem mais eficaz do que gritar "cachorro mau", mas essa é só a minha opinião.

Eu me virei. Encostado contra uma árvore, usando uma camiseta com a gola desabotoada e uma gravata frouxa, estava um garoto sorridente. O blazer da Hecate estava jogado sobre um de seus ombros.

— Você *é* uma bruxa, não é? — continuou o menino.

Ele deixou a árvore e passou uma das mãos pelos cabelos ondulados. Enquanto se aproximava, percebi que era muito magro e bem mais alto do que eu.

— Talvez no futuro — disse ele — você devesse tentar não ser tão mané.

Depois disso, ele saiu andando, relaxado.

E eu, depois de ser quase atacada por Justin, o menino com cara de cachorro, e de ouvir um cara estranho e nada atraente dizer que não sou uma boa bruxa, estava extremamente irritada.

Olhei para mamãe para ver se ela tinha escutado a conversa, mas ela estava perguntando aos pais de Justin algo do tipo "Ele ia morder a minha filha?!"

— Então quer dizer que sou uma péssima bruxa, né? — falei baixinho, me concentrando nas costas do menino.

Ergui as mãos e pensei no feitiço mais bizarro possível — algum que envolvesse pus, mau hálito e várias disfunções genitais.

E nada aconteceu.

Não tive aquela sensação da água correndo pelos meus dedos, meu coração não bateu mais forte, meus cabelos não ficaram eriçados.

Só fiquei lá, parada, que nem uma idiota apontando para ele.

Como assim? Nunca tive problemas para fazer feitiços antes.

Aí ouvi uma voz como a de uma magnólia mergulhada em mel.

— Chega, minha querida.

Olhei para a varanda da frente da casa, onde uma mulher mais velha, usando um terno azul marinho, estava parada entre as samambaias horripilantes. Ela estava sorrindo, mas de forma assustadora, como o sorriso das bonecas, e apontou para mim com um de seus dedos longos.

— Não usamos nossos poderes contra outros Prodígios aqui, não importa o quanto nos provoquem — disse ela em uma voz delicada, musical. Na verdade, se a casa pudesse falar, eu esperaria que soasse assim.

— E talvez eu também deva acrescentar, Archer — continuou a mulher, dirigindo-se ao menino de cabelos escuros —, que essa aluna é nova no

Hecate, ao contrário de você, que sabe muito bem que não pode atacar outros alunos.

Ele franziu o cenho.

— Então eu devia ter deixado que ele a comesse?

— A magia não é a solução para tudo — respondeu ela.

— Archer? — perguntei, levantando minhas sobrancelhas. Cara, você pode até acabar com meus poderes, mas meu sarcasmo ainda vai estar à disposição. — O seu último nome é Newport ou Vanderbilt? Talvez algum número também? Ah! — falei com os olhos bem abertos. — Talvez Júnior ou Neto!

Eu queria magoá-lo ou pelo menos deixá-lo irritado, mas ele continuou sorrindo.

— Na verdade, é Archer *Cross*, e sou o primeiro com esse nome na família. E você? — Ele pensou. — Vejamos... cabelos castanhos, sardinhas, com esse ar de vizinha bonitinha... Allie? Lacie? Com certeza é algum nome fofinho desses que terminam em *ie*.

Sabe quando você move os lábios mas não sai nenhum som? É, foi isso o que aconteceu. E aí, é claro, minha mãe aproveitou o momento para finalizar a conversa com os pais de Justin e me chamar.

— Sophie! Espere por mim.

— Sabia — disse Archer, rindo. — Até mais, "Soph*ie*" — disse ele, virando-se e entrando na casa.

Voltei a olhar para a mulher. Ela devia ter uns cinquenta anos, e tinha cabelos loiros escuros que haviam sido enrolados, amassados, e provavelmente ameaçados a se manterem no lugar certo naquele penteado tão complicado. Pelo ar de realeza e seu terno no tom de azul característico do Hecate Hall, presumi que fosse a reitora da escola, a Sra. Anastácia Casnoff. Não era preciso consultar o manual para lembrar disso. Um nome como *Anastácia Casnoff* geralmente fica na sua cabeça.

A mulher loura era realmente a líder de nome estranho do Hecate Hall. Minha mãe e ela trocaram um aperto de mãos.

— Grace Mercer. E essa é Sophia.

— *So-phí-ah* — disse a Sra. Casnoff com seu sotaque sulista. Meu simples nome soou como um prato exótico em um restaurante chinês.

— Na verdade, é *Sôu-phie* — disse eu rapidamente, antes que todo mundo me chamasse de Sophiiia para sempre.

— Bem, vocês não são dessa parte do país, estou certa? — continuou a Sra. Casnoff enquanto caminhávamos para a escola.

— Não — respondeu mamãe, passando uma das malas para o outro ombro. O baú ainda estava entre nós. — Minha mãe é do Tennessee, mas um dos únicos estados nos quais ainda não moramos é a Geórgia. Nós já nos mudamos algumas vezes.

Algumas vezes foi maneira de falar.

Foram dezenove estados em meus 16 anos. O máximo de tempo que passamos em um mesmo lugar foi em Indiana, quando eu tinha oito anos. Ficamos lá por quatro anos. E o mínimo de tempo foi em Montana, há três anos atrás — por duas semanas.

— Entendo — disse a Sra. Casnoff. — E o que a senhora faz, Sra. Mercer?

— *Senhorita* — corrigiu mamãe automaticamente e um pouco alto. Ela mordeu o lábio inferior e colocou uma parte do cabelo (que não estava nem caído) atrás da orelha. — Sou professora de Estudos Religiosos. Mitologia e folclore, principalmente.

Fiquei atrás delas enquanto subíamos as escadas imponentes do Hecate Hall.

O lugar estava incrivelmente gelado, o que significava que havia sido feito algum feitiço com o ar-condicionado. O cheiro era o mesmo de outras casas velhas, um odor que combinava lustrador de móveis, madeira antiga, e o cheiro mofado de papel velho, como em uma biblioteca.

Estava me perguntando se a junção das casas seria tão óbvia do lado de dentro quanto era do lado de fora, mas todas as paredes eram cobertas com o mesmo papel de parede de um tom feio de vermelho, sendo impossível ver onde a madeira acabava e o cimento começava.

Bem na frente da porta de entrada, o saguão gigante tinha uma escada espiral de mogno, que se enroscava por três andares e parecia não ser

sustentada por nada. Atrás das escadas, havia um vitral que começava no segundo andar e ia até o teto. O sol do fim da tarde brilhava pela janela, enchendo o saguão de formas geométricas com cores vibrantes.

— Impressionante, não é? — disse a Sra. Casnoff com um sorriso. — A luz forma uma imagem da origem dos Prodígios.

A janela mostrava um anjo com uma expressão de raiva em pé entre portões dourados. Em uma de suas mãos, o anjo carregava uma espada negra, e com a outra apontava, indicando claramente que as três figuras na frente dos portões deviam ir embora dali. Só que de uma forma angelical, entende?

As três figuras também eram anjos, e todos pareciam estar bem preocupados. O anjo à direita, uma mulher com longos cabelos ruivos, estava com as mãos sobre o rosto. Havia uma pesada corrente de ouro em volta de seu pescoço e eu percebi que a joia era formada por uma série de pequenas figuras de mãos dadas. O anjo à esquerda estava usando uma coroa de folhas e olhava para trás, por cima do ombro. E no meio, o anjo mais alto olhava para a frente, com a cabeça para cima e os ombros para trás.

— É... bonito — comentei, finalmente.

— Você sabe a história, Sophie? — perguntou a Sra. Casnoff. Balancei a cabeça negativamente; ela sorriu e apontou para o anjo atrás dos portões.

— Depois da Grande Guerra entre Deus e Lúcifer, os anjos que se recusaram a tomar uma posição foram expulsos do paraíso. Um grupo — disse apontando para o anjo alto no meio — escolheu esconder-se embaixo das colinas e nas profundezas das florestas. São, hoje, as fadas. Outro grupo escolheu viver entre os animais, o grupo dos metamorfos. E o último grupo resolveu se misturar aos humanos e se tornou os bruxos.

— Uau — exclamou mamãe. Eu me virei para ela com um sorriso.

— Boa sorte! Você vai ter que explicar para Deus que costumava bater em uma de suas criaturas divinas.

Assustada, mamãe deu uma gargalhada.

— Sophie!

— O quê? Você fazia isso mesmo. Espero que goste de altas temperaturas, mãe, estou só dizendo.

Minha mãe riu de novo, mesmo que desse para perceber que ela não queria.

A Sra. Casnoff franziu o rosto antes de pigarrear, e continuar o tour.

— Os alunos no Hecate têm entre 12 e 17 anos. Uma vez que um aluno é sentenciado ao Hecate, só pode sair depois de seu aniversário de 18 anos.

— Então alguns alunos podem ficar aqui por, tipo, seis meses, e outros podem ficar por seis anos? — perguntei.

— Precisamente. A maioria dos nossos alunos é mandada para cá logo depois de descobrirem seus poderes. Mas sempre existem exceções, como você.

— Sei — murmurei.

— Como são as aulas por aqui? — perguntou mamãe, dando uma olhada para mim.

— As aulas no Hecate seguem o modelo das aulas em Prentiss, Mayfair e Gervaudan.

Mamãe e eu concordamos com a cabeça como se soubéssemos o que aquelas palavras significavam. Acho que não convencemos a Sra. Casnoff, porque ela prosseguiu.

— Que são os melhores internatos para bruxas, fadas e metamorfos, respectivamente. As aulas são escolhidas de acordo com a idade do aluno e com as dificuldades individuais que tem em lidar com o mundo dos humanos. — Ela deu um sorriso frágil e continuou: — O currículo pode ser um desafio, mas não tenho dúvidas de que Sophie vai se sair muito bem.

Nunca me senti tão ameaçada por palavras de incentivo.

— Os dormitórios das meninas ficam no terceiro andar — disse a Sra. Casnoff, apontando para cima. — Os meninos ficam no segundo andar. As aulas acontecem no primeiro andar e nos prédios ao redor.

Ela apontou para os lados esquerdo e direito das escadas, onde corredores longos e estreitos se ligavam ao saguão. A maneira como ela apontou e o terno azul me fizeram lembrar de uma aeromoça e eu fiquei

esperando que ela me dissesse que caso houvesse uma emergência, o meu blazer novo do Hecate poderia ser utilizado para flutuação na água.

— E... os alunos são separados por... hum... — Mamãe moveu as mãos.

A Sra. Casnoff sorriu, mas eu notei que foi um sorriso tão contido quanto seu coque apertado.

— Por suas habilidades? Não, é claro que não. Um dos princípios fundamentais do colégio é ensinar aos alunos a coexistir com todas as raças do Prodígio.

A Sra. Casnoff virou-se e nos levou até o outro lado do saguão. Ali, três janelas enormes iam do chão até o terceiro andar. Do lado de fora estava o pátio, onde os alunos começavam a se reunir em bancos de pedra embaixo de árvores com vida. Eu digo alunos, mas na verdade acho que todos eram *coisas*, como eu, só que não dava para distingui-las. Pareciam ser um bando de crianças normais, bem, com exceção das fadas.

Vi uma menina gargalhando enquanto oferecia um gloss para outra, e alguma coisa se apertou no meu peito. Senti um toque gelado no meu braço e pulei para trás, assustada. Uma mulher pálida vestindo azul passou por mim.

— Ah, sim — disse a Sra. Casnoff com um sorriso recatado. — Isabelle Forteney, um dos nossos espíritos residentes. Tenho certeza de que você leu sobre isso: o Hecate Hall abriga alguns espíritos, todos fantasmas do Prodígio. Eles são inofensivos e completamente incorpóreos. Isso significa que eles não podem tocar em você nem em qualquer objeto, podem assustar de vez em quando, mas é o máximo que fazem.

— Ótimo — exclamei, vendo Isabelle sumir dentro de uma parede de madeira.

Enquanto ela ia embora, percebi um movimento com o canto do olho e me virei. Era outro espírito parado na base das escadas. Era uma menina da minha idade usando um casaco verde-claro e um vestido curto e florido. Ao contrário de Isabelle, que pareceu nem notar que eu estava ali, essa menina estava olhando para mim. Abri a boca para perguntar à Sra. Casnoff quem era ela, mas a reitora já estava se dirigindo à outra pessoa no saguão.

— Srta. Talbot! — chamou ela.

Era impressionante como sua voz ia até o outro lado do saguão sem que ela estivesse nem perto de gritar.

Uma menina pequena — que não tinha nem um metro e meio de altura — apareceu ao lado do cotovelo da Sra. Casnoff. Sua pele era branca como a neve, assim como o cabelo, com exceção de uma mecha rosa na franja. Ela usava óculos com uma armação preta e grossa, e mesmo sorrindo, dava para ver que era apenas para agradar a Sra. Casnoff. Seus olhos estavam cheios de tédio.

— Essa é Jennifer Talbot. Acho que você vai dividir o quarto com ela, Srta. Mercer. Jennifer, esta é Sophiiia.

— Pode me chamar de "Sophie" — corrigi.

Jennifer também a corrigiu: "Jenna."

O sorriso da Sra. Casnoff ficou apertado, como se tivessem parafusos nos cantos da boca.

— Nossa, não sei o que há com as crianças hoje em dia, Srta. Mercer. Elas recebem nomes lindos e resolvem deformá-los na primeira oportunidade. De qualquer maneira, Srta. Mercer, a Srta. Talbot é, assim como você, uma aluna nova. Ela se juntou a nós no ano passado.

Mamãe sorriu e apertou a mão de Jenna.

— Prazer em conhecê-la. Você é, hum... uma bruxa, como Sophie?

— *Mãe*! — sussurrei.

Jenna balançou a cabeça e respondeu:

— Não, senhora, sou uma vampira.

Senti o corpo de mamãe enrijecer ao meu lado, e sabia que Jenna também havia percebido. Mesmo envergonhada por causa de mamãe, também fiquei meio assustada. Bruxas, metaformos e fadas eram uma coisa; vampiros são monstros, simples assim. Aquela história supersensível de dizer que são crianças da noite era uma besteira.

— Ah, tá — disse mamãe tentando recuperar-se. — Eu... hum... não sabia que vampiros vinham para o Hecate Hall.

— É um novo programa que temos aqui — disse a Sra. Casnoff, acariciando os cabelos de Jenna, que mantinha no rosto uma expressão

vazia mas educada, e até doce, e que ficou um pouco tensa com o carinho.
— Todos os anos — continuou a Sra. Casnoff —, o Hecate recebe um vampiro jovem, oferecendo a chance de estudar com os Prodígios, na tentativa de algum dia conseguirmos corrigir esses desafortunados.

Olhei rapidamente para Jenna, porque... *desafortunados*? Ai.

— Infelizmente, a Srta. Talbot é a única vampira que temos no momento, apesar de um dos nossos instrutores também ser um vampiro — disse a Sra. Casnoff.

Jenna deu um sorriso estranho novamente, como se não fosse um sorriso de verdade, e ficamos todas paradas, em meio a um silêncio desconfortável, até que mamãe disse:

— Querida, por que você não deixa que a... — Ela olhou meio sem graça para minha nova companheira de quarto.

— Jenna.

— Isso, isso. Por que não deixa que Jenna mostre onde é seu quarto? Tenho algumas coisas para conversar com a Sra. Casnoff e depois subo para dizer tchau, certo?

Olhei para Jenna, que estava parada sorrindo, mas seus olhos pareciam enxergar além de nós.

Coloquei a mala no outro ombro e fui pegar meu baú com mamãe, mas Jenna chegou antes.

— Não precisa ajudar... — comecei a dizer, mas ela balançou uma das mãos.

— Tranquilo. Uma das vantagens de ser uma aberração sugadora de sangue é ter uma superforça.

Eu não sabia o que responder, então soltei um "Ah" meio sem graça. Ela pegou um lado do baú e peguei o outro.

— Nenhuma chance de um elevador aqui, né?

Eu tinha que fazer alguma piada. Jenna riu.

— Não... isso seria conveniente demais.

— Por que eles não têm, tipo, um feitiço para transportar bagagens?

— A Sra. Casnoff é bem dura em relação a usarmos feitiços só porque temos preguiça de fazer alguma coisa. Parece que, pra ela, carregarmos

nossas malas escadas acima ajuda na formação do caráter.

— Claro — respondi enquanto nos esforçávamos para passar pelo hall do segundo andar.

— Então, o que você acha dela? — perguntou Jenna.

— Da Sra. Casnoff?

— É.

— O coque dela é impressionante.

O sorriso de Jenna confirmou que eu dissera a coisa certa.

— É mesmo, né? Juro por Deus, aquele penteado é uma coisa épica.

Ela tinha um leve sotaque sulista. Era bonitinho.

— Falando em penteados — arrisquei —, como você consegue ficar com essa mecha rosa na franja? Ninguém implica com você?

Jenna mexeu nos fios com a mão que estava livre.

— Ah, eles não se importam muito com vampiros pobres com bolsa de estudos. Acho que, contanto que eu não almoce meus amigos, posso ter a cor de cabelo que quiser.

Quando chegamos no terceiro andar, ela me observou.

— Posso pintar o seu, se você quiser. Mas não de rosa. Rosa é a minha cor. Talvez roxo?

— Hum... talvez.

Paramos na frente do quarto 312. Jenna abaixou o lado do baú que carregava e pegou as chaves. Seu chaveiro era amarelo e tinha seu nome em letras rosas.

— Chegamos!

Ela destrancou e abriu a porta.

— *Twilight Zone*, seja bem-vinda!

CAPÍTULO 3



Em vez de *Twilight Zone*, aquilo devia se chamar "zona do Meu Deus, quanta coisa rosa".

Não sei o que esperava do quarto de uma vampira. Talvez muito preto, uns livros do Camus... ah, e um retrato singelo do único humano que a vampira já amou, que, com certeza, havia morrido por algum motivo trágico e belo, amaldiçoando a vampira a uma eternidade de apatia e suspiros românticos.

O que posso fazer? Li vários livros assim.

No entanto, o quarto parecia ter sido decorado pela filha maldita da Barbie com a Moranguinho. Era maior do que eu esperava, mas ainda assim era pequeno. Havia espaço suficiente para duas camas iguais, duas mesas, duas penteadeiras e um futon velho. As cortinas eram bege, mas Jenna havia colocado um cachecol rosa-shocking em cima dos ganchos. Entre as duas mesas havia um daqueles biombos chineses antigos, mas até ali Jenna havia deixado sua marca, pois a madeira havia sido pintada de... sim, você acertou: de rosa. O alto do biombo estava enfeitado com luzes rosas de Natal e a cama de Jenna tinha um cobertor de pelúcia rosa escuro.

Jenna viu que eu estava olhando para o cobertor.

— Maneiro, né?

— Eu... eu não sabia que existia um rosa nesse tom.

Jenna chutou os sapatos para longe e se jogou na cama. Dois travesseiros e um leãozinho de pelúcia caíram no chão.

— O nome dessa cor é "framboesa elétrica".

— É perfeito. — Sorri e coloquei meu baú em cima da cama, que era tão simples quanto... bem, tão simples quanto eu, se comparada a Jenna. — Sua outra companheira de quarto também gostava de rosa?

O rosto de Jenna congelou por um segundo. Mas logo a expressão estranha sumiu, e ela se abaixou para pegar os travesseiros e o leãozinho.

— Não... Holly ficou usando as coisas azuis que eles dão se você não trouxer suas próprias coisas. Você trouxe suas cobertas, né?

Abri o baú e mostrei uma ponta do meu lençol verde. Jenna pareceu ficar meio desapontada. Ela suspirou e disse:

— Bem, é melhor do que o azul que eles dão. Então... — Ela se virou na cama e começou a mexer nos objetos da mesinha de cabeceira. — O que a traz para o Hex Hall, Sophie Mercer?

— Hex Hall? — repeti.

— "Hecate Hall" é meio exagerado — explicou Jenna. — A maioria das pessoas diz apenas Hex. É também um nome mais apropriado, porque quer dizer "feitiço".

— Ah.

— Então, o que você fez? — perguntou ela novamente. — Você fez chover sapos ou transformou algum cara em uma rã?

Recostei-me na cama tentando imitar o ar casual de Jenna, mas é bem difícil quando se está deitada em um colchão sem lençol, então me sentei e comecei a tirar coisas do baú.

— Fiz um feitiço de amor para uma menina da minha turma. Só que deu errado.

— Não funcionou?

— Funcionou demais.

Contei uma versão resumida do episódio Kevin/Felícia.

— *Nooo*ssa — disse ela, balançando a cabeça. — Essa foi pesada.

— Pois é — respondi. — Então você é... hum, você é uma vampira. Como foi que isso aconteceu?

Ela não olhou para mim, mas seu tom era casual.

— Da mesma maneira que acontece com todo mundo: conheci um vampiro, fui mordida. Nem é assim tão interessante.

Eu entendia o fato dela não querer compartilhar a história toda com uma pessoa que conheceu há meros 15 minutos.

— E a sua mãe é normal, né? — perguntou ela.

Hum. Isso não era um assunto do qual *eu* queria falar no meu primeiro dia, mas enfim, era isso que devíamos fazer durante a adaptação, não era? Compartilhar maquiagem, roupas e segredos obscuros com sua companheira de quarto.

Tossi de leve para limpar a garganta.

— É, o meu pai é um bruxo, mas eles não estão mais juntos.

— Ah — disse Jenna. — Não precisa dizer mais nada. Muitos alunos daqui vêm de famílias divorciadas. Parece que nem magia garante um casamento feliz.

— Seus pais são divorciados?

Ela finalmente achou o esmalte que estava procurando.

— Não, eles ainda são felizes. Chega a dar nojo. Quero dizer... acho que eles são felizes. Não os vejo desde que, hum, me transformei.

— Nossa — respondi. — Que chato. — Enquanto terminava de colocar o lençol na cama, decidi mudar de assunto. — Então, se você é uma vampira, não posso abrir as cortinas de manhã?

— Pode sim. Está vendo isto?

Ela tirou um cordão de prata do pescoço e mostrou um pingente pequeno, do tamanho de um caroço de feijão e vermelho-escuro. Qualquer pessoa acharia que era um rubi, mas eu já tinha visto fotos daquilo nos livros de mamãe.

— É uma pedra de sangue?

Pedras de sangue eram pedras claras e ocas que podiam ser enchidas com o sangue de bruxos poderosos e funcionavam como proteção contra diversas coisas. Acho que no caso de Jenna a pedra anulava suas características vampiras, o que era um alívio. Pelo menos eu poderia comer alho na frente dela.

Jenna começou a pintar as unhas da mão esquerda.

— E quanto ao sangue? — perguntei.

Ela soltou um suspiro longo.

— Isso é vergonhoso. Tenho que ir até a enfermaria, onde tem uma geladeira pequena com várias bolsas de sangue, como na Cruz Vermelha ou alguma coisa assim.

Tentei não tremer só de imaginar a cena. Sangue é uma coisa muito nojenta para mim: se me corto com papel, quase passo mal. Foi muito bom saber que Jenna não ia fazer lanchinhos no nosso quarto. Eu nunca conseguiria namorar um vampiro, só de pensar no bafo de sangue... eca.

Daí notei que Jenna estava me encarando. Droga! Será que o nojo estava estampado no meu rosto? Dei um sorrisinho falso só para disfarçar e disse:

— Legal. Tipo um self-service.

Jenna riu.

— Essa foi boa.

Ficamos sentadas em silêncio até que Jenna perguntou:

— A separação dos seus pais foi muito conturbada?

— Acho que sim — respondi. — Aconteceu antes de eu nascer.

Ela olhou para as unhas e depois para mim e soltou um "Uau".

Fui até minha mesa. Alguém — acho que foi a Sra. Casnoff — havia deixado lá meu quadro de aulas. Parecia ser um planejamento normal, mas tinha coisas do tipo "S-A, 9h15-10, *Evolução da Magia*, Sala Amarela".

— É. Mamãe não fala muito sobre o que aconteceu, mas deve ter sido muito ruim, porque ela não deixa meu pai me ver.

— Então você nunca viu seu próprio *pai*?

— Tenho uma foto dele. E já falei com ele por telefone e por e-mail.

— Cara, o que será que ele fez? Será que ele tipo bateu nela ou alguma coisa assim?

— Eu não sei!

Minha voz saiu um pouco mais esganiçada do que eu gostaria.

— Foi mal — murmurou ela.

Voltei para a cama e comecei a alisar meu cobertor. Depois de consertar umas cinco rugas imaginárias (e de Jenna pintar a mesma unha umas três vezes), virei-me e disse:

— Eu não quis ser grossa...

— Não, tudo bem. Isso não é da minha conta.

O sentimento agradável de amizade tinha se esvaído por completo agora.

— É só que... tipo, durante toda a minha vida só vivi com minha mãe, e não estou acostumada com isso de ficar contando sobre a minha história ainda. Acho que nós sempre fomos super-reservadas.

Jenna assentiu, mas ainda não estava olhando para mim.

— Você e sua outra companheira de quarto deviam contar tudo uma para a outra, né?

Aquela expressão meio obscura voltou ao seu rosto. Ela tampou o esmalte de repente.

— Não — disse ela com calma. — Nem tudo.

Ela tacou o esmalte na gaveta e saiu da cama.

— Vejo você no jantar.

Quando saiu, quase deu de cara com minha mãe. Jenna murmurou um pedido de desculpas enquanto corria para longe.

— Soph — disse mamãe, sentando-se na cama. — Não me diga que você já brigou com a sua companheira de quarto?

Ela tinha um dom muito chato de perceber o que se passava comigo.

— Não sei. Acho que sou muito ruim com essa coisa de meninas, sabe? A última amiga que tive foi no sexto ano. Não dá para ter uma melhor amiga quando o máximo que você fica em um lugar são seis meses, então eu... não, mãe, não quis que você ficasse chateada.

Ela balançou a cabeça e limpou as lágrimas do rosto.

— Não, tudo bem, querida. É só que... eu queria muito ter lhe dado uma infância normal.

Sentei-me e a abracei.

— Não diga isso. Minha infância foi ótima. Quantas pessoas podem viver em dezenove estados? Já vi tanta coisa!

Não foi a melhor coisa a se dizer, pois mamãe pareceu ficar ainda mais triste.

— E esse lugar é irado! Olha, eu tenho esse quarto todo rosa, e Jenna e eu estamos próximas o suficiente para brigarmos, o que é uma parte importante dessa coisa de amizade entre meninas, não é?

Missão cumprida. Mamãe estava sorrindo.

— Você tem certeza, querida? Se você não gosta daqui, não precisa ficar. Tenho certeza de que podemos fazer alguma coisa para tirar você daqui.

Por um segundo, eu quis dizer: "Sim, por favor, vamos pegar a próxima barca e sair desse freak show." Mas eu disse:

— Não é para sempre, né? São apenas dois anos e tenho férias no Natal e no verão, igual à escola normal. Vou ficar bem. Agora pode ir embora antes que eu chore e pareça uma boba.

Os olhos de minha mãe encheram-se de lágrimas de novo e ela me deu um abraço bem apertado.

— Amo você, Soph.

— Também amo você — respondi com um nó apertado na garganta.

Depois de me fazer prometer que eu ligaria pelo menos três vezes na semana, minha mãe foi embora. Aí me deitei na cama, que não era rosa, e chorei como uma boba.

CAPÍTULO 4



Quando acabei de desabafar no quarto, eu ainda tinha uma hora até o jantar, então decidi explorar o lugar. Abri as duas portinhas no nosso quarto achando que ia encontrar banheiros separados, mas não, eram apenas closets.

O único banheiro no andar era no fim do corredor e, assim como o resto da casa, era assustador. A única iluminação lá dentro vinha de lâmpadas de baixa voltagem que circundavam o grande espelho que ficava em cima das pias. Isso significava que as cabines com chuveiros no fundo do cômodo ficavam no escuro. Dei uma olhada nos chuveiros e descobri um novo sentido para a palavra "pegajoso".

Sabia que eu deveria ter colocado chinelos na mala.

Além dos chuveiros com mofo, havia várias banheiras perto de uma das paredes, separadas por muretas na altura da cintura. Quem tomaria um banho de banheira na frente de várias outras pessoas?

Arriscando-me a pegar todas as doenças possíveis, fui até uma das pias e joguei um pouco de água no rosto. Olhando-me no espelho, vi que não havia ajudado muito. Meu rosto ainda estava vermelho de tanto chorar, o que fazia com que minhas sardas ficassem ainda mais chamativas.

Balancei a cabeça, como se isso fosse melhorar o que eu estava vendo. Não funcionou. Portanto, depois de um suspiro, resolvi investigar o resto

do Hecate Hall.

Nada estava acontecendo no meu andar, a não ser o caos usual que ocorre quando você coloca cinquenta meninas juntas. Havia quatro corredores no terceiro andar, dois à esquerda das escadas, dois à direita. O saguão era enorme e foi convertido em um lounge. Havia dois sofás e várias cadeiras, mas nada combinava e tudo parecia gasto. Todos os assentos estavam tomados, portanto resolvi ficar perto das escadas.

A fada que eu vi mais cedo, a que chorou lágrimas azuis, parecia recuperada. Ela estava jogada em um sofá de tom amarelado, rindo com outra fada. Essa outra tinha asas verde-claras que batiam levemente contra as costas do sofá. Sempre achei que asas de fadas eram como as de borboletas, mas, na verdade, eram mais finas e mais transparentes. Dava para ver as veias correndo por elas.

Elas eram as únicas fadas no lounge. O outro sofá estava tomado por um grupo de meninas que deviam ter uns doze anos e que cochichavam nervosas. Eu não sabia se eram bruxas ou metamorfos.

A menina de cabelos pretos que eu vi no pátio estava sentada em uma poltrona marfim, mudando os canais da pequena televisão que ficava em cima de uma estante de livros.

— Será que você pode diminuir o volume? — pediu a fada de asas verdes, virando-se para a menina na poltrona. — Tem gente querendo conversar, Menina Cachorro.

Nenhuma das meninas de 12 anos reagiu ao comentário, então deduzi que eram bruxas. Uma mutante com certeza pareceria mais ofendida.

A fada azul gargalhou enquanto a menina de cabelos pretos se levantava e desligava a televisão.

— Meu nome é Taylor — disse, jogando o controle remoto na fada verde. — *Taylor*. E me transformo em um leão das montanhas, não em um cachorro. Se vamos morar juntas por alguns anos, é bom você se lembrar disso, Nausicaa.

Nausicaa revirou os olhos, suas asas verdes bateram suavemente.

— Ah, não vamos morar juntas por muito tempo, isso eu garanto. Meu tio é rei da corte Seelie, e assim que eu contar a ele que estou dividindo

quarto com um metamorfo... Bem, digamos que espero que as minhas acomodações mudem.

— Ah, tá. Parece que seu tio não conseguiu manter você longe desse lugar — respondeu Taylor.

A expressão de Nausicaa ainda estava calma, mas suas asas bateram mais depressa.

— Não vou morar com uma mutante — disse ela à Taylor. — Certamente não quero ter que conviver com a caixa onde você faz suas necessidades.

A fada azul gargalhou de novo e Taylor ficou vermelha. Mesmo de longe, vi seus olhos castanhos ficarem dourados. Ela começou a respirar forte e disse:

— Cale a boca! Por que você não sai daqui e vai abraçar uma árvore, sua fada demente?

Sua voz estava distorcida, como se ela estivesse murmurando com um monte de bolas de gude na boca. Daí percebi que ela estava murmurando com um monte de *dentes caninos* na boca.

Nausicaa teve o bom-senso de mostrar-se um tanto assustada, virando para a fada azul e dizendo:

— Vamos, Siobhan. Vamos deixar que a animal se controle.

As duas se levantaram, passaram por mim e desceram as escadas.

Olhei para Taylor, que ainda estava respirando forte, com os olhos bem-fechados. Depois de um tempo, ela tremeu e, quando abriu os olhos, eles estavam castanhos novamente. Aí ela olhou para a frente e me viu.

— Fadas — disse com uma risada nervosa.

— É — respondi. Como se eu já tivesse visto fadas antes de hoje.

— Hoje também é seu primeiro dia? — perguntou ela.

Fiz que sim com a cabeça e ela disse:

— Sou Taylor. Mutante, como você pôde ver.

— Sophie. Bruxa.

— Legal.

Ela se ajoelhou no sofá onde as fadas estavam e cruzou os braços no encosto do assento, olhando para mim com aqueles olhos escuros.

— Então... o que você fez para vir parar aqui?

Olhei em volta. Ninguém estava prestando atenção, mas mantive a voz baixa do mesmo jeito.

— Um feitiço de amor que deu errado.

Taylor assentiu.

— Tem várias bruxas aqui por causa desse tipo de coisa.

— E você? — arrisquei.

Ela tirou uma mecha de cabelo de cima do olho.

— Basicamente por causa disso que você acabou de ver. Perdi a paciência com umas meninas e a leoa apareceu. Mas isso não é nada se comparado a algumas coisas que os alunos daqui fizeram. — Ela se inclinou na minha direção e sua voz virou um sussurro: — Sabe uma lobisomem chamada Beth? Ouvi dizer que ela *comeu* uma menina. Mesmo assim — disse ela, olhando para as escadas — prefiro ter uma pessoa como ela no meu quarto do que uma fada metida.

Ela olhou para mim novamente.

— Você vai dividir o quarto com o quê?

Não gostei da forma como ela falou "o quê", então meu tom foi meio seco quando respondi "Jenna Talbot".

Seus olhos se arregalaram.

— Cara, a vampira? — Ela riu baixinho. — Esquece, prefiro uma fada chata do que uma dessas.

— Ela não é tão ruim — falei automaticamente.

Taylor deu de ombros e pegou o controle remoto que havia jogado em Nausicaa.

— Se você diz... — murmurou ela, ligando a TV novamente.

Tudo indicava que nossa conversa havia acabado, então fui para o segundo andar. Era o Mundo dos Meninos, então eu não podia explorar o local com tanto afinco. O espaço era idêntico ao nosso, só que o lounge deles parecia bem menos conservado do que o nosso. Havia espuma saindo de um dos sofás e uma mesa torta de jogar cartas estava encostada na parede. Não havia ninguém ali, mas dei uma olhada em um dos corredores e vi Justin tentando empurrar um baú enorme para um dos quartos —

presumi que fosse o dele. Ele parou e seus ombros se encolheram em sinal de derrota. Senti um pouco de pena dele. Vendo-o tentar empurrar um baú quase do seu tamanho me fez lembrar que, mesmo sendo um lobisomem, ele era apenas uma criança. Ele se virou, me viu, e — não estou exagerando — rosnou.

Desci correndo as escadas para o primeiro andar. Estava bem quieto lá. Vi apenas duas pessoas de bobeira, uma delas era um cara com porte de atleta, vestindo jeans e camisa de flanela. Eu me perguntei se ele era irmão de alguém, porque era muito velho para estar no colégio, e estava vestindo jeans em vez de calça cáqui.

Meus passos em direção a um dos corredores foram abafados por um grosso tapete oriental em tons de vermelho e dourado.

Dei uma espiada no primeiro cômodo que encontrei. Parecia ter sido uma sala de jantar ou talvez uma sala de estar. A parede oposta à porta não tinha nada além de janelas, eu finalmente tive uma boa noção da propriedade. Esse quarto dava vista para um pequeno lago com um píer e uma cabana simpática e malconservada. No entanto, o que realmente me chamou a atenção foi o verde. A grama, as árvores, a fina manta de algas no lago — onde eu realmente, realmente *mesmo*, não gostaria de ter aulas de canoagem —, tudo tinha um tom claro de verde que machucava os olhos, um tom que eu nunca tinha visto antes. Até as nuvens que estavam se juntando em uma ameaça de tempestade de fim de tarde pareciam estar manchadas de verde.

O carpete do quarto também era verde, e macio, quase como um lodo, o que me fez pensar em musgos e fungos. Fotos cobriam as outras três paredes e todas mostravam o mesmo: um grupo de Prodígios reunido na varanda da frente. Não sabia se eram bruxos ou metamorfos, mas não havia fadas. Uma pequena placa dourada na base de cada moldura mostrava o ano, começando em 1903 e terminando na foto do ano passado, à direita da porta.

Havia apenas seis adultos na foto mais antiga, todos com um rosto sério — pareciam o tipo de pessoa que chuta gatinhos para se divertir. Prodígios mais novos só começaram a aparecer em 1967. Será que foi aí que o

Hecate Hall virou uma escola? Caso a resposta seja positiva, o que teria sido antes disso?

Na foto do ano passado, havia quase cem alunos e todos pareciam bem mais relaxados. Vi Jenna na frente, em pé ao lado de uma menina mais alta. Elas estavam com um braço em volta da outra. Talvez fosse a misteriosa Holly.

Para ser sincera, senti um pouco de ciúmes. Eu não conseguia me imaginar íntima o suficiente de uma pessoa para casualmente colocar meu braço em volta dela numa foto. Nas minhas fotos de escola, eu estava sempre em pé sozinha no fundo, com o cabelo no rosto.

Será que foi por isso que Jenna ficou tão estranha quando mencionei a colega de quarto dela? Será que elas foram melhores amigas e agora eu era uma vilã tentando pegar o lugar de Holly? Que ótimo.

— Sophia?

Eu me virei, assustada.

As três meninas mais lindas que já vi na vida estavam paradas atrás de mim. Pisquei os olhos.

Não, não eram todas maravilhosas, apenas a do meio. Ela tinha um cabelo ruivo que caía em cachos macios quase até a cintura e que provavelmente era assim naturalmente. Aposto que ela acordava com o cabelo igual aos dos comerciais de xampu, e passarinhos azuis circundavam sua cabeça enquanto guaxinins traziam café para ela na cama.

Também não pude deixar de notar que ela quase não tinha sardas, o que era suficiente para que eu instantaneamente a odiasse.

A menina à direita era loura, e mesmo com todo aquele tipo californiano — cabelo bem liso, pele bronzeada, olhos azuis — seus olhos eram muito próximos um do outro e, quando ela sorriu para mim, notei que era meio dentuça.

Para completar o trio, havia uma menina negra mais baixa do que eu. Ela era mais bonita do que a loura, mas não chegava nem perto da deusa que estava entre elas. Mesmo assim, olhando para as três, era como se meu

cérebro *quisesse* que todas fossem lindas, meus olhos simplesmente ignoravam as imperfeições.

Era um feitiço. Era a única explicação, mesmo que eu não soubesse como executá-lo. Era uma magia poderosa.

Eu devia estar olhando para elas com uma expressão idiota ou algo do gênero, porque a loura riu e disse:

— Sophie Mercer, né?

Foi aí que percebi que minha boca estava aberta. Fechei-a rapidamente, fazendo um barulho que, naquele cômodo quieto, acabou sendo alto.

— Sim, sou eu.

— Ótimo! — disse a menina baixinha. — Estávamos procurando por você. Sou Anna Gilroy, essa é Chaston Burnett — disse, apontando para a loira — e essa é Elodie Parris.

— Ah — falei, sorrindo para a ruiva. — Que nome bonito. Parece "*melodie*", só que sem o "m".

Ela sorriu.

— Não. É só Elodie mesmo.

— Seja boazinha — ralhou Anna, antes de se virar para mim novamente. — Chaston, Elodie e eu meio que somos do comitê de boas-vindas de novas bruxas. Então, seja bem-vinda!

Ela esticou uma das mãos e cheguei a me perguntar se deveria beijá-la. Saí do meu transe a tempo e apertei a mão dela.

— Vocês três são bruxas?

— Foi o que acabamos de dizer — retrucou Elodie, recebendo outro olhar repreensivo de Anna.

— Desculpe — falei. — É que nunca conheci outras bruxas.

— É mesmo? — perguntou Chaston. — Tipo, nunca conheceu nenhuma bruxa mesmo ou nunca conheceu nenhuma bruxa *negra* antes?

— O quê?

— Bruxas negras — repetiu Elodie.

Se ela estivesse em uma competição contra Nausicaa para ver quem tinha o tom mais metido, ela ganharia.

— Eu... hum... não sabia que existem tipos de bruxas.

As três olharam para mim como se eu estivesse falando em outra língua.

— Sim, mas você *é* uma bruxa negra? — perguntou Anna, tirando um papel de dentro do blazer. Era tipo uma lista que ela leu rapidamente. — Vejamos, Lassiter, Mendelson... aqui, Mercer, Sophia. Bruxa negra. É você.

Ela me deu a lista intitulada "Alunos novos". Tinha uns trinta nomes, todos com classificações entre parênteses. Metamorfos, fadas e bruxas brancas. O meu nome era o único que dizia "Bruxa Negra".

— Negras ou brancas? O que somos, afinal, tipos de carne?

Elodie olhou para mim.

— Você não sabe mesmo? — perguntou Anna gentilmente.

— Não sei mesmo — falei casualmente.

Por dentro, eu estava irritada, porque, tipo, alô, qual é a vantagem de ter uma mãe que supostamente é expert em bruxas quando ela não conta as coisas mais importantes? Sei que não é culpa dela, e que grande parte da bruxaria moderna é supersecreta porque eles têm medo de serem descobertos... mas, cara, eu já estava ficando com vergonha.

— Bruxas brancas... — começou Anna, mas Elodie a interrompeu.

— As bruxas brancas fazem feitiços pequenos. Feitiços de amor, feitiços de localização, leem o futuro, e... sei lá, fazem com que coelhinhos, e gatinhos e arco-íris apareçam no ar ou coisas desse tipo — disse ela, gesticulando.

— Ah — respondi, pensando em Kevin e Felícia. — Sim, feitiços pequenos.

— Bruxas negras fazem coisas maiores — complementou Chaston —, e nossos poderes são bem mais fortes. Podemos fazer feitiços para criar barreiras e, se formos muito boas mesmo, podemos controlar o tempo. Também podemos ser necromantes se...

— Calma! — Levantei uma das mãos. — Necromantes? Tipo, pessoas com poder sobre coisas mortas?

As três assentiram, cheias de entusiasmo, como se eu tivesse sugerido um passeio ao shopping em vez de ressuscitar zumbis.

— Eca! — exclamei sem pensar.

Que erro. Os sorrisos desapareceram imediatamente e um ar gelado tomou a sala.

— *Eca*? — repetiu Elodie. — Meu Deus, quantos anos você tem? O poder sobre os mortos é o mais cobiçado, e você tem nojo dele? Fala sério — disse ela voltando-se para as outras duas —, vocês têm certeza que a querem para nosso coven?

Eu já tinha ouvido falar sobre um coven de bruxas, mas mamãe sempre dizia que eles tinham saído de moda há uns cinquenta anos. Hoje em dia, era cada bruxa por si.

— Peraí — falei, mas Anna me cortou como se nem tivesse me ouvido.

— Ela é a única outra bruxa negra aqui, e você sabe que precisamos de quatro.

— E eu tenho o poder da invisibilidade, pelo visto — murmurei, mas elas me ignoraram.

— Ela é pior do que Holly — comentou Elodie. — E Holly era a versão mais patética de uma bruxa negra no mundo.

— Elodie! — chiou Chaston.

— Holly? — perguntei. — Holly que dividia o quarto com Jenna Talbot?

Anna, Chaston e Elodie olharam para mim com a mesma expressão, o que causou um efeito impressionante.

— Sim — disse Anna com cuidado. — Como você sabe sobre Holly?

— Divido o quarto com Jenna e ela falou sobre Holly. Então ela era uma bruxa negra também? Ela se formou ou alguma coisa do tipo? Ou se mudou daqui?

Agora as três pareciam apavoradas. Até o ar debochado de Elodie se transformou em choque.

— Você está no mesmo quarto que Jenna Talbot? — perguntou ela.

— Foi o que eu acabei de falar — retruquei, mas Elodie nem pareceu notar a minha tentativa de ser pedante.

— Escute — disse ela, pegando meu braço. — Holly não se formou nem se mudou. Ela morreu.

Anna veio para meu outro lado, com os olhos arregalados e assustados.

— E foi Jenna Talbot quem a matou.

CAPÍTULO 5



Quando alguém conta que uma pessoa foi assassinada, rir provavelmente não é a melhor reação. Lembrem-se disso.

Só que foi exatamente o que eu fiz.

— Jenna? Jenna Talbot a matou? O que ela fez, sufocou-a com purpurina rosa ou algo assim?

— Você acha isso engraçado? — perguntou Anna com raiva.

Chaston e Elodie estavam me encarando. Logo suspeitei que o convite para participar do clubinho delas estava prestes a ser retirado.

— Bem... acho. Tipo — complementei rapidamente antes que Elodie soltasse fumaça pelas orelhas —, não é engraçado que alguém tenha morrido. Isso é terrível, porque, você sabe... a morte...

— Sim, nós sabemos disso. "Eca" — disse Elodie, revirando os olhos.

— Mas a ideia de que Jenna seja capaz de matar alguém é meio... engraçada — concluí, sem jeito.

Novamente, as três me encararam. Sério, elas treinam aquilo na frente do espelho?

— Ela é uma vampira — insistiu Chaston. — Você consegue imaginar alguma outra explicação para Holly ter morrido com dois furos no pescoço?

Elas estavam ao meu redor agora, como se estivéssemos no meio de uma multidão. Lá fora, o sol do fim da tarde havia finalmente desaparecido por trás de nuvens carregadas, fazendo com que a sala ficasse ainda mais sombria e claustrofóbica. Trovões estouravam, e eu sentia aquele cheiro quase metálico que sempre aparece antes das tempestades.

— Quando Holly começou aqui, há dois anos, nós formamos um coven — começou Anna. — Éramos as únicas bruxas negras, e é preciso quatro bruxas para fazer um coven forte, então parecia natural que nos tornássemos amigas. Mas Jenna Talbot apareceu no começo do ano passado, e ela e Holly ficaram no mesmo quarto.

— Do nada — interferiu Chaston —, Holly não andava mais conosco. Ela começou a passar todo seu tempo com Jenna, nos ignorando. Quando perguntávamos o que estava acontecendo, ela só dizia que Jenna era legal. Tipo, mais legal do que nós.

Ela me deu uma olhada que dizia claramente que era impossível encontrar alguém mais legal do que elas.

— Uau — falei, baixinho.

— Aí, um belo dia em março, encontrei Holly chorando na biblioteca — disse Elodie. — Ela só me disse que tinha a ver com Jenna, mas não explicou o que era.

— Dois dias depois, Holly morreu — completou Chaston com uma voz obscura.

Esperei que outro trovão soasse lá fora depois de uma frase daquelas, mas o único som que eu conseguia escutar era o da chuva caindo.

— Eles a encontraram no banheiro lá de cima. — A voz de Elodie era quase um sussurro. — Ela estava na banheira, tinha dois furos no pescoço, e quase nenhum sangue no corpo.

Meu estômago já estava em algum lugar bem perto dos joelhos e eu sentia o coração bater nas orelhas. Não foi à toa que Jenna reagiu daquela maneira quando mencionei sua ex-colega de quarto.

— Que horror.

— É. Foi horrível — concordou Chaston.

— Mas...

— Mas o quê? — Elodie estreitou os olhos.

— Se todos têm certeza que foi Jenna, por que ela ainda está aqui? O Conselho não teria cravado uma estaca no coração dela ou algo assim?

— Eles mandaram uma pessoa sim — disse Chaston, colocando o cabelo atrás das orelhas —, mas o cara disse que as feridas da Holly não poderiam ter sido feitas por presas. Os furos eram muito... perfeitos.

— Perfeitos?

— Vampiros são muito estabanados quando se alimentam — respondeu Anna.

Tentei manter uma expressão séria no rosto e disse:

— Bem, se o Conselho disse que não foi Jenna, então não foi. Tenho certeza de que aqueles caras não deixariam uma vampira maluca frequentar a escola com outros Prodígios.

Elodie foi a única que me olhou nos olhos.

— O Conselho errou — disse ela com convicção. — Holly estava vivendo com uma vampira e morreu porque teve seu sangue sugado *pelo pescoço*. O que mais pode ter acontecido?

Chaston e Anna ainda não estavam olhando para mim. Definitivamente tinha alguma coisa errada ali. Eu não entendia muito bem por que aquelas meninas estavam tão determinadas a me fazer acreditar que Jenna era uma assassina, mas não estavam me convencendo. Além do mais, a última coisa que eu queria no meu primeiro dia era me envolver em algum tipo de rixa entre bruxas e vampiros.

— Olha, ainda tenho que arrumar as minhas coisas... — expliquei.

Anna resolveu mudar de tática.

— Esqueça a vampira por um minuto, Sophie. Escute o que temos a dizer. — Ela estava quase gemendo. — Nós realmente precisamos de um quarto integrante para o coven.

— Isso — adicionou Chaston. — E podemos lhe ensinar muito sobre ser uma bruxa negra. Sem querer ofender, você parece precisar de muita ajuda.

— Hum... vou pensar sobre isso, tá?

Virei-me para ir embora, mas a porta se fechou assim que cheguei perto dela. De repente, um vento soprou na sala e os quadros estremeceram. Quando me virei para as meninas, as três estavam sorrindo para mim, os cabelos esvoaçando em volta de seus rostos, como se estivessem imersas em água.

A única lâmpada da sala piscou e se apagou. Só dava para ver uns traços prateados de luz passando por debaixo da pele das meninas, como se fosse mercúrio. Até os olhos delas brilhavam. Elas começaram a levitar, os mocassins do uniforme não tocavam mais o carpete. Não eram mais rainhas e supermodelos prontas a me receber — eram bruxas e muito perigosas àquela altura.

Mesmo enquanto lutava contra a vontade de ficar de joelhos e colocar as mãos sobre a cabeça, eu me perguntava se também era capaz de fazer aquilo. Se eu não tivesse me ocupado fazendo "feitiços bobos", como o que fiz com Felícia, será que estaria como elas, com a pele acesa por uma luz prateada e os olhos pegando fogo? O poder que senti emanar delas era tão forte quanto estar em um quarto com um tornado e eu sentia como se estivesse a ponto de ser jogada contra a parede de janelas e ir parar no lago. A energia fez com que os vidros de três quadros estourassem. Um pequeno caco de vidro cortou meu braço, mas quase não senti.

Então, com a mesma rapidez que aquilo havia começado, o vento parou e os quadros ficaram imóveis. As três meninas não pareciam mais deusas primitivas, elas eram apenas adolescentes normais e lindas novamente.

— Viu? — disse Anna com entusiasmo. — Isso é o que podemos fazer com três. Imagine o que podemos conseguir com quatro.

Olhei para as três. Aquilo foi a propaganda delas? *Olhe! Somos assustadoras! Venha ser assustadora também!*

— Nossa — falei finalmente. — Isso foi... uau. Foi muito maneiro.

— Então, você tá dentro? — perguntou Chaston.

Ela e Anna sorriam para mim, mas Elodie estava meio distraída, como se estivesse entediada.

— Posso responder depois? — perguntei.

Os sorrisos de Chaston e Anna desapareceram.

— Eu avisei — disse Elodie.

E aí, como se eu de repente tivesse deixado de existir, elas foram embora.

Afundei-me em uma das poltronas, coloquei os joelhos sob o queixo e fiquei vendo a chuva cessar.

Foi naquela mesma posição que Jenna me encontrou uma hora depois, logo após o sino para o jantar ter tocado.

— Sophie? — perguntou ela, com a cabeça inclinada para dentro da sala.

— Oi. — Eu tentei sorrir.

O sorriso deve ter sido bem idiota, porque Jenna logo franziu o cenho.

— O que foi?

Antes que eu pudesse explicar sobre as bruxas de comercial de cosméticos, Jenna começou a falar tão rápido que eu podia praticamente ver as palavras saindo de sua boca.

— Olhe, me desculpe pelo que aconteceu mais cedo. Aquilo não era da minha conta.

— Não, não — pedi, levantando-me. — Jenna, isso aqui não tem a ver com você. Sério. Está tudo bem entre nós.

A expressão em seu rosto ficou mais leve, aliviada. Aí ela olhou para baixo. Foi tão rápido que não tenho certeza, mas acho que vi seus olhos ficarem mais escuros por um segundo. Olhei para o braço e vi o corte que o vidro havia feito.

Claro, tinha me esquecido daquilo. O corte foi mais profundo do que eu havia imaginado. Agora, olhando para baixo, vi gotas do meu sangue manchando o carpete.

Olhei para Jenna, que claramente estava tentando não olhar para o meu braço. Uma sensação meio desconfortável subiu pela minha nuca.

— Ah, isso — falei, cobrindo o machucado. — É, eu estava olhando os quadros e alguns deles caíram. O vidro quebrou e me cortei. Sou mesmo muito desajeitada.

Jenna se virou para a parede e viu que nenhum dos quadros havia caído; apenas três deles estava rachados.

— Deixe-me adivinhar — disse ela, calma. — Você acidentalmente se encontrou com a Tríade.

— Quem? — perguntei, forçando um riso. — Eu nem sei...

— Elodie, Anna e Chaston. E você não querer me contar o que houve significa que elas devem ter falado sobre Holly.

Ótimo. Será que todas as minhas chances de fazer amigos aqui estavam destinadas ao fracasso?

— Jenna — comecei a falar, mas agora era a vez dela me cortar.

— Elas disseram que matei Holly?

Não respondi. Ela fez um som que, acho, era para ter soado como uma gargalhada sarcástica, mas estava claro que era para ela não chorar.

— Sim, porque sou um monstro que não consegue se controlar e que comeria a própria... melhor amiga. — Os cantos de sua boca estavam começando a tremer. — São elas que gostam de coisas pesadas, mas o monstro sou eu — continuou ela.

— Como assim?

Ela olhou para mim antes de se virar para o outro lado novamente.

— Não sei — murmurou. — São só algumas coisas que Holly falou. Algum tipo de feitiço que elas estavam tentando fazer para ter mais poder ou alguma coisa assim.

Lembrei delas levitando sobre o carpete, suas peles em fogo. O que quer que tenham tentado, claramente funcionou.

Jenna começou a fungar. Senti pena dela, mas não conseguia parar de pensar na expressão que vi em seu rosto poucos minutos antes.

Era fome.

Afastei esse pensamento e me aproximei dela.

— Elas que se danem.

Não falei "danem". Tem vezes que só um palavrão mesmo serve, e esse foi um dos casos. Os olhos de Jenna ficaram enormes e dava para ver que ela ficou aliviada.

— É isso mesmo.

Ela balançou a cabeça com tanta força, concordando, que nós duas rimos.

Enquanto caminhávamos para a sala de jantar, dei uma olhada para Jenna, que estava falando sobre como a torta de nozes era boa. Pensei nas três meninas, elas estavam erradas, não tinha como Jenna machucar uma pessoa.

No entanto, mesmo rindo com as descrições extasiadas sobre a torta, senti um pequeno calafrio na coluna ao lembrar de seu olhar quando viu o sangue pingando no carpete.

CAPÍTULO 6



A sala de jantar era muito esquisita. Depois de ouvir dizer que era um salão de festas convertido em sala de jantar, eu esperava algo mais chique: candelabros de cristal, chão de madeira escura e brilhosa, uma parede de espelhos... o salão de festas de qualquer contos de fadas.

Em vez disso, o cômodo tinha o mesmo ar decadente do resto da casa. Ah, sim, é claro que havia candelabros, mas eles estavam cobertos com o que parecia ser enormes sacos de lixo. E tinha uma parede de espelhos, mas estava coberta do chão ao teto com uma lona.

A sala de jantar era uma bagunça de mesas de todos os tamanhos e formatos entulhadas em um cômodo gigante: havia uma mesa de carvalho oval e enorme ao lado de uma mesa de fórmica e aço que parecia ter sido roubada de algum restaurante. Acho até que vi um banco de piquenique. Essa escola não é dirigida por bruxas? Por que elas não faziam tipo um feitiço para criar móveis?

Então, vi a mesa longa e baixa onde estava a comida: tigelas prateadas enormes com camarões, panelas cheias de galinha assada soltando vapor, travessas de macarrão com queijo. Olhei para o bolo de chocolate em formato de torre — no mínimo uns noventa centímetros — coberto com um glacê escuro e cremoso e decorado com morangos grandes e bem vermelhos.

— Isso é só na primeira noite — avisou Jenna.

Depois de encher meu prato, Jenna e eu procuramos um lugar para nos sentarmos. Vi Elodie, Chaston e Anna sentadas em uma mesa de vidro no fundo do salão, portanto imediatamente comecei a procurar um lugar bem longe delas. Havia lugares vazios na maioria das mesas. Quase dava para escutar a mamãe dizendo: "Sophie, por favor, faça um esforço para conhecer pessoas novas."

Mas mamãe não estava lá e dava para perceber que Jenna também não estava muito no clima de socializar. Acabei vendo uma pequena mesa branca perto das portas e apontei o local para Jenna.

A mesa parecia ter sido usada para uma festa de crianças, mas era a única com dois lugares, então não tinha como reclamar.

Sentei em uma das cadeirinhas brancas e meus joelhos bateram na quina da mesa, fazendo Jenna rir.

Enquanto eu devorava a deliciosa comida no meu prato, perguntei a Jenna várias coisas sobre as pessoas que estavam no salão. Comecei com uma mesa de ébano enorme que estava em um nível mais alto no canto do salão. Era obviamente a mesa dos professores, visto que não apenas era a melhor, mas também a maior. Além da Sra. Casnoff, que estava sentada à cabeceira da mesa, mexendo na sua salada, havia mais cinco adultos — dois homens e três mulheres. A professora fada era fácil de distinguir, por causa das asas, e Jenna me falou que o homem grande ao lado dela era o Sr. Ferguson, um metamorfo.

À direita dele estava uma mulher jovem de cabelos claros, quase roxos, e óculos de hastes grossas, como os de Jenna. Ela tinha a pele tão clara que achei que fosse a vampira que a Sra. Casnoff havia mencionado mais cedo, mas Jenna disse que se tratava da Srta. East, uma bruxa branca.

— O vampiro é o cara ao lado dela — disse Jenna, com a boca cheia de torta. Ela apontou para um homem muito bonito com cabelos pretos encaracolados. Ele devia ter uns trinta anos. — Lorde Byron.

Eu ri.

— Nossa, que coisa mais deprê adotar o nome de um poeta morto.

Jenna olhou para mim.

— Não, ele é o Lorde Byron de verdade.

Agora fui eu que olhei para ela.

— Tá falando sério? Tipo, o cara que escreveu *Don Juan* e tudo mais? Ele é um vampiro?

— Aham — confirmou Jenna. — Um vampiro o transformou quando ele estava morrendo na Grécia. O Conselho manteve-o como prisioneiro por muito tempo, porque ele é meio visado. Byron queria voltar para a Inglaterra e transformar todo mundo em vampiros. Quando inauguraram o Hecate, ele foi sentenciado a ser professor aqui.

— Nossa — falei baixinho, olhando para aquela pessoa sobre quem eu havia escrito uma redação no ano passado e que observava os alunos com uma cara fechada. — Deve ser terrível ser imortal e ter que passar a eternidade *aqui*. — Só depois lembrei com quem eu estava conversando. — Ai, desculpe — disse, com cara de idiota.

— Tudo bem — respondeu Jenna, enfiando uma garfada de torta na boca. — Não pretendo passar o resto da minha longa vida em Hex Hall, acredite.

Queria perguntar à Jenna sobre como ela se sentia sabendo que viveria para sempre. Os vampiros são os únicos Prodígios que podem fazer isso. Até as fadas vão se esvair algum dia, e as bruxas e os metamorfos não vivem mais do que as pessoas normais.

Em vez disso apontei para uma mulher de cabelos castanhos e encaracolados que estava sentada à mesa, do outro lado da Sra. Casnoff.

— Quem é ela?

Jenna rolou os olhos para cima e gemeu.

— Eca. Srta. Vanderlyden. Ou a Vandy, como a chamamos. Não na frente dela — adicionou Jenna rapidamente. — Se você a chamar assim, nunca mais vai sair da detenção. Ela é uma bruxa negra, ou pelo menos era. O Conselho anulou seus poderes anos atrás. Agora ela é tipo a nossa mãe ou algo parecido, e dá aula de Educação Física, se é que podemos chamar aquilo de Educação Física. Ela é responsável por garantir que todos sigam as regras e tal. E é totalmente má.

— Ela está usando um prendedor de cabelo horroroso — comentei.

Eu usava aquele tipo de prendedor antigamente, quando eu tinha uns sete anos. Ver uma mulher adulta usando aquilo era o fim.

— Eu sei. — Jenna balançou a cabeça. — Nós temos uma teoria: aquele prendedor é um portal portátil para o inferno. Tipo, ela passa a mão no prendedor e vai para o inferno sempre que precisa recarregar sua cota de maldade.

Eu gargalhei, mesmo sem saber se Jenna estava realmente de brincadeira.

— Tem o zelador também — adicionou Jenna. — Callahan. Nós o chamamos de Cal. Acho que ele não está aqui.

Passamos a conversar sobre os alunos. Notei que Archer estava sentado à mesa com vários outros garotos. Eles estavam rindo de alguma coisa que Archer estava falando e torci para que não fosse a história do "cachorro mau".

— E aquele menino? — perguntei, tentando soar casual.

— Archer Cross, bad boy e galã. Ele é bruxo e todas as meninas aqui estão pelo menos semiapaixonadas por ele. Gostar do Archer Cross poderia fazer parte do nosso currículo.

— E você? — perguntei. — Você gosta dele?

Jenna estudou a minha expressão antes de responder.

— Ele não faz muito o meu tipo.

— Como assim? Você não gosta de meninos altos, morenos e bonitos?

— Não — disse ela com calma. — Eu não gosto de meninos.

— Ah — foi tudo o que consegui dizer.

Nunca tive uma amiga gay. Quero dizer, nunca tive muitos amigos.

Ainda olhando para Archer, eu disse:

— Bem, tentei matá-lo hoje mais cedo.

Depois que Jenna se recuperou de ter se engasgado com o chá, contei a história toda.

— A Sra. Casnoff não pareceu muito impressionada com ele — falei.

— Nem deveria. Archer estava sempre se metendo em confusão no ano passado. Aí ele foi embora no meio do ano letivo por quase um mês e

vários rumores surgiram. As pessoas acharam que ele tinha ido para Londres.

— Por quê? Para dar uma voltinha naqueles ônibus de dois andares?

Jenna olhou para mim com uma expressão engraçada.

— Não, Londres é onde fica o Conselho. Todos acharam que ele ia passar pela Remoção.

Eu tinha lido alguma coisa sobre isso nos livros da minha mãe. Era um ritual intenso que anulava todos os poderes. Mas algo como um em cem Prodígios sobrevivia ao processo. Nunca ouvi falar em ninguém que tenha se voluntariado.

— Por que ele faria isso? — perguntei.

Ela raspou o prato.

— Ele e Holly eram... muito próximos, e ele ficou muito mal quando ela morreu. Algumas pessoas comentaram que o ouviram dizer à Casnoff que ele odiava ser quem era, e que queria ser normal, coisas do tipo.

— Ah — disse eu. — Então ele e a Holly eram um casal?

— Pode-se dizer que sim.

Era claro que Jenna não iria falar mais nada sobre *esse* assunto, então falei:

— Bem, ele com certeza não passou pela Remoção, pois ainda tem poderes.

— É, poderes de sedução — disse Jenna com um risinho.

Joguei um pãozinho nela, mas antes que ela pudesse retaliar, a Sra. Casnoff se levantou. Ela ergueu as mãos e o salão ficou quieto tão rapidamente que qualquer um acharia que ela tinha lançado um feitiço de silêncio.

— Alunos — disse bem devagar —, o jantar acabou. Se essa não é a sua primeira noite no Hecate, por favor, deixe o salão. Os outros podem ficar sentados.

Jenna olhou para mim com simpatia e limpou os nossos pratos vazios.

— Lamento pelo que você vai testemunhar.

— O quê? — perguntei enquanto o salão ficava vazio. — O que vai acontecer?

Jenna balançou a cabeça.

— Digamos que você vai se arrepender de ter comido o segundo pedaço de bolo.

Ai, meu Deus. Arrepender-me por ter comido bolo? O que quer que fosse, devia ser muito ruim mesmo.

Todos estavam saindo em fila quando a voz da Sra. Casnoff soou novamente.

— Sr. Cross, aonde o senhor está indo?

Archer estava perto de mim, pronto para sair. Eu percebi que ele estava de mãos dadas com Elodie. Interessante: é claro que fazia todo sentido que as duas pessoas que já pareciam me detestar estivessem namorando.

Archer olhou para a Sra. Casnoff no outro lado do salão.

— Esse não é meu primeiro ano — disse ele.

A fila de saída havia congelado, todos se viraram curiosos. Elodie colocou sua outra mão — a que não estava segurando Archer com orgulho, como se ele fosse um troféu — sobre o ombro dele.

— Eu já vi essa meleca toda — insistiu ele.

O professor metamorfo, Sr. Ferguson, levantou-se.

— Olhe como fala! — exclamou ele.

Os olhos de Archer, porém, estavam na Sra. Casnoff, que parecia calma e relaxada.

— E, no entanto, acho que o senhor ainda não aprendeu certas coisas — disse ela ao Archer. Ela apontou a cadeira onde Jenna esteve sentada. — Tenha a gentileza de sentar-se.

Tenho certeza de que ele murmurou palavras bem piores quando pegou a cadeira ao meu lado.

— Olá, Soph*ie*.

Eu mostrei os dentes.

— Oi. O que está acontecendo?

Archer se ajeitou na cadeira com uma expressão obscura no rosto.

— Ah, você vai ver.

E aí tudo ficou preto.

CAPÍTULO 7



Assim que as luzes se apagaram, esperei pela cena clássica envolvendo gargalhadas, uuuuuhs e o barulho de roupas e cadeiras indicando que os alunos estão se aproximando, provavelmente para dar uns amassos. Em vez disso, o salão ficou em silêncio. Era de se esperar, pois havia apenas uns vinte alunos lá.

Ao meu lado, Archer suspirou. É sempre estranho sentar-se perto de um garoto no escuro, mesmo sendo um de quem eu não gostava. Por não conseguir vê-lo, eu percebia, nitidamente, sua respiração, sua troca de posições na cadeira e até seu cheiro (que, devo admitir, era um cheiro bom, de sabonete).

Eu ia perguntar novamente o que iria acontecer quando um pequeno quadrado luminoso apareceu na parte da frente do salão, perto da Sra. Casnoff. O quadrado cresceu mais e mais até que ficou do tamanho de uma tela de cinema. Ele ficou flutuando no ar, vazio e brilhoso, até que, lentamente, uma imagem começou a aparecer, como se fosse uma foto sendo revelada. Era uma foto em preto e branco de um grupo de homens sérios vestindo ternos pretos e chapéus grandes, como os dos puritanos.

— Em 1692, duas bruxas em Salém, Massachusetts, usaram seus poderes, gerando tamanho pânico que resultou na morte de dezoito humanos inocentes — começou a Sra. Casnoff. — Um grupo de magos

perto de Boston escreveu aos magos e bruxas de Londres e assim foi criado o Conselho. Esperava-se que, com a estrutura e os recursos adequados, o Conselho pudesse controlar o uso da magia com mais eficiência e evitar que outras tragédias como aquela ocorressem.

A imagem se desfez, transformando-se no retrato de uma mulher de cabelos ruivos que usava um vestido de cetim verde com uma saia com armação de arame.

— Essa é Jessica Prentiss — continuou a Sra. Casnoff, sua voz enchendo todo o salão. — Ela era uma bruxa branca muito poderosa de Nova Orleans. Em 1876, depois de sua irmã mais nova, Margaret, ter morrido enquanto o Conselho tentava tirar-lhe os poderes, a Srta. Prentiss sugeriu que fosse criada uma casa mais segura, um lugar onde as bruxas com poderes que pudessem causar danos vivessem em paz.

O retrato se desfez e a foto antiga que eu tinha visto mais cedo, a da escola em 1903, apareceu.

— Foram quase trinta anos, mas seu sonho foi realizado em 1903 — continuou a Sra. Casnoff. — Em 1923, o Conselho concedeu aos metamorfos e às fadas o direito de frequentar o Hecate.

Nenhuma menção aos vampiros, é claro.

— Até que não é tão ruim — sussurrei ao Archer. — É só uma palestra.

Ele balançou a cabeça calmamente.

— Espere.

— Em 1967, o Conselho percebeu que precisava de um lugar para treinar e moldar jovens do Prodígio que estavam usando seus poderes sem o devido nível de discrição. Uma escola na qual eles aprendessem mais sobre a história dos Prodígios e sobre as terríveis consequências de expor suas habilidades aos humanos. Assim nasceu o Hecate Hall.

— Reformatório para monstros — murmurei baixinho.

Archer deu uma risadinha.

— Srta. Mercer — disse a Sra. Casnoff.

Pulei na cadeira, achando que ela me puniria por estar falando. No entanto, ela perguntou:

— Você pode nos dizer quem era Hecate?

— Hum, sim. É a deusa grega da bruxaria.

A Sra. Casnoff concordou.

— Certo. Mas é também a deusa das encruzilhadas. E é em uma encruzilhada que vocês se encontram nesse momento. E agora, uma demonstração. — A voz da Sra. Casnoff vibrou no ar.

— Pronto, começou — murmurou Archer.

Novamente, um pequeno feixe de luz brilhou na frente do salão, mas nenhuma tela apareceu. A luz tomou a forma de um homem idoso, talvez com uns setenta anos de idade, que teria parecido ser totalmente real se não fosse pela luminosidade ao seu redor, fazendo-o brilhar no escuro. Ele vestia um macacão e uma blusa quadriculada, e um chapéu marrom cobria seus olhos. Em sua mão direita, uma foice. Ele ficou completamente imóvel por algum tempo, mas depois virou-se e começou a mover a foice perto do chão, como se estivesse cortando uma grama imaginária. A cena era meio... esquisita. Era como se estivéssemos vendo um filme, mas a ação acontecia ao vivo.

— Esse é Charles Walton — anunciou a Sra. Casnoff. — Ele era um mago branco de uma vila na Inglaterra chamada Lower Quinton. Ele não se destacava e ganhava um *shilling* por hora como jardineiro para um fazendeiro da área. Além disso, fazia feitiços simples para as pessoas de Lower Quinton: poções para curar doenças, feitiços de amor... coisas que não feriam ninguém. Então, em 1945, a vila teve uma colheita ruim.

Enquanto ela falava, outras figuras se materializavam atrás do homem. Havia quatro ao todo: pessoas normais com roupas normais. Duas estavam de costas para mim, mas eu conseguia ver uma mulher baixa e curvada com um rosto rosado e cabelo grisalho, e um cara magrelo com um chapéu bem vermelho com abas para cobrir as orelhas. Pareciam ser personagens de um desenho animado. Ambos tinham uma expressão séria e assustada, e o cara magro estava segurando um ancinho.

— As pessoas em Lower Quinton decidiram que Charles devia ser o culpado pela má colheita, e... bem, vocês podem ver o resto.

O homem do ancinho pulou para a frente e pegou o velho pelo braço, virando-o para si. O velho ficou aterrorizado e, mesmo que eu já soubesse

o que iria acontecer, não conseguia parar de olhar. Vi as três pessoas, todas com cara de gente que deveria estar assando tortas e tomando chá, jogando o velho no chão. O cara magro afundou o ancinho no pescoço dele.

Achei que alguém certamente berraria; que alguém no salão choraria ou até desmaiaria. No entanto, todos pareciam estar congelados, como eu. Até Archer tinha parado de se mexer na cadeira. Ele estava inclinado para a frente, cotovelos sobre as pernas, mãos fechadas.

A mulher com ar doce de avó ajoelhou-se e pegou a foice. Quando achei que realmente me arrependeria de ter comido tanto bolo, a cena estremeceu e desapareceu.

A Sra. Casnoff nos informou sobre o que não vimos.

— Depois de matá-lo, os habitantes do vilarejo marcaram o corpo do Sr. Walton com símbolos, esperando, assim, espantar a magia "maligna". Após cinco décadas tentando ajudar os vizinhos, foi assim que Charles Walton foi recompensado pelos humanos.

De repente a sala encheu-se de símbolos e sons. Bem atrás da Sra. Casnoff, uma família de vampiros foi atacada com estacas por um grupo de homens de ternos pretos. Dava para ouvir o som molhado e terrível, quase como um beijo barulhento, das estacas de madeira entrando em seus peitos.

Do lado esquerdo ouvi um disparo alto, e instintivamente me encolhi enquanto um lobisomem morria, atingido por uma bala de prata disparada por uma senhora vestindo — imaginem isso — um casaquinho rosa.

Era como se eu estivesse dentro de um filme de terror, e ele estava *em todos os lados*. No centro do salão, vi duas fadas, com asas cinzentas translúcidas, sendo forçadas a ajoelharem-se na frente de dois homens com roupões marrons. As fadas berravam. Seus punhos foram presos por algemas de ferro, que imediatamente queimaram sua pele, intoxicando o salão com um cheiro estranho, quase parecia churrasco.

Minha boca ficou tão seca que deu para sentir os lábios grudando nos dentes. Por isso nem consegui emitir um som quando um cadafalso cheio de bruxas enforcadas apareceu bem na minha frente.

Em vez dessa imagem aparecer lentamente, como as outras, ela surgiu do chão repentinamente, como se tivesse molas. Os corpos sacudiam-se e começaram a rodar, pendurados pelas cordas. Os rostos estavam roxos, línguas para fora, lábios inchados. Dava para ouvir alguns gritos, mas eu não sabia ao certo se eram dos meus colegas ou das imagens. Eu queria cobrir o rosto, mas minhas mãos estavam pesadas e suadas, meu coração estava batendo na minha garganta.

Alguma coisa quente pousou sobre uma de minhas mãos. Parei de olhar aqueles corpos pendurados e vi que Archer tinha colocado uma de suas mãos sobre a minha. Ele estava olhando fixamente para as bruxas, e percebi que não eram apenas mulheres, havia homens enforcados também. Sem pensar, passei meus dedos por entre os dele.

E aí, quando tive certeza de que ia passar mal, as imagens sumiram e as luzes do salão de jantar se acenderam.

A Sra. Casnoff estava na frente do salão, sorrindo serenamente, mas quando ela falou, sua voz estava fria e dura.

— É por isso que vocês estão aqui. Foi isso que vocês arriscaram quando usaram seus poderes de forma descuidada na presença de humanos. E para quê? — Ela olhou para todo mundo. — Para serem aceitos? Para se mostrarem? — Seus olhos encontraram os meus por um segundo antes de continuar a falar. — Fomos perseguidos até a morte por humanos que usariam nossos poderes para seu próprio bem sem pestanejar. E o que vocês acabaram de ver — ela passou a mão pelo ar e quase pude ver as bruxas enforcadas novamente, seus olhos nebulosos, seus lábios azuis — foi apenas o que humanos *normais* fizeram. Isso não é nada comparado ao que foi feito pelos que dedicam toda a vida a acabar conosco.

Meu coração ainda batia forte, mas meu estômago já não ameaçava se revoltar. Ao meu lado, Archer havia voltado à sua posição desleixada, então acho que ele também estava se sentindo melhor.

A Sra. Casnoff moveu uma das mãos novamente e, assim como antes, imagens apareceram atrás dela, só que desta vez eram fotos em vez de filmes do inferno.

— Existe um grupo que se denomina "a Aliança" — disse ela com uma voz quase entediada enquanto apontava para um grupo de homens e mulheres esbeltos, todos de terno. Achei seu tom bem estranho para uma mulher que fazia parte de um conselho chamado de "o Conselho", mas eu tinha que concordar que "a Aliança" também era um nome bem tosco.

— A Aliança é formada por pessoas de agências governamentais de vários países. Felizmente, estão sempre tão presos a burocracias que raramente representam uma ameaça real.

A foto ficou mais clara e um trio de mulheres com os cabelos mais vermelhos do mundo apareceu.

— E, é claro, as Brannicks, uma família ancestral da Irlanda que vem lutando contra "monstros", que é como elas nos chamam, desde os tempos de São Patrício. Essas são as atuais guardiãs da chama, Aislinn Brannick e suas duas filhas, Finley e Isolde. Elas tendem a ser um pouco mais perigosas, uma vez que são descendentes de Maeve Brannick, uma bruxa branca incrivelmente poderosa que renunciou sua raça para juntar-se à Igreja. Elas têm, portanto, mais poder do que um humano comum.

Ela moveu a mão novamente e as mulheres desapareceram.

— E temos ainda nosso maior inimigo — continuou a Sra. Casnoff.

Quando disse isso, uma imagem negra formou-se sobre sua cabeça. Levei um minuto para perceber que era um olho. Só que não era um olho normal — era mais como uma tatuagem estilizada, desenhada em preto, com exceção da íris, que era dourada.

— *L'Occhio di Dio*. O Olho de Deus — disse ela.

O salão todo respirou fundo.

— O que é isso? — perguntei sussurrando ao Archer.

Ele se virou. Lá estava aquele sorrisinho sarcástico novamente, então concluí que a camaradagem de antes tinha chegado ao fim. Tive certeza quando ele me respondeu.

— Você não sabe fazer um feitiço de bloqueio *e* nunca ouviu falar do L'Occhio? Cara, que tipo de bruxa é você?

Eu tinha uma resposta na ponta da língua — que envolvia a mãe dele e a marinha americana —, mas antes que eu pudesse responder, a Sra.

Casnoff disse:

— O L'Occhio di Dio é a maior ameaça ao Prodígio. São um grupo de Roma e seu objetivo é acabar com cada um de nós. Eles acham que são cavaleiros sagrados, enquanto nós somos o mal que deve ser expurgado. No ano passado, só esse grupo foi responsável pela morte de mais de mil Prodígios.

Eu olhei para o Olho e senti os pelos da minha nuca se levantarem. Agora eu me lembrava por que parecia ser tão familiar: eu já tinha visto aquilo nos livros da mamãe. Eu tinha uns treze anos e estava só dando uma olhada nas páginas, admirando as fotos das bruxas famosas. Aí vi uma pintura de uma bruxa sendo executada na Escócia, talvez em torno de 1600 e tal. A foto era tão aterrorizante que não consegui parar de olhar para ela. Ainda consigo ver a bruxa deitada de barriga para baixo, esticada em uma prancha de madeira. Seus cabelos loiros iam até o chão e o rosto tinha uma expressão de puro terror. Em cima dela, em pé, havia um homem de cabelos pretos com uma faca prateada. Ele estava sem camisa, e logo acima do seu coração havia uma tatuagem — um olho negro com íris dourada.

— No passado, resistimos bravamente a esses três grupos, mas isso foi quando eles estavam separados e enfraquecidos. Hoje, sabemos que podem estar tentando se unir. Se isso acontecer... — Ela suspirou. — Bem, digamos que não podemos deixar que isso aconteça.

O Olho sumiu e a Sra. Casnoff bateu as mãos.

— Bem, por hoje é só. Vocês todos têm uma manhã agitada amanhã, então estão liberados. As luzes se apagarão em meia hora.

Sua voz era tão alegre e formal que achei que eu tinha alucinado na parte em que ela basicamente disse que todos nós íamos morrer. Porém, foi só olhar para o salão para ver que meus colegas estavam tão chocados e confusos quanto eu.

— Bem — disse Archer, batendo as mãos contra as pernas. — Essa é nova.

Antes que eu pudesse perguntar o que ele quis dizer, ele já tinha se levantado e desaparecido entre a multidão de alunos.

CAPÍTULO 8



Graças aos passos largos de Archer, quase tive que correr para alcançá-lo. Quando cheguei perto, ele já estava no meio das escadas.

— Cross! — chamei.

Simplesmente não consegui falar "Archer" alto. Ia parecer que estávamos em uma novela de época: "Archer! Tomemos uma xícara de chá juntos, meu jovem!"

Ele parou nas escadas e se virou para mim. Para minha surpresa, ele não estava sorrindo.

— Mercer — respondeu ele.

Revirei os olhos.

— O que você quis dizer com "essa é nova"? Achei que você já tinha visto aquilo tudo antes.

Ele desceu dois degraus.

— Eu já vi — respondeu ele bem perto de mim. — Três anos atrás, quando eu tinha 14 anos, no meu primeiro ano aqui. Mas foi diferente.

— Como assim, diferente?

Ele balançou os ombros e os esticou, como se o blazer estivesse muito pesado.

— Eles fizeram o negócio do Charles Walton; acho que adoram aquilo. E teve o lobisomem levando um tiro e as duas fadas pegando fogo. Mas

não havia tantas imagens. E elas não apareciam todas juntas daquele jeito.

Ele olhou para mim como se estivesse me analisando.

— Não tinha os bruxos e bruxas também. Tenho que admitir que estou um pouco impressionado.

Cruzei os braços e fechei a cara. Não gostei da maneira como ele estava me olhando.

— Impressionado com o quê?

— Quando vi aquele show há três anos, tive que correr para aquele banheirinho ali — disse apontando para um banheiro do outro lado do hall — e vomitar tudo o que podia. O que vimos hoje foi muito pior e você nem ficou pálida. Você é mais durona do que eu achava.

Tive que me concentrar para não gargalhar. Meu rosto deve ter passado a ideia de calma, mas meu estômago ainda estava meio estranho. Fiquei imaginando meus órgãos como pessoinhas usando delineador e jeans rasgados. Olhei para o Archer tentando demonstrar tranquilidade e elegância.

— Só não acredito naquilo tudo.

Ele ergueu uma das sobrancelhas, o que me fez ficar com inveja. Nunca conseguia fazer aquilo; sempre acabo levantando as duas e ficando com uma cara de surpresa ou de medo em vez de sarcasmo.

— "Não acredita naquilo tudo" o quê?

— Aquilo de os humanos quererem nos matar das piores formas possíveis.

— Acho que a história tem provas suficientes disso, Mercer. Bem, os humanos mataram vários de sua própria espécie só para nos atingir.

— Sim, mas isso foi no passado — argumentei. — Quando eles também achavam que fazer um buraco na sua cabeça ou sugar seu sangue poderia te curar de qualquer doença. Os humanos são bem menos ignorantes hoje em dia.

— É mesmo? — Ele estava com aquele sorriso de novo. Será que o rosto dele dói se ele ficar muito tempo sem fazer isso?

— Olhe — tentei —, minha mãe é humana, tá? E ela adora os Prodígios. Ela nunca machucaria ninguém. Ela tem até uma...

— A filha dela é.

— O quê?

Ele respirou fundo e jogou o blazer sobre um dos ombros, segurando-o apenas com o dedo indicador. Achei que só os modelos masculinos da *GQ* faziam aquilo.

— Sua mãe pode ser uma pessoa maravilhosa, mas você, honestamente, acha que ela adoraria bruxas se não estivesse criando uma?

Quis responder que sim, quis mesmo. Mas ele tinha razão. Minha mãe pode ter se tornado uma expert em monstros por minha causa, mas ela não havia fugido do meu pai assim que ele disse que era um bruxo?

— Você tem razão — disse Archer com um tom mais brando. — Os humanos não são mais o que eram. Só que todas aquelas imagens são reais, Mercer. Humanos vão sempre ter medo de nós; sempre terão inveja dos nossos poderes e desconfiarão de nós.

— Nem todos — falei, mas minha voz soou fraca. Eu estava pensando em Felícia, histérica e berrando "Foi ela! Ela é uma bruxa!"

Archer deu de ombros novamente.

— Talvez não. Mas você tem vivido com um pé em cada mundo, e não pode mais fazer isso. Você está no Hecate agora.

As palavras dele me atingiram com força. Eu nunca tinha pensado assim, que eu era diferente porque a maior parte dos Prodígios cresceu com os dois pais sendo como eles. E algumas das crianças não tiveram quase nenhuma interação com humanos desde que seus poderes se manifestaram. Apesar das dúvidas que estavam escalando meu corpo como insetos, eu disse:

— É, mas...

— Arch!

Elodie estava no hall acima de nós, uma das mãos no quadril quase inexistente. Normalmente quando esse tipo de coisa acontece em filmes, a namorada olha direto para a outra e seu rosto fica cheio de ciúmes, mas visto que Elodie era uma deusa, e eu, bem, não, ela não pareceu sentir-se nem um pouco ameaçada. Na verdade, parecia estar entediada.

— Já vou, El — respondeu Archer.

Ela fez um único movimento que combinava outros três: revirou os olhos, balançou o cabelo e acenou, um tipo de cena que só meninas lindas e irritadas com seus namorados conseguem fazer, e depois foi para o terceiro andar. Achei que ela rebolou demais quando se foi, mas, enfim, é uma questão de opinião.

— "Arch"? — perguntei, quando ela saiu, e tentei levantar apenas uma das sobrancelhas. Como sempre, não deu certo, então devo ter ficado com uma cara de susto.

— Até mais, Mercer — foi tudo o que ele respondeu.

Quando ele se virou, não consegui conter mais uma pergunta.

— Você acha que eles têm razão às vezes?

Ele se virou para mim.

— Quem?

Olhei em volta. O corredor estava vazio.

— Aquelas pessoas. A Aliança e as meninas irlandesas. O Olho — respondi. — Quero dizer, o que vimos foi *horrível*, mas o Prodígio não é perigoso também?

Por um momento, nos encaramos. Achei que ele tinha ficado puto comigo, mas depois percebi que seu olhar não era de raiva. Era mais um olhar de... sei lá... como se ele estivesse me estudando ou alguma coisa assim.

Senti uma onda de calor ir do estômago até as bochechas. Não sei se ele notou, mas sorriu para mim, um sorriso de verdade dessa vez, e eu senti minha respiração presa no peito. Foi a mesma sensação de quando Suzie Strelzyck me desafiou a tocar no fundo da piscina do clube, no quinto ano. Eu toquei, mas quando voltei para a superfície parecia que o meu peito estava sendo amassado por um compressor de lixo. Eu estava meio tonta quando emergi.

Foi como me senti agora, ali, encarando Archer Cross.

Ele desceu os dois degraus que nos separavam até ficarmos no mesmo. Eu ainda tinha que olhar para cima, mas pelo menos meu pescoço não doía tanto. Ele se inclinou para mais perto e senti aquele mesmo cheiro de sabonete.

— Eu não diria esse tipo de coisa aqui se fosse você, Mercer — sussurrou ele.

Senti o hálito quente dele nas minhas bochechas. Não sei dizer ao certo, mas acho que meus olhos deram aquelas piscadinhas rápidas. Discretamente.

Enquanto eu o observava subir as escadas, rangi os dentes e repeti um mantra em silêncio:

Não vou ficar a fim do Archer Cross, não vou ficar a fim do Archer Cross, não vou...

Quando voltei para o quarto, Jenna estava sentada na cama com as pernas cruzadas, lendo um livro.

Eu suspirei e recostei na porta, fechando-a com um ruidoso "clique".

— O que houve? O cineminha te fez mal? — perguntou Jenna sem nem olhar para mim.

— Não. Quero dizer, sim, claro. Que coisa horrível.

— Aham — concordou Jenna. — Mais alguma coisa?

— Estou a fim do Archer Cross.

Jenna riu.

— Quanta originalidade a sua.

Eu me joguei na cama.

— Por quê? — gemi contra o travesseiro. Virei-me para cima e olhei para o teto. — Tudo bem, ele é fofo. E daí? Vários caras são fofos.

Minhas lamúrias evidentemente interferiram na leitura de Jenna, pois ela descruzou as pernas e ficou em pé perto da mesa.

— Archer não é fofo — corrigiu ela. — Cachorrinhos são fofos, bebês são fofos, *eu* sou fofa. Archer Cross é totalmente gato. E eu nem gosto de meninos.

Tudo bem, Jenna não seria muito eficiente em me fazer parar de gostar dele.

— Ele é um idiota — comentei. — Lembra da história do lobisomem de hoje de manhã?

— Lembro — disse Jenna com tom seco. — Salvar você do ataque de um lobisomem. Que idiota.

Eu gemi.

— Você não está ajudando.

— Foi mal.

Ficamos sentadas em silêncio por um momento, eu olhando para uma mancha de mofo no teto, Jenna apoiando-se sobre os cotovelos e batendo os pés contra as gavetas da mesa. Ouvi alguns uivos lá fora. Era lua cheia, então os metamorfos estavam livres para passear. Perguntei-me se Taylor estaria lá fora também

— Ah! — disse Jenna repentinamente, sentando-se de forma tão brusca que acabou derrubando uma caneca com canetas. — A namorada dele é uma vaca!

— É! — falei, sentando-me e apontando para ela. — Obrigada! Namorada do mal que já me odeia, é isso. E qualquer cara que queira ficar com Elodie não presta.

— É verdade — disse Jenna, balançando a cabeça com força.

Quando melhorei, virei-me para baixo e peguei um livro que estava ao lado da cama.

— Mas é estranho... — disse Jenna.

— O quê?

— Archer com Elodie. Ela estava atrás dele no ano passado, mas ele nunca quis nada com ela. Tipo, nunca. Aí ele voltou de sei lá onde e pronto! Do nada eles são um casal. É estranho.

— Não tão estranho — ponderei. — Tipo, ela é muito bonita. Talvez os hormônios estejam agindo por ele.

— Talvez — disse Jenna com o queixo sobre as mãos. — Mas mesmo assim: Archer é esperto e engraçado, além de gostoso, e Elodie é burra e idiota.

— E gostosa — adicionei. — E até os caras mais inteligentes ficam burros perto de garotas gostosas.

— Verdade — concordou Jenna.

Eu já ia puxar o assunto da Holly de novo quando a voz da Casnoff soou pelo quarto, quase como se tivesse um alto-falante lá dentro. Acho que foi algum feitiço para amplificar a voz.

— Senhoras e senhores, devido ao dia cheio de amanhã, esperamos que todos deitem cedo hoje. As luzes serão apagadas em dez minutos.

Olhei para o meu relógio.

— São oito da noite — exclamei, sem acreditar. — Ela quer que a gente vá dormir às oito?

Jenna foi até o armário e pegou seu pijama, com um suspiro.

— Bem-vinda ao Hecate, Sophie.

Vários alunos correram ao banheiro para escovar os dentes, mas apenas os metamorfos e as bruxas. Acho que fadas devem ter os dentes naturalmente limpos. Quando voltei de lá, tive apenas três minutos para colocar o pijama e me deitar. As luzes se apagaram exatamente às 20h10.

Minha mente continuou funcionando e eu não sabia como conseguiria dormir.

— É estranho para você — perguntei à Jenna — ir dormir à noite? Vampiros não dormem durante o dia?

— É — respondeu ela —, mas enquanto eu estiver aqui, tenho que seguir horários do Hecate. Vai ser um saco depois que eu for embora.

Não perguntei à Jenna *quando* ela ia embora. Todo mundo saía quando fazia 18 anos, mas nós envelhecemos como os humanos. Jenna teria 15 anos para sempre.

Fiquei quieta, tentando pensar em coisas que me dessem sono. Parecia que eu tinha acabado de fechar os olhos quando ouvi a porta se abrir. Em pânico, eu me sentei, coração pulando. O relógio ao meu lado marcava alguns minutos após a meia-noite.

Uma figura escura entrou no quarto e eu fiquei sem ar.

— Relaxa — murmurou Jenna em sua cama. — Deve ser um dos fantasmas, eles fazem isso de vez em quando.

Aí ouvi um fósforo sendo aceso e uma pequena esfera de luz iluminou uma figura.

Elodie.

Ela estava usando um pijama roxo de seda e segurava uma vela preta. Duas outras velas se acenderam e vi Chaston e Anna, também de pijamas, em pé atrás de Elodie.

— Sophie Mercer — entoou Elodie. — Viemos induzir você a fazer parte da nossa irmandade. Diga as cinco palavras para começarmos o ritual.

Pisquei os olhos.

— Você só pode estar brincando.

Anna soltou um suspiro nervoso.

— Não, as cinco palavras são "Eu aceito esse pacto, irmãs".

Tirei meu cabelo do rosto e disse:

— Já disse mais cedo que não tenho certeza se quero me juntar ao coven. Não vou falar nada para começar ritual nenhum.

— Dizer as cinco palavras não faz você se juntar ao coven automaticamente — disse Chaston, dando um passo à frente. — Isso só dá início ao ritual de aceitação. Você pode dar o fora quando quiser.

— Cara, diga o que elas querem logo — sugeriu Jenna. A luz das velas a iluminava. Ela estava sentada na cama, e seus olhos negros passavam uma certa preocupação. — Elas não vão te deixar em paz enquanto você não as ouvir.

Elodie apertou os lábios, mas não disse nada.

— Tudo bem — falei, tirando o cobertor de cima de mim e me levantando. — Eu... eu aceito esse pacto, irmãs.

CAPÍTULO 9



As três me levaram para o quarto de Elodie e Anna.

— Como vocês duas conseguiram ficar no mesmo quarto? — sussurrei. — Achei que a grande coisa do Hex Hall era aprender a conviver com outros do Prodígio.

Elodie estava procurando alguma coisa na mesa e pareceu não me escutar, então Chaston disse:

— As bruxas às vezes acabam ficando juntas porque tem sempre bem mais de nós do que fadas e metamorfos.

— Por quê? — perguntei.

Anna me respondeu enquanto acendia outras velas, envolvendo o quarto em um brilho suave.

— Fadas e metamorfos não se aventuram no mundo dos humanos tanto quanto bruxas. É menos provável que eles sejam mandados para cá.

Elodie encontrou um pedaço de giz em sua mesa e estava ocupada desenhando um grande pentagrama no chão de tábuas corridas. Quando terminou, ela desenhou um círculo em volta dele.

— Normalmente, fazemos esse ritual lá fora, de preferência dentro de um círculo de árvores — disse ela, sentando-se na ponta do pentagrama. Chaston e Anna sentaram-se cada uma de um lado, então fui me sentar na

outra ponta. — Mas não podemos ir na floresta. A Sra. Casnoff é, tipo, absurdamente rígida quanto a isso.

Estávamos sentadas em volta do pentagrama de mãos dadas. Achei que fôssemos cantar o Kumbaya.

— Sophie, qual foi o primeiro feitiço que você lançou ao mundo? — perguntou Elodie.

— O quê?

— O primeiro feitiço que você fez na vida — disse Chaston inclinando-se para a frente. Seu cabelo loiro caiu por cima dos ombros. — O primeiro feitiço é sagrado para uma bruxa. Quando eu tinha 12 anos, criei uma tempestade que durou *três* dias. E Anna congelou o tempo por...

— Dez horas — respondeu Anna.

Olhei para Elodie do outro lado do círculo. A luz das velas refletiu em seus olhos.

— E você? — perguntei à ela.

— Fiz o dia virar noite.

— Nossa.

— E você, Sophie? — perguntou Chaston, ansiosa.

Pensei em mentir. Eu podia dizer que tinha transformado alguém em pedra ou coisa do tipo. No entanto, talvez se elas soubessem a bruxa sem graça que eu era, desistiriam de formar o tal coven.

— Fiz meu cabelo ficar roxo.

Três olhares idênticos me encararam.

— Roxo? — perguntou Anna.

— Não foi de propósito — expliquei. — Eu queria deixar ele liso, mas acho que fiz alguma coisa errada porque, em vez disso, ele ficou roxo. Mas foi só por três semanas. É... essa foi a primeira magia que eu fiz na vida.

Elas ficaram em silêncio. Anna e Chaston se entreolharam.

— Talvez seja melhor eu ir embora — falei.

— Não! — disse Chaston, apertando minha mão.

— É, não vá embora não — adicionou Anna. — Seu primeiro feitiço foi... meio idiota. Você deve ter feito coisas maiores desde então, né? — Ela balançou a cabeça, encorajando-me.

— Qual foi o feitiço que a trouxe para cá? — perguntou Elodie. Ela estava sentada bem quieta e seus olhos brilhavam. — Com certeza foi alguma coisa importante.

Eu a encarei.

— Fiz um feitiço de amor.

Anna e Chaston inspiraram profundamente no mesmo instante e soltaram minhas mãos.

— Um feitiço de amor? — retrucou Elodie.

— E vocês? — Olhei para as três. — O que fizeram para vir parar aqui?

Anna falou primeiro.

— Transformei um menino da minha sala em um rato.

Chaston deu de ombros.

— Eu já contei, fiz chover por três dias.

Elodie olhou para o chão por um segundo. Não vi muito claramente, mas acho que ela respirou fundo. Quando ergueu a cabeça, seu olhar era bem calmo, relaxado até.

— Fiz uma menina desaparecer.

Engoli a saliva.

— Por quanto tempo?

— Para sempre.

Agora fui *eu* quem respirou fundo.

— Então todas vocês fizeram feitiços que machucaram pessoas.

— Não — respondeu Anna. — Fizemos feitiços poderosos para beneficiar nossa espécie. Os humanos apenas... se intrometeram.

Era tudo o que eu precisava ouvir. Levantei-me.

— Tudo bem. Muito obrigada pela oferta, mas... é. Não acho que isso vai dar certo.

Chaston segurou uma de minhas mãos novamente.

— Não, não vá embora — pediu ela. Seus olhos estavam enormes e brilhavam sob a luz das velas.

— Deixa ela ir — disse Elodie com uma voz de nojo. — Claramente ela acha que é melhor do que nós.

— Olha, não foi isso que eu disse...

— Mas precisamos de mais uma — interrompeu Chaston.

— Não se ela for um peso morto — retrucou Elodie.

— Ela é a única bruxa negra aqui. Nós *precisamos* dela — disse Anna, em tom baixo. — Sem a quarta bruxa, não seremos fortes o bastante para segurar.

— Segurar o quê? — perguntei.

Junto com a minha pergunta, Elodie sussurrou: "*Cale a boca, Anna.*"

— Não deu certo mesmo — disse Chaston, mal-humorada.

— Na boa, vocês estão falando em códigos, é isso? — perguntei.

— Não — disse Elodie, levantando-se. — Elas estão falando sobre coisas relacionadas ao coven. Coisas que não dizem respeito a você.

Acho que ninguém nunca me olhou com tanta raiva. Fiquei meio sem jeito. Quero dizer, é claro que eu tinha recusado o convite, mas não é como se tivesse cuspido na cara delas ou algo do tipo.

— Peço desculpas se magoei você — falei —, mas... hum... o problema não é com vocês, é comigo.

Nossa, essa *foi original, Sophie*.

Anna e Chaston estavam em pé agora. Anna estava me olhando com raiva, mas Chaston ainda parecia preocupada.

— Você também precisa de nós, Sophie — disse Chaston. — Não vai ser fácil para você sem suas irmãs te protegendo.

— Me protegendo de quê?

— Você realmente acha que as pessoas aqui vão recebê-la de braços abertos? — perguntou Elodie. — Entre aquela sanguessuga que divide o quarto com você e o seu pai, você vai ser uma pária sem nós.

Meu estômago se contorceu.

— O que isso tem a ver com o meu pai?

As três se entreolharam.

— Ela não sabe — murmurou Elodie.

— Não sei *o quê*?

Chaston abriu a boca para responder, mas Elodie a impediu.

— Deixem que ela descubra sozinha. — Ela abriu a porta. — Boa sorte tentando sobreviver ao Hecate, Sophie. Você vai precisar.

Se aquilo não fosse uma expulsão, eu não sabia o que era.

Estava tão distraída pensando sobre meu pai que derrubei uma das velas com um passo, no meio do círculo. Soltei um gemido quando senti um pouco da cera cair no meu pé descalço e acho que ouvi Anna rindo.

Andei até a porta. Antes de ir embora, olhei para Elodie. Ela estava me olhando estática.

— Desculpe — falei novamente. — Eu não sabia que recusar fazer parte de um coven era tão sério.

Achei que ela não fosse responder. Aí ela baixou o tom de voz e disse:

— Passei anos no mundo dos humanos sendo tratada como um monstro. Não admito que ninguém mais olhe para mim daquela forma. — Seus olhos verdes ficaram mais estreitos. — Principalmente uma bruxa fracassada como você.

Dito isso, ela bateu a porta na minha cara.

Fiquei no corredor escutando minha respiração. Olhei para ela como se ela fosse um monstro? Comecei a pensar em como me senti quando ela disse que tinha feito uma menina inocente desaparecer.

É, provavelmente olhei para ela como quem olha para um monstro.

— CHEGA! — berrou alguém.

Uma porta se abriu do outro lado do corredor e Taylor saiu de seu quarto. Usava uma camisola grande demais para ela e seu cabelo estava todo desarrumado. Mais uma vez, sua boca estava cheia de caninos.

— Vá EMBORA! — berrou ela, apontando para o corredor.

Pela porta vi Nausicaa, Siobhan e duas outras fadas sentadas no chão, com as pernas cruzadas. Uma luz verde brilhava no centro do círculo, mas não dava para ver o que era. O grupo se levantou.

— Você não pode me impedir de realizar os rituais do meu povo — disse Nausicaa.

Taylor tirou uma mecha de cabelo do rosto.

— Não, mas eu *posso* contar para a Casnoff que vocês quatro estão tentando se comunicar com a corte Seelie com essa coisinha de espelho.

Nausicaa franziu o rosto e se abaixou para pegar o círculo brilhoso de vidro verde.

— Isto não é uma "coisinha de espelho". É um pouco do orvalho colhido das flores que desabrocham sob o luar na montanha mais alta de...

— QUE. SE. DANE — berrou Taylor. — Tenho que estar na aula de Classificações de Metamorfos às oito e não dá para dormir com a sua *coisinha de espelho* brilhando no meu rosto.

Siobhan se inclinou e sussurrou alguma coisa no ouvido de Nausicaa. Seu cabelo azul cobria-lhe o rosto.

Concordando com a cabeça, Nausicaa fez um gesto para as outras fadas.

— Venham. Podemos continuar o ritual em algum lugar menos... primitivo.

Taylor revirou os olhos.

As fadas passaram por mim e Siobhan me deu uma olhada. Elas se transformaram em círculos de luz, quase do tamanho de bolas de tênis, e foram sobrevoando pelas escadas.

— Vão em paz — disse Taylor, baixinho, antes de se virar para mim e sorrir. Os caninos já estavam quase normais agora, mas seus olhos ainda estavam dourados. — Oi de novo.

— Oi — respondi com voz fraca, acenando.

— O que você está fazendo aí parada?

Apontei para o quarto de Elodie.

— Estava, tipo, socializando. Não era para você estar lá fora na floresta?

Taylor pareceu confusa.

— Não, isso é só para os lobisomens.

— Tem diferença?

O sorriso simpático sumiu de seu rosto.

— Tem — retrucou ela. — Mudo de forma. Isso quer dizer que eu viro um animal. Os lobisomens são metade animal, metade humano. — Ela deu de ombros. — São aberrações.

— Não dê ouvidos à ela — grunhiu uma voz atrás de mim.

A lobisomem era maior do que Justin, e seu pelo era avermelhado em vez de dourado. Ela estava do outro lado do corredor, perto das escadas.

— Esse tipo de metamorfos tem ciúmes porque somos muito mais poderosos do que eles — continuou ela, encostando-se contra a parede em uma pose tipicamente humana, o que a fez ficar ainda mais aterrorizante.

Engoli a saliva e me encostei na porta de Elodie. Taylor não pareceu assustada, apenas irritada.

— Continue tentando se convencer disso, Beth. — Ela se virou para mim e disse: — Até amanhã, Sophie.

— Até.

A lobisomem ficou em pé no final do corredor, com a língua para fora e os olhos brilhantes. Eu teria que passar por ela para chegar ao meu quarto. Fiz força para manter uma expressão calma no rosto ao passar por ela. Meu pé ainda doía por causa da cera, mas eu não estava mais mancando.

Quando cheguei perto da lobisomem, ela me assustou esticando uma de suas patas enormes, cheias de garras horripilantes. Por um instante, achei que ela estava tentando me estripar. Mas ela disse:

— Sou Beth.

Percebi que deveria apertar a pata estendida, o que fiz, com medo.

— Sophie.

Ela sorriu. Foi amedrontador, mas não era culpa dela.

— Prazer em conhecê-la — disse Beth com uma voz grossa.

Tudo bem, não era tão ruim assim. Eu consigo fazer isso. E daí que ela tenha comido alguém? Ela não parecia querer...

Ela mergulhou o focinho no meu cabelo e inspirou bem fundo. Um filete quente de saliva escorreu de sua bocarra sobre o meu ombro. Eu me forcei a ficar bem calma, e, depois de certo tempo, ela me deixou ir.

Ela deu de ombros e disse:

— Desculpe, coisa de lobisomem.

— Não, tranquilo — falei, apesar de só conseguir pensar em *Baba! Baba de lobisomem! Na minha pele!*

— Até mais! — disse ela enquanto eu passava com pressa.

— Com certeza! — respondi sem olhar para trás.

Quando cheguei no meu quarto, fui até a mesa e peguei um monte de lenços de papel.

— Eca, eca, eca! — gemi, esfregando o ombro.

Quando finalmente me livrei da baba, liguei minha luminária para tentar encontrar algum gel desinfetante para as mãos. Lembrei-me de Jenna e olhei para sua cama.

— Ai, foi m...

Jenna estava sentada na cama com uma bolsa de sangue na boca. Seus olhos estavam bem vermelhos.

— Foi mal — falei. — A luz.

Jenna tirou a bolsa da boca e limpou um pouco de sangue no queixo.

— Lanche da meia-noite. Eu... eu achei que você fosse demorar mais para voltar — disse ela com doçura. O vermelho lentamente se esvaiu de seus olhos.

— Tudo bem — respondi, sentando-me na cadeira perto da mesa.

Meu estômago estava se revirando, mas eu não queria que Jenna percebesse. Lembrei-me das palavras de Archer:

Você está no Hecate agora.

Aquela noite foi o suficiente para comprovar isso.

— Acredite se quiser, mas isso não é a coisa mais estranha que vi essa noite.

Ela limpou o queixo com as costas de uma das mãos, ainda sem olhar para mim.

— E aí, você se juntou ao coven delas?

— Claro que não — respondi.

Ela olhou para mim, obviamente surpresa.

— Por que não?

Cocei os olhos. De repente, eu estava supercansada.

— Não é a minha.

— Talvez porque você não seja uma vaca mau caráter.

— É, acho que a ausência de mau caratismo foi a gota d'água. Aí vi uma metamorfo brigando com umas fadas... Ah, falando nisso, quem é esse tal de Seelie?

— A corte Seelie? É um grupo de fadas que usa magia branca.

— Quero distância das fadas do mal, então — murmurei.

Jenna apontou para os lenços de papel nas minhas mãos.

— O que houve?

— O quê? Ah, sim. Depois da briga das fadas, uma lobisomem cheirou meu cabelo e babou em mim. Foi uma noite bem animada.

— E aí você voltou para o seu quarto para ver uma vampira bebendo sangue — disse Jenna. Seu tom de voz era leve, mas ela estava apertando o edredom "framboesa elétrica" com uma das mãos.

— Não se preocupe com isso — pedi. — Os lobisomens têm que babar, os vampiros têm que comer...

Ela riu antes de pegar a bolsa de sangue timidamente.

— Você se importa se eu...

Meu estômago se manifestou novamente, mas forcei um sorriso.

— Vai fundo.

Voltei para a cama.

— Elas estavam bem irritadas comigo.

Jenna parou de beber.

— Quem?

— As bruxas do coven. Elas disseram que eu precisava da ajuda delas contra a ruína social porque, hum...

— Porque sou sua colega de quarto?

Eu me sentei.

— Sim, essa foi uma das justificativas. Mas elas também falaram uma coisa sobre o meu pai.

— Hum — disse Jenna, pensativa. — Quem é o seu pai?

Eu me deitei, puxando o travesseiro para debaixo da cabeça.

— Só um bruxo qualquer, até onde eu sei. James Atherton.

— Nunca ouvi falar — disse Jenna. — Mas também, eu nunca sei de nada. Então você acha que Elodie e aquelas garotas estão bravas com você?

Eu me lembrei dos olhos de Elodie.

— Com certeza — falei, gentil.

Jenna gargalhou do nada.

— O que foi?

Ela balançou a cabeça. A mecha de cabelo rosa caiu sobre um de seus olhos.

— Só estava pensando. Cara, Sophie, ainda é o seu primeiro dia e você já fez amizade com uma das pessoas mais excluídas da escola, irritou as meninas mais populares e começou uma historinha com o cara mais gato. Se você conseguir ir para a detenção amanhã, você vai ser tipo uma *lenda*.

CAPÍTULO 10



De acordo com a definição de Jenna, levei uma semana e meia para me tornar uma lenda. A primeira semana passou muito bem, apesar de tudo, em parte porque as aulas eram ridiculamente fáceis. Elas pareciam uma desculpa para os nossos professores ficarem falando até não aguentarmos mais. Até Lord Byron, cuja aula eu estava esperando com ansiedade, se mostrou um chato de primeira linha. Quando ele não ficava dedicando poemas à sua própria grandiosidade, ficava com cara de peixe morto atrás da mesa mandando todo mundo calar a boca — se bem que, às vezes, ele nos deixava dar longas caminhadas ao redor do lago para "nos unirmos à natureza". Até que era legal.

Eu estava curiosa quanto à aula de feitiços, mas, segundo Jenna, aquelas aulas só eram dadas nas "verdadeiras" escolas do Prodígio, os lugares chiques para onde os Prodígios mais poderosos mandavam seus filhos. Visto que o Hecate era tecnicamente um reformatório, tínhamos que nos contentar em aprender sobre a perseguição às bruxas no século XVI e coisas desse tipo. Um saco.

O único lado bom era que Jenna frequentava praticamente as mesmas aulas que eu.

— Eles não têm aulas especiais para vampiros — explicou ela. — Então, no ano passado, eles me deram o mesmo horário de Holly e acho que

resolveram fazer o mesmo esse ano.

A única aula que Jenna não fazia comigo era a de Educação Física, ou Defesa, como eles chamavam no Hecate. Era apenas a cada duas semanas, então eu já estava na segunda semana quando tive a primeira aula de Defesa.

— Por que essa aula só acontece a cada duas semanas? — perguntei a Jenna pela manhã. — Todas as outras aulas são diárias.

Eu estava colocando meu uniforme horrendo de Educação Física, que consistia em calças de algodão azul e uma blusa "um pouco apertada demais para ser confortável" com um "HH" impresso em letras brancas cheias de detalhes logo acima do meu seio esquerdo.

— Porque — respondeu Jenna — se você tivesse aula de Defesa todos os dias, ou semanas, você acabaria no hospital.

Depois disso, eu não estava me sentindo tão confiante quando fui para a estufa que eles usavam como ginásio.

Esse ginásio ficava a mais ou menos quatrocentos metros da casa principal, mas depois de andar dez metros eu já estava coberta de suor. Eu não era burra: sabia que a Geórgia era quente e já havia morado em outros lugares assim. Mas esses lugares, como o Arizona e o Texas, não tinham esse tipo de calor que suga toda a sua vontade de viver. O calor ali era úmido e dava a sensação de que tinha mofo crescendo na sua pele.

— Sophie!

Virei-me e vi Chaston, Anna e Elodie vindo em minha direção. Elas estavam lindas naquele uniforme. Incrível.

No entanto, quando elas se aproximaram, vi que também estavam suando, o que me aliviou um pouco. As três faziam várias aulas comigo, mas não nos falávamos desde a primeira noite. Eu nem sabia o que elas estavam fazendo da vida.

— Oi — cumprimentei, casualmente, quando elas me alcançaram. — O que foi agora? Vieram me avisar da minha morte impiedosa nas mãos de coelhinhos fofos? Ou vieram jogar raios na minha cabeça?

Chaston riu e, para a minha surpresa, envolveu meu braço com o dela.

— Olhe, Sophie, nós conversamos e nos sentimos muito mal pelo que aconteceu naquela noite. Se você não quer se juntar ao coven, tudo bem!

— É — adicionou Anna, vindo para o meu outro lado. — Nós exageramos.

— Vocês acham? — perguntei.

— Estamos tentando pedir desculpas — completou Elodie, andando de ré na nossa frente. Eu realmente torci para que ela trombasse com uma árvore. — Conversei com Archer e ele disse que você é legal.

— É mesmo? — perguntei antes que pudesse pensar.

Boa, Sophie, pensei. Boa forma de ficar na sua.

— É, e ele me falou que você não sabe nada sobre o Prodígio. Ele disse que é meio ridículo.

Tentei sorrir, mas alguma coisa esquisita se revirando no meu estômago estava dificultando a minha vida.

— Hum.

— É — disse Chaston. — E aí imaginamos que provavelmente te assustamos um pouco.

— É, podemos dizer que sim.

Dava para ver a estufa agora. Era uma construção enorme e branca feita de madeira e vidro, com janelas que refletiam o sol da manhã com tanta intensidade que meus olhos doeram. Ao contrário do resto do Hecate, aquela casa parecia ser bem viva. Vários alunos estavam em volta dela — pareciam mirtilos.

— E nós estamos arrependidas — falou Anna.

Será que elas tinham ensaiado aquele papinho? Eu as imaginei sentadas em círculo, em seu quarto, penteando o cabelo e dizendo "OK, então eu vou pedir desculpas, e aí *você* diz que o seu namorado gostoso acha que ela é ridícula".

— Podemos começar tudo de novo? — perguntou Chaston. — Amigas?

Elas estavam sorrindo para mim, até Elodie. Eu deveria ter desconfiado naquele momento que aquilo não poderia acabar bem, mas, boba que sou, sorri e disse:

— Sim. Amigas.

— Ótimo! — vibraram Chaston e Anna em uníssono.

Elodie meio que murmurou a mesma coisa um segundo depois.

— Então tá — disse Chaston quando nos aproximamos da estufa. — Como somos amigas, pensamos em dar alguns conselhos sobre a aula de Defesa.

— Vandy é a professora, e ela é terrível — disse Elodie.

— Isso, a moça com o prendedor de cabelo cafona.

As três reviraram os olhos. Sério, essas meninas eram atletas de nado sincronizado nas horas vagas?

— É — suspirou Anna. — Aquele prendedor horroroso.

— Jen... hum, uma pessoa me falou um dia que ele é um portal para o inferno.

As três gargalharam.

— Ela bem gostaria que fosse — respondeu Anna.

— Vandy era uma grande bruxa negra — explicou Elodie —, mas ela deixou suas asinhas crescerem demais, como dizem por aqui. Ela trabalhou para o Conselho, tentou se candidatar para presidir o Hecate, e... bem, é uma longa história que terminou com ela sendo mandada para o Conselho para passar pela Remoção.

— E — adicionou Anna em um tom conspiratório — parte da punição foi que ela teria que voltar para o Hecate, mas não como reitora, e sim como uma professora normal, para servir de exemplo para os outros. É por isso que ela é uma vaca.

— Ela com certeza vai te encher só porque você é nova — disse Chaston.

— Mas — interrompeu Elodie — ela é supervaidosa. Então, se você se meter em encrenca, é só elogiar as tatuagens dela.

— Tatuagens? — perguntei.

De perto, a estufa era bem maior do que eu havia pensado. O que diabos eles plantavam lá dentro? Árvores?

— Ela tem umas tatuagens bem bonitas, em roxo, por todo o braço. São algum tipo de símbolos mágicos, como se fossem runas — continuou

Elodie. — Ela tem muito orgulho delas. É só falar que achou bonito e terá conquistado Vandy para o resto da vida.

Passamos pela porta da frente da estufa. Chaston ainda estava de braço dado comigo. O salão era enorme, e parecia ser ainda maior porque havia só cinquenta pessoas lá dentro. A aula de Defesa não era separada por idades, sei lá por quê, então vi alguns alunos de doze anos *desesperados*. O interior era bem-iluminado, obviamente, mas não estava quente. Havia um ar gelado ao meu redor, então deduzi que esse prédio tinha o mesmo feitiço da casa principal.

A estufa era parecida com o ginásio de qualquer escola: o chão era de madeira, havia colchões azuis para fazer exercícios, pesos. No entanto, não pude deixar de notar que algumas coisas eram definitivamente bem diferentes, tipo as várias algemas de aço penduradas na parede. E uma forca em tamanho real no fundo da sala.

Elodie imediatamente saiu de perto de nós e foi encontrar Archer, que, no fim das contas, não era tão magro quanto eu pensava. O uniforme dos meninos era basicamente igual ao das meninas, e a camiseta azul dele estava apertada na altura do peito, que era bem mais definido do que eu havia imaginado. Tentei não olhar. Tentei também abafar a pontinha de inveja que senti quando ele abaixou a cabeça para beijar Elodie.

Uma menina ruiva e alta acenou para mim.

— Oi, Sophie!

Acenei de volta me perguntando quem diabos... ah, sim. Cabelo vermelho. Beth, a lobisomem. Ela era bem melhor quando não estava babando em ninguém. Ela fez um sinal para que eu fosse ficar perto dela, mas, antes de conseguir me mover, uma voz nasalizada interrompeu a conversa dos alunos.

— OK, gente!

Vandy passou pelo meio da multidão, ela usava um uniforme como o nosso. Notei as tatuagens imediatamente; elas tinham um tom roxo bem forte e vibrante e sua pele branca realçava o efeito.

O prendedor inseparável estava em seu cabelo. Os olhos pequenos e escuros escanearam a multidão e, mesmo a distancia, dava para perceber

sua expressão de ansiedade. Era como se ela estivesse esperando que alguém a desafiasse para que pudesse massacrar a pessoa como a um inseto.

Em outras palavras, ela me deixou apavorada.

— Atenção! — disse com sua voz fina. Ela tinha o mesmo sotaque sulista da Sra. Casnoff, mas o dela era duro em vez de suave e melódico. — Tenho certeza de que seus outros professores vão dizer que as aulas de História da Magia ou Classificação dos Vampiros, ou, sei lá, o Acasalamento dos Lobisomens são mais importantes do que essa aula. — Notei que alguns meninos, incluindo Justin, se irritaram, mas Vandy continuou. — Mas pensem nisso: como é que essas aulas vão ajudar quando vocês estiverem sendo atacados por um humano? Ou por uma Brannick? Ou pelo Olho, o que é ainda pior? Vocês acham que livros vão salvar vocês quando o L'Occhio di Dio aparecer?

Acho que não demonstramos medo suficiente, porque ela pareceu soltar fogo pelas ventas de tanta raiva. Seu dedo praticamente furou a prancheta que ela segurava enquanto apontava para alguma coisa no papel.

— Mercer! Sophia! — berrou ela.

Sussurrei um palavrão e ergui a mão.

— Hum... aqui. Eu.

— Venha para cá!

Eu fui. Ela me puxou pelo braço até que eu ficasse ao lado dela.

— Bem, Srta. Mercer, aqui na tabela diz que esse é seu primeiro ano no Hecate, correto?

— Sim.

— Sim, o quê?

— Hum... sim, senhora.

— Parece que a senhorita fez um feitiço de amor e acabou vindo parar no Hecate. Foi para você ou a senhorita estava tentando fazer amizade com algum humano, Srta. Mercer?

Ouvi uns risinhos vindo da galera e sabia que meu rosto estava vermelho. Maldita pele branquela.

Pelo visto, a pergunta foi retórica, pois Vandy não esperou pela resposta. Ela se virou e se ajoelhou perto de uma grande bolsa. Quando se levantou, estava segurando uma estaca de madeira.

— Como a senhorita se defenderia contra isso, Srta. Mercer?

— Sou uma bruxa — disse eu automaticamente, e novamente ouvi a multidão murmurar e rir.

Perguntei-me se Archer estava rindo, mas depois achei melhor nem saber.

— Você é uma bruxa? — repetiu Vandy. — E daí? Um pedaço de madeira pontiaguda atravessando o seu coração não vai matá-la?

Burra, burra, burra.

— Eu, hum, acho que sim.

Vandy abriu um dos sorrisos mais perturbadores que já vi. Obviamente fui a escolhida do dia. Ela se virou para o outro lado, analisando a multidão, até que viu alguém que fez com que seus olhos se apertassem.

— Sr. Cross!

Ai, meu Deus, pensei. Por favor, por favor, não...

Archer veio até a frente e ficou do outro lado de Vandy com os braços cruzados em cima do peito. A luz do sol que entrava pela janela fez seus cabelos brilharem. Ele não tinha cabelos pretos, eram do mesmo tom marrom-escuro de seus olhos.

Aí Vandy se virou para mim e colocou a estaca na minha mão.

Não sei que tipo de estacas os matadores de vampiros geralmente usam, mas aquela era uma porcaria. Era feita de alguma madeira amarela barata e áspera. Vandy pegou meu cotovelo e posicionou meu braço para cima, como se eu fosse cravar a estaca no peito de Archer.

Olhei para ele e vi que estava se esforçando para não gargalhar. Seus olhos estavam quase lacrimejando e os lábios tremiam. Minha mão apertou a estaca. Talvez não fosse tão má ideia cravar aquilo no peito dele.

— Sr. Cross — disse Vandy, ainda usando seu sorriso doce —, tenha a gentileza de desarmar a Srta. Mercer com o golpe número nove.

A leveza do rosto de Archer instantaneamente desapareceu.

— Você só pode estar brincando.

— Ou você demonstra ou eu terei que demonstrar.

CAPÍTULO 11



Por alguns instantes, ainda achei que ele fosse se recusar, mas ele olhou para mim e murmurou um "Tá bom".

— Excelente! — vibrou Vandy. — Srta. Mercer, pode atacar o Sr. Cross.

Olhei para ela. Eu nunca tinha matado nem uma mosca, e agora essa mulher queria que eu simplesmente atacasse um garoto com uma estaca afiada?

O sorriso de Vandy se alargou.

— Pode ser hoje ainda?

Gostaria de poder dizer que, de repente, descobri uma princesa guerreira dentro de mim que pulou em cima de Archer com exatidão, empunhando a arma, dentes à mostra. Teria sido maneiro. No entanto, ergui a estaca até mais ou menos a altura do meu ombro e dei dois, talvez três, passos para a frente.

Aí, dedos que pareceram de metal agarraram meu pescoço, a estaca foi arrancada da minha mão e uma dor absurda atingiu minha coxa direita quando caí no chão, batendo tão forte com as costas que fiquei sem ar.

E como se não bastasse, assim que caí, alguma coisa dura e pesada — acho que foi o joelho dele — bateu no meu esterno. Só para garantir que não sobraria ar algum nos pulmões, entende? A ponta da estaca arranhou

a pele sensível embaixo do meu queixo. Ofegante, olhei para o rosto de Archer.

Ele saiu de cima de mim em um segundo, mas tudo o que pude fazer foi rolar para o lado, trazer os joelhos para perto do peito e esperar que o oxigênio voltasse a circular pelo corpo.

— Muito bom! — ouvi Vandy exclamar em algum lugar distante.

Eu estava literalmente vendo estrelinhas e a cada vez que respirava parecia estar respirando entre cacos de vidro. Pelo menos, a minha queda por Archer havia acabado por completo. Fim. Quando um garoto enterra o joelho dele nas suas costelas, qualquer sentimento romântico, naturalmente, vira pó.

Foi então que senti duas mãos embaixo dos meus braços, me levantando.

— Desculpe — murmurou Archer.

Eu o encarei. Minha garganta ainda estava seca e inchada e eu não quis nem tentar falar alguma coisa. Muito menos o monte de coisas que eu queria dizer para ele.

— Pessoal — disse Vandy com alegria —, o Sr. Cross mostrou excelência na técnica, mas eu definitivamente teria ficado sobre o peito do oponente por mais tempo.

Archer fez um movimento discreto com a cabeça quando ela disse aquilo. Tentei entender se foi por isso que ele aceitou fazer a demonstração. Eu estaria numa situação muito pior se tivesse sido Vandy. Que se dane, eu ainda estava irritada.

— E agora, Sr. Cross, estratégia quatro — indicou Vandy.

Dessa vez Archer balançou a cabeça.

— Não.

— Sr. Cross — disse Vandy com voz afiada.

Archer jogou a estaca aos pés dela. Esperei que houvesse uma briga, um embate ou pelo menos uma discussão, mas, novamente, Vandy apenas deu um sorriso largo. Ela pegou a estaca e a entregou para mim.

Eu tinha certeza de que ia vomitar. Não tinha nenhum outro novato que ela pudesse torturar? Olhei em volta e percebi alguns olhares de

compaixão, mas todo o resto parecia aliviado por não estar no meu lugar.

— Tudo bem. Observem e aprendam, pessoal. Estratégia quatro. Venha, Srta. Mercer.

Fiquei em pé olhando para ela.

Ela franziu os lábios em sinal de irritação e, sem nenhum aviso, esticou a mão para me segurar. Só que eu estava preparada dessa vez, e com raiva, e machucada. Sem pensar, levantei a perna para a frente.

Com força.

Vi o meu pé bater no peito dela como se ele pertencesse a outra pessoa. Não era possível que aquele pé fosse meu, eu nunca tinha chutado alguém em toda a minha vida e certamente nunca chutaria uma professora.

Mas chutei. Chutei Vandy no peito, e ela caiu na pilha de colchões azuis, não muito longe de onde eu tinha aterrissado antes.

Ouvi os outros alunos respirarem fundo. Falando sério: todos os cinquenta alunos inspiraram no mesmo instante.

Foi aí que percebi a gravidade do que eu havia feito. Ajoelhei-me e ofereci minha mão.

— Ai, meu Deus! Eu... eu não quis...

Ela afastou minha mão e se levantou muito irritada. Eu estava ferrada, muito ferrada.

— Srta. Mercer — disse ela, respirando pesadamente, como um touro. — A senhorita pode me dar algum motivo para que eu não a mande para a detenção por um mês?

Minha boca se moveu, mas nada saiu. De repente, como em um passe de mágica, lembrei-me do conselho de Elodie.

— Gosto das suas tatuagens! — respondi apressadamente.

Antes eu só achei que a turma tinha respirado fundo. Agora parecia o som do ar escapando de balões de festa.

Vandy inclinou a cabeça na minha direção e cerrou os olhos.

— Você o quê?

— Eu... eu gosto das suas tatuagens. Os desenhos. As suas, hum, tatoos. Elas são iradas.

Nunca havia visto uma pessoa tendo um aneurisma, mas acho que era exatamente isso que Vandy estava prestes a ter. Desesperada, olhei para a multidão de alunos até encontrar os olhos de Elodie. Ela estava sorrindo, e percebi que havia acabado de cometer um erro terrível.

— Espero que a senhorita não esteja planejando ter muito tempo livre no Hecate, Srta. Mercer — disse Vandy. — Detenção. No porão. Pelo resto do semestre.

Pelo resto do semestre? Balancei a cabeça. Onde já se viu uma detenção que dure dezoito semanas? Que loucura! E no porão? O que isso queria dizer?

— Ah, fala sério — ouvi alguém dizer. Quando me virei, lá estava Archer olhando para Vandy. — Ela não sabe, tá? Ela não foi criada como nós.

Vandy tirou uma mecha de cabelo de cima da testa.

— É mesmo, Sr. Cross? Então o senhor acha que a punição da Srta. Mercer é injusta?

Ele não respondeu, mas assentiu de qualquer forma.

— Tudo bem. Você divide a punição com ela então.

Elodie fez um som de indignação. Até que gostei da reação dela.

— Agora, saiam os dois do meu ginásio e vão direto para a sala da Sra. Casnoff — disse Vandy, massageando o peito.

Archer já estava do lado de fora antes que Vandy terminasse de falar, mas eu ainda estava meio chocada e meu corpo doía. Corri para a saída, ignorando os olhares de Elodie e Chaston.

Archer andava tão rápido que quase não o alcancei.

— Você gosta dos "desenhos" dela? — disse ele assim que cheguei ao seu lado. — Como se ela já não tivesse razões suficientes para odiá-la.

— Peraí, você está puto comigo? Comigo? Fui eu quem recebeu uma joelhada que praticamente afundou minhas costelas, querido, então pode ficar calminho.

Ele parou tão repentinamente que acabei dando três passos à frente dele e tive que voltar.

— Se Vandy tivesse demonstrado o golpe, você estaria na enfermaria agora. Foi mal por tentar te salvar. De novo.

— Não preciso de ninguém tentando me salvar — retruquei, com o rosto quente.

— Claro — respondeu ele, antes de continuar andando em direção à casa.

Aí uma coisa que ele disse me deixou curiosa.

— Como assim ela já tem razões suficientes para me odiar?

Ele não ia parar de andar, então tive que correr para alcançá-lo.

— Foi o seu pai que colocou aquelas "tatoos" nela.

Puxei o cotovelo dele. Meus dedos escorregaram na pele suada.

— Peraí. Como assim?

— Aquelas marcas significam que ela passou pela Remoção. São o símbolo da besteira que ela fez, e não um motivo de orgulho. Por que você falaria...

Ele parou de falar, provavelmente porque eu o estava encarando.

— Elodie — murmurou ele.

— É — respondi com raiva. — Sua namoradinha e as amigas dela me ajudaram muito essa manhã dando informações sobre Vandy.

Ele suspirou e passou a mão na nuca, o que fez com que sua camiseta ficasse ainda mais apertada no peito. Não que eu estivesse prestando atenção.

— Olhe, Elodie... ela...

— *Não* me interessa — falei, erguendo uma das mãos. — Agora explique o que quis dizer sobre meu pai e as tatuagens.

Archer olhou para mim sem acreditar no que ouvia.

— Uau.

— O quê?

— Você realmente não sabe?

Nunca percebi minha pressão subindo, mas era o que eu estava sentindo agora. Parecia a sensação da magia, só que com muito mais raiva e

tendências homicidas.

— Eu. Não. Sei. *O quê?* — foi o que consegui dizer.

— Seu pai é o chefe do Conselho. O cara que mandou todos nós para cá.

CAPÍTULO 12



Depois daquela informação, fiz algo que nunca tinha feito antes: tive um ataque histérico melodramático.

Comecei a chorar, mas não de uma forma tragicamente bonita e elegante. Não: foi daquele jeito desengonçado, rosto vermelho, nariz escorrendo.

Geralmente tento não chorar na frente das pessoas, especialmente de meninos gatos dos quais eu gostava antes deles tentarem me asfixiar. Todavia, por algum motivo, ouvir que havia ainda mais coisas das quais eu não sabia me fizeram explodir.

Archer não ficou horrorizado com o choro, o que contou pontos a favor. Ele até esticou uma das mãos para segurar o meu ombro. Ou talvez para me dar um tapa.

No entanto, antes que ele pudesse me confortar, ou cometer outros atos de violência contra minha pessoa, dei um toque final ao meu momento melodramático: eu saí correndo.

Não foi nada bonito.

Se bem que a essa altura eu não estava nem aí. Apenas corri, meu peito queimando, minha garganta doendo, pelo golpe de Archer e pelas lágrimas. Meus pés tocavam a grama em pisadas pesadas, e tudo o que eu conseguia pensar era em como eu era idiota.

Não sei sobre feitiços de bloqueio.

Não sei sobre tatuagens.

Não sei sobre aquela droga daquele Olho italiano.

Não sei sobre o meu pai.

Não sei nada sobre ser uma bruxa.

Não sei, não sei, não sei.

Não vi exatamente o quanto corri, mas quando cheguei perto do lago ao lado da escola, minhas pernas tremiam e meu quadril doía. Eu precisava me sentar. Felizmente, havia um banco de pedra logo ao lado da água. Eu estava tão ofegante por causa da corrida e do choro que nem notei o limo que cobria o banco e me sentei. Estava quente por causa do sol, e eu me encolhi um pouco.

Fiquei sentada lá com os cotovelos em cima dos joelhos e minha cabeça apoiada nas mãos, escutando o ar entrar e sair dos meus pulmões. Gotas de suor corriam pela minha testa e pingavam nas minhas pernas, e comecei a me sentir meio tonta.

Eu estava tão... *furiosa*. Tudo bem, mamãe ficou assustada porque meu pai era um bruxo. Eu entendo. Mas por que ela não me deixava pelo menos falar com ele? Teria sido muito melhor se ele me alertasse sobre Vandy. Sabe, alguma coisa do tipo: "Ah, falando nisso, sua professora de Educação Física me odeia profundamente, e, consequentemente, odeia você. Boa sorte!"

Gemi e me deitei no banco, mas voltei a me sentar rapidamente quando toquei a pedra quente com o braço. Sem pensar, coloquei a mão sobre o banco e pensei: *confortável*.

Um brilho discreto e prateado saiu do meu dedo indicador e o banco imediatamente começou a se esticar e se ondular até se transformar em um sofá de veludo lindo, grande e chique com estampa rosa de zebra. Eu estava sendo contagiada por Jenna.

Ajeitei-me no novo e confortável sofá com uma sensação agradável pelo corpo. Eu não tinha feito nenhuma magia desde que cheguei no Hecate, e já havia me esquecido como os feitiços mais bobos me deixavam feliz. Eu não conseguia criar coisas do nada — pouquíssimas bruxas conseguiam, e

era um tipo de magia negra pesada, de qualquer forma —, mas podia transformar objetos em versões diferentes deles mesmos.

Coloquei a mão sobre o peito e sorri enquanto meu uniforme de ginástica se transformava em um top branco e short cáqui. Depois, apontei para a beira do lago e vi um filete aspiralado saindo da superfície, girando para dentro de um cilindro, até que eu tivesse um copo de chá gelado flutuando bem na minha frente.

Eu estava bem contente, e mais do que embriagada pela magia, quando me recostei no sofá e tomei o chá. Posso ser uma perdedora, mas, vejam só, pelo menos sou uma perdedora que faz magia, NÉ?

Fiquei sentada por vários minutos cobrindo os olhos com o braço, escutando os pássaros e o barulho suave da água batendo na margem do lago, e pude esquecer que estaria muito encrencada quando voltasse para a escola.

Abaixei o braço e me virei para olhar o lago.

Na outra margem havia uma menina em pé. O lago era bem pequeno, então dava para vê-la perfeitamente. Era o fantasma de verde que vi no meu primeiro dia no Hecate. E de novo ela olhava fixamente para mim.

Aquilo era mais do que assustador. Sem saber o que fazer, levantei a mão e acenei.

A menina acenou de volta e desapareceu. Não houve aquele efeito gradual como eu tinha visto com a fantasma Isabelle. Ela estava lá, e no segundo seguinte tinha sumido.

— Cada vez mais esquisito — falei um pouco alto demais, o que me deixou ainda mais assustada.

Meu bom humor começou a sumir assim que a sensação boa da magia foi indo embora. Olhei para mim e vi que meu modelito mais bonitinho e fresco tinha voltado a ser o uniforme de ginástica. Estranho... Os meus feitiços geralmente duram mais do que isso. O sofá estava começando a ficar um pouco mais duro também e deduzi que em cinco minutos eu estaria sentada no limo novamente.

Meus pensamentos se voltaram para meus pais e seu aparente talento para a mentira. Mesmo que eu tentasse ficar com raiva deles por me

meterem nessa encrenca, sabia que a culpa não era só deles.

Meu pior medo parecia estar se tornando realidade. Uma coisa é ser diferente no meio de pessoas que, bem, são *diferentes* de você. É bem pior ser excluída no meio de um bando de excluídos.

Suspirei e fiquei deitada no sofá, que já tinha limo em um dos lados. Fechei os olhos.

— Sophia Alice Mercer, uma aberração entre as aberrações — murmurei.

— O quê?

Abri os olhos e vi uma figura acima de mim. O sol estava bem atrás dela, transformando-a em uma sombra negra, mas o formato do cabelo fez com que eu identificasse a Sra. Casnoff rapidamente.

— Estou encrencada? — perguntei sem me levantar.

Provavelmente foi uma alucinação devido ao calor, mas tenho quase certeza de que a vi sorrindo quando ela se abaixou e colocou uma das mãos sobre o meu ombro, mostrando que eu deveria me sentar.

— Segundo o Sr. Cross, você terá de cumprir uma detenção no porão durante o resto do semestre, então sim, acho que você está encrencada. Mas isso é com a Srta. Vanderlyden, não comigo.

Ela olhou para o sofá rosa e sua boca se contorceu em sinal de desaprovação. Colocou a mão nas costas do sofá e o feitiço se esvaiu em uma chuva de luzes rosas, até se transformar em um sofá mais respeitável, azul-claro com desenhos de folhas cor-de-rosa.

— Melhor — disse ela, sentando-se ao meu lado. — Sophia, posso saber por que você está aqui em vez de ter ido para a próxima aula?

— Estou vivendo a angústia adolescente, Sra. Casnoff — respondi. — Preciso, tipo, escrever no meu diário.

Ela deu uma bufada de leve.

— Sarcasmo é uma qualidade nada atraente em jovens meninas, Sophia. Não estou aqui para ouvir as lamúrias que você resolveu usar como desculpa, portanto prefiro ouvir a verdade.

Olhei para ela, sentada impecavelmente, com seu terno marfim de lã (outra vez, e naquele calor! Qual o problema dessa gente?), e suspirei.

Minha própria mãe, que era supergente boa, mal conseguia me entender. De que adiantava falar com aquela magnólia de aço com seu cabelo tão impecável?

Dei de ombros e comecei a falar.

— Não sei nada sobre ser uma bruxa. Todo mundo aqui cresceu nesse mundo, mas eu não, e isso é um saco.

Os lábios dela fizeram aquele mesmo movimento de antes, e achei que ela fosse me repreender por eu ter falado "saco", mas ela disse:

— O Sr. Cross me falou que você não sabia que seu pai é o atual presidente do Conselho.

— Eu não sabia.

Ela tirou um fiapo do terno e disse:

— Não sei o que levou seu pai a fazer isso, mas tenho certeza de que ele teve razões para esconder esse fato de você. Além do que sua presença aqui é muito... delicada, Sophie.

— O que isso quer dizer?

Ela não respondeu por um certo tempo; ficou apenas olhando para o lago. Finalmente, virou-se para mim e cobriu minha mão com as dela. Apesar do calor, a pele dela era fria e seca, quase como um papel. Quando olhei para ela, percebi que era mais velha do que eu achava e tinha muitas linhas de expressão nos cantos dos olhos.

— Venha comigo até meu escritório, Sophia. Temos que conversar sobre algumas coisas.

CAPÍTULO 13



O escritório ficava no primeiro andar, depois da sala de estar cheia de poltronas compridas. Eu já havia passado por lá, mas dessa vez notei que as poltronas haviam sido substituídas por outras bem mais bonitas e robustas, e os sofás ligeiramente mofados foram estofados novamente com um tecido de listras brancas e amarelas bem alegre.

— Quando você comprou móveis novos? — perguntei.

Ela me olhou por cima do ombro.

— Não comprei. É um feitiço de percepção.

— O quê?

— Foi uma das ideias de Jessica Prentiss. Os móveis da casa refletem a mente de quem os vê, assim podemos estimular sua sensação de conforto na escola.

— Então eu imaginei aqueles móveis nojentos?

— De certa maneira, sim.

— E o lado de fora da casa? Sem querer ofender, mas a casa ainda parece meio acabada.

A Sra. Casnoff deu uma risadinha.

— Não, o feitiço é usado somente nos cômodos internos da casa: nas salas de visita, de aula, e por aí vai. O Hecate tem que manter um *pouco* de seu ar maternal, você não acha?

Antes de virar no corredor que dava para o escritório da Sra. Casnoff, olhei novamente para a sala. Agora via que as poltronas e sofás, e até as cortinas, cintilavam e faziam movimentos ondulados, como o efeito do calor subindo do asfalto.

Bizarro.

Achei que a Sra. Casnoff teria a maior e mais linda sala da escola. Sabe, cheia de livros ancestrais, móveis de carvalho e janelas do chão ao teto. No entanto, ela me levou para uma salinha sem janelas com um cheiro forte de seu perfume de lavanda misturado a outro cheiro mais forte e amargo. Depois de alguns instantes, percebi que o cheiro era de chá. Uma pequena chaleira elétrica estava fervendo água na beira da mesa, que não era monstruosa como eu havia imaginado, era uma mesa pequena e simples.

Havia livros, mas eles estavam organizados em fileiras verticais junto a três paredes. Tentei ler os títulos, mas os que não estavam muito desgastados vinham em línguas que eu não conseguia entender.

A única coisa no escritório da Sra. Casnoff remotamente parecida com o que eu havia imaginado era sua cadeira. Não era exatamente uma cadeira, parecia mais um trono: era alta e pesada, estofada com veludo roxo.

A cadeira do outro lado da mesa era uns bons quinze centímetros mais baixa, e, quando me sentei, imediatamente me senti como se tivesse seis anos.

Acho que essa era a ideia.

— Chá? — perguntou ela após ajeitar-se em seu trono.

— Sim.

Mais alguns momentos se passaram em silêncio enquanto ela enchia uma xícara com o chá bem vermelho. Sem perguntar, ela adicionou leite e açúcar.

Tomei um gole. Tinha o mesmo gosto do chá que minha mãe fazia nos dias de chuva durante o inverno, que passávamos deitadas no sofá, lendo e conversando. O gosto familiar era reconfortante e me fez relaxar um pouco.

Novamente, acho que era essa a ideia.

Olhei para ela.

— Como você...

A Sra. Casnoff apenas moveu uma das mãos.

— Sou uma bruxa, Sophia.

Franzi o rosto. Ser manipulada é uma das coisas que menos gosto. Junto com cobras. E a Britney Spears.

— Então você sabe um feitiço que faz com que chá tenha gosto de... chá?

A Sra. Casnoff tomou um gole e tive a impressão de que ela estava tentando não rir.

— Na verdade, é um pouco mais do que isso. — Ela apontou para a chaleira. — Levante a tampa.

Inclinei-me e fiz o que ela pediu.

A chaleira estava vazia.

— Sua bebida preferida é o chá irlandês que sua mãe faz para o café da manhã. Se fosse limonada ou chocolate quente, seria isso que você beberia. É um feitiço de conforto básico para deixar as pessoas calmas. Como você estava se sentindo antes que o seu instinto naturalmente desconfiado aflorasse novamente.

Nossa, ela era muito boa mesmo. Eu nunca nem tinha tentado fazer um feitiço desse tipo.

Mas não ia deixar que ela visse que eu estava impressionada.

— E se minha bebida favorita fosse cerveja? Você me deixaria tomar uma caneca geladinha?

Ela deu de ombros de uma maneira muito elegante.

— Aí acho que eu teria evitado o feitiço.

Pegou um portfólio de couro do meio de uma pilha de pastas em sua mesa e se recostou no trono.

— Diga, Sophia — pediu a Sra. Casnoff —, o que exatamente você sabe sobre a sua família?

Ela estava recostada na cadeira, um tornozelo cruzado sobre o outro, com o ar mais casual possível.

— Não muito — respondi com cuidado. — Minha mãe é do Tennessee, e os pais dela morreram em um acidente de carro quando ela tinha vinte...

— Não é sobre esse lado da família que eu estou falando — disse a Sra. Casnoff. — O que você sabe sobre sua família paterna?

Ela não estava nem tentando conter a ansiedade. Senti de repente que alguma coisa muito importante dependia da minha resposta.

— Tudo o que sei é que meu pai é um bruxo chamado James Atherton. Mamãe o conheceu na Inglaterra e ele disse que tinha crescido lá, mas ela não sabia ao certo se isso era verdade.

A Sra. Casnoff suspirou, colocou a xícara sobre a mesa e começou a folhear o portfólio. Ela deslizou os óculos do topo de sua cabeça, onde eles sempre ficavam, para os olhos e murmurou:

— Vejamos, eu vi isso... Ah, sim, aqui está.

Ela se inclinou sobre o portfólio e de repente parou e me olhou.

— Sophia, é muito importante que o que conversarmos nessa sala fique nessa sala. Seu pai me pediu que eu compartilhasse isso com você quando fosse apropriado, e acho que chegou a hora.

Só concordei com a cabeça — afinal, o que eu poderia dizer depois de um discurso desses?

Isso foi o suficiente, e ela me deu uma foto em preto e branco. Uma jovem mulher estava olhando para mim. Ela parecia um pouco mais velha do que eu, e, pelo estilo das roupas, achei que a foto tivesse sido tirada lá pela década de 1960. Ela estava usando um vestido preto, ondulado na altura da canela, como se uma brisa estivesse passando. Seu cabelo era claro, provavelmente loiro ou ruivo.

Logo atrás dela estava a varanda de entrada do Hecate Hall. As persianas costumavam ser brancas.

Ela estava sorrindo, mas o sorriso parecia meio apertado, forçado.

Os olhos. Grandes, espaçados e bem claros. E muito familiares.

O único par de olhos que eu tinha visto como aqueles era o do meu pai, na única foto que eu tinha dele.

— Quem... — Minha voz falhou. — Quem é ela?

Olhei para a Sra. Casnoff, que estava me observando com cuidado.

— Essa — disse ela, colocando mais chá na xícara — é sua avó, Lucy Barrow Atherton.

A minha avó. Pelo segundo mais longo do mundo, achei que não conseguiria respirar. Fiquei apenas encarando a foto, tentando desesperadamente me ver naquele rosto.

Não consegui me encontrar. Suas bochechas eram altas e firmes, e meu rosto é ligeiramente arredondado. O nariz dela era muito comprido para se parecer com o meu, e os lábios eram bem finos.

Olhei para o rosto. Apesar do sorriso, ela parecia estar triste.

— Ela esteve aqui? — perguntei.

A Sra. Casnoff colocou os óculos no alto da cabeça e fez que sim.

— Na verdade, Lucy cresceu aqui no Hecate, antes que ele *fosse* o Hecate, é claro. Acho que essa foto foi tirada logo depois do nascimento do seu pai.

— Você... você a conheceu?

A Sra. Casnoff balançou a cabeça.

— Isso foi antes do meu tempo. Mas a maioria dos Prodígios já ouviu falar sobre ela, é claro. Sua história foi muito peculiar.

Por dezesseis anos me perguntei quem eu realmente era, de onde vinha. E lá estava a resposta, bem na minha frente.

— Por quê?

— Contei a história da origem do Prodígio no seu primeiro dia aqui. Você se lembra?

Foi há, tipo, duas semanas atrás, acho. É claro que eu lembrava. Decidi não ser sarcástica e disse:

— Lembro. Anjos. Guerra com Deus.

— Isso. No entanto, no seu caso, a sua família não teve poderes até 1939, quando a sua bisavó Alice tinha dezesseis anos.

— Achei que as pessoas nascessem bruxas. Mamãe disse que só os vampiros começam a vida como humanos.

A Sra. Casnoff assentiu.

— Geralmente é isso que acontece. Todavia, tem sempre um humano meio estranho que se dedica a mudar seu destino. Eles encontram um livro

de feitiços ou um encanto especial, alguma maneira de se atribuírem características do divino, do místico. Muito poucos sobrevivem ao processo. Sua bisavó foi uma dessas.

Sem saber o que dizer, tomei um bom gole do meu chá. Ele estava frio, e o açúcar tinha ido para o fundo da xícara, quase formando uma calda.

— Como? — perguntei finalmente.

A Sra. Casnoff suspirou.

— Infelizmente não sei dizer. Se Alice contou sua experiência em detalhes para alguém, isso nunca foi registrado. Só sei o que consegui juntar aqui e ali. Parece que ela se envolveu com uma certa bruxa de más intenções que queria aumentar seus poderes através da magia negra, que foi banida pelo Conselho desde o século XVII. Ninguém sabe ao certo como Alice se envolveu com essa mulher (Sra. Thorne, acho que era seu nome) ou se ela sabia o que essa pessoa era. Por algum motivo, o feitiço que era para ter modificado a Sra. Thorne acabou recaindo sobre Alice.

— Peraí, você disse que a Sra. Thorne estava usando magia negra para esse feitiço, não é?

A Sra. Casnoff concordou.

— É. Uma coisa realmente terrível. Alice teve muita sorte por não ter morrido durante a transformação. O mesmo não aconteceu com a Sra. Thorne.

De repente, senti como se tivesse engolido vários cubos de gelo ao mesmo tempo. E embora meu estômago estivesse congelado, minha testa começou a suar.

— Então... minha bisavó foi transformada em uma bruxa através de magia negra? Tipo, a pior e mais perigosa forma de magia no mundo?

A Sra. Casnoff assentiu novamente. Ela ainda me observava com cuidado.

— Sua bisavó foi uma aberração, Sophia. Desculpe, sei que essa palavra é horrível, mas não há como dizer outra coisa.

— Como... — Minha voz saiu rouca e tossi levemente. — O que aconteceu com ela?

A Sra. Casnoff respirou fundo.

— Ela foi encontrada mais tarde por um membro do Conselho em Londres. Ela estava internada em um asilo, declamando desvarios sobre bruxas e demônios. O integrante do Conselho trouxe ela e sua avó Lucy para o Hecate.

— Minha avó? — Olhei para a foto nas minhas mãos.

— Sim. Alice estava grávida quando foi encontrada. Eles esperaram até que a criança nascesse para trazê-las para cá.

Ela se serviu de mais chá. Tive a impressão de que ela não queria mais falar, mas precisava perguntar.

— E o que aconteceu depois?

A Sra. Casnoff mexeu o chá com o tipo de concentração que só se vê em cirurgias cerebrais.

— Alice não se ajustou muito bem à transformação — respondeu ela, sem olhar para mim. — Depois de três meses no Hecate, ela conseguiu escapar de alguma forma. Novamente, ninguém sabe ao certo como, mas Alice tinha magias poderosas ao seu dispor. E depois... — A Sra. Casnoff parou para tomar o chá.

— E depois? — repeti.

Ela finalmente olhou para mim.

— Ela foi assassinada. L'Occhio di Dio.

— Como sabemos que foi...

— Eles sempre deixam as coisas bem claras para nós — disse ela em um tom seco. — De qualquer forma, Lucy, que foi deixada para trás, ficou aqui no Hecate para que o Conselho pudesse observá-la.

— Como assim, como um experimento científico?

Não quis soar tão irritada, mas eu já estava mais do que desesperada.

— Os poderes de Alice eram fenomenais. Ela era literalmente a Prodígio mais forte que já se viu. Era vital que o Conselho soubesse se aquele nível de magia havia sido passado para sua filha, que, afinal de contas, era metade humana.

— E passou?

— Sim. E aquele poder também foi passado para o seu pai.

Os olhos dela encontraram os meus.

— E para você.

CAPÍTULO 14



Depois de nossa reunião, a Sra. Casnoff me deu o resto da tarde para — como ela disse — "refletir sobre o que eu havia aprendido". Mas, eu não estava muito a fim de refletir. Fui direto para o terceiro andar. Na pequena alcova perto do corredor, havia telefones vermelhos que os alunos podiam usar. Eles estavam empoeirados, pois a maior parte dos Prodígios no Hecate não precisa de telefones para se comunicar com suas famílias. Os vampiros conseguem usar a telepatia — não que Jenna fosse se comunicar com o pessoal dela. Os metamorfos têm um tipo de mente coletiva, e as fadas usam o vento ou insetos voadores para enviar mensagens. Eu tinha visto Nausicaa murmurar coisas para uma libélula naquela manhã.

Quanto aos bruxos, parece que havia um bando de feitiços para falar com as pessoas — desde fazer com que palavras aparecessem em uma parede até falar através de um gato. Todavia, eu não sabia usar tais feitiços, e, caso soubesse, eles só serviriam para me comunicar com outras bruxas. Como minha mãe é humana, a comunicação também tinha que ser.

Peguei o telefone e estranhei a sensação áspera na minha mão suada.

Depois de alguns segundos, minha mãe atendeu.

— Meu pai é o presidente do Conselho — fui dizendo antes que ela acabasse de dizer alô.

Eu a ouvi respirar fundo.

— Ah, Sophie, eu quis te contar.

— Mas não contou — emendei.

Minha garganta ficou apertada, o que me surpreendeu.

— Soph...

— Você não falou nada. — Meus olhos doeram e minha voz soou pesada. — Não me disse quem é o meu pai e que eu sou a bruxa mais poderosa, tipo, *do mundo*. Você não me disse que meu pai foi a pessoa que... que nos mandou para cá.

— Ele não teve escolha — disse mamãe com uma voz cansada. — Se a filha dele não fosse punida, como ele ficaria perante outros do Prodígio?

Limpei as lágrimas da bochecha com as costas da mão.

— Claro, eu certamente não quero que ele *fique mal na fita* — falei.

— Querida, deixe eu ligar para o seu pai e podemos resolver isso...

— Por que você não me falou que as pessoas querem me matar?

Mamãe ficou sem saber o que dizer.

— Quem disse isso para você? — perguntou ela, parecendo estar com mais raiva do que eu.

— A Sra. Casnoff — respondi. Assim que a Sra. Casnoff jogou aquela bomba em mim sobre meus poderes, ela falou que uma das razões para meu pai me mandar para o Hecate foi para me manter salva.

— Você não pode culpá-lo — dissera a Sra. Casnoff. — O L'Occhio di Dio matou Lucy também, em 1974, e seu pai já sofreu inúmeros atentados. Pelos primeiros quinze anos da sua vida, seu pai conseguiu manter sua existência em segredo. Mas agora... era apenas uma questão de tempo para que o L'Occhio di Dio descobrisse sobre você, e você estaria sem defesas no mundo dos humanos.

— E aquelas... pessoas irlandesas? — foi o que respondi à ela.

A Sra. Casnoff desviou o olhar.

— As Brannicks não nos preocupam nesse momento — foi tudo o que ela respondeu. Sabia que ela estava mentindo, mas eu estava muito chocada para dizer qualquer coisa.

— É verdade? — perguntei à minha mãe agora. — Meu pai me colocou aqui porque corro perigo?

— Quero que você coloque a Sra. Casnoff no telefone imediatamente — pediu mamãe sem responder a pergunta.

Havia muita raiva em sua voz, e medo também.

— É verdade? — repeti.

Ela não respondeu, então berrei:

— *É verdade?*

Uma porta se abriu no corredor. Olhei para trás e vi a cabeça de Taylor. Quando ela me viu, balançou a cabeça de leve e fechou a porta.

— Soph — disse mamãe —, bem... nós... vamos falar sobre isso quando você vier para casa nas férias de inverno, OK? Não quero falar sobre isso no telefone.

— Então *é* verdade — confirmei chorando.

Ela ficou em silêncio por tanto tempo que achei que ela tinha desligado. Ela respirou fundo e disse:

— Podemos conversar sobre isso depois.

Bati o telefone, que fez um som metálico em forma de protesto. Deslizei pela parede até o chão e abracei os joelhos para que pudesse colocar minha cabeça sobre eles.

Fiquei naquela posição por um longo tempo, respirando lentamente na tentativa de conter as lágrimas. Uma parte de mim sentia-se culpada, como se devesse estar me sentindo superanimada por ser uma bruxa poderosa e tal. Só que eu não estava me sentindo assim. Eu deixaria a pele brilhosa e o cabelo esvoaçante para Elodie e suas amiguinhas com todo prazer. Eu poderia ser dona de uma lojinha de chá ou alguma coisa do tipo, poderia vender livros sobre astrologia e chacras. Isso seria divertido. Talvez eu usasse um uniforme lilás e...

Levantei a cabeça e o meu fluxo de pensamentos parou. Eu estava sentindo aquele calafrio de novo.

Olhei em volta e vi a menina do lago parada no fim do corredor. De perto, dava para ver que ela tinha mais ou menos a minha idade. Ela

estava com a cara fechada e notei que seu vestido verde era esvoaçante na altura da canela, mesmo sem nenhum vento passando por ela.

Antes que eu pudesse abrir a boca e perguntar quem ela era, a menina se virou rapidamente e saiu andando. Tentei ouvir o salto dela batendo contra os degraus de madeira, mas não houve nenhum barulho.

Agora, o calafrio não estava só na minha nuca, mas em todo o corpo. Provavelmente era estranho frequentar uma escola povoada de monstros e ter medo de fantasmas, mas aquilo tudo estava ficando meio ridículo. Era a terceira vez que via aquela menina, e toda vez ela ficava olhando para mim. Por quê?

Levantei-me com calma e atravessei o hall. Parei antes de virar no corredor com medo de que ela estivesse me esperando.

O que ela vai fazer, Sophie? Berrar "Bu!"? Passar através do seu corpo? Pelo amor de Deus, ela é um fantasma, pensei. Mesmo assim, minha respiração ainda estava presa quando virei no corredor. E esbarrei contra uma coisa bem sólida.

Tentei berrar, mas acabou saindo mais como um grunhido.

Um par de mãos me segurou.

— Opa — disse Jenna com um sorriso.

— Ah, oi — respondi, sentindo-me assustada por causa da colisão e aliviada pelo encontro.

— Você está bem?

Ela olhou para o meu rosto com preocupação.

— Foi um longo dia.

Ela sorriu.

— Com certeza. Ouvi falar sobre o que aconteceu com Vandy.

Eu gemi. Com todos os segredos familiares, assassinos e fantasmas, havia me esquecido do perigo mais iminente.

— Foi minha culpa. Não devia ter escutado Elodie.

— Não devia mesmo — disse Jenna, mexendo na mecha rosa. — Falando nisso, é verdade que você tem plantão no porão durante o resto do semestre?

— É. Como assim? Detenção? Plantão?

— Sua detenção é o plantão. E é terrível — respondeu ela sem cerimônia. — O Conselho joga todos os artefatos de magia rejeitados aqui, e eles ficam amontoados no porão. Quem pega o plantão tem que tentar catalogar todo aquele lixo.

— Tentar?

— Bem, é lixo, mas lixo mágico, então se move. Catalogar aquilo tudo é uma perda de tempo porque os objetos não ficam no mesmo lugar.

— Ótimo — murmurei.

— Cuidado, Sophie. A sanguessuga está com cara de fome — ouvi.

Olhei por cima do ombro de Jenna e vi Chaston no fim do corredor. Nunca a tinha visto sem Elodie e Anna. Era meio esquisito.

Chaston deu um sorrisinho para nós, parecendo mais ser uma imitação de Elodie do que ela mesma.

— Cale a boca, Chaston — falei, irritada.

— Bruxa: prato principal para o jantar de hoje — disse ela com uma risada antes de entrar no quarto.

Ao meu lado, Jenna pareceu mais pálida do que o normal. Podia ser um efeito da luz, mas por um segundo achei que seus olhos ficaram vermelhos.

— A sanguessuga — murmurou ela. — Essa é nova.

— Ei — falei, sacudindo-a levemente. — Não deixe que elas atinjam você. Especialmente *aquela* ali. Ela não vale isso.

Jenna assentiu.

— Você tem razão — disse ela, ainda olhando para a porta de Chaston. — Então, você vem para a aula de Classificação dos Mutantes?

Balancei a cabeça.

— Casnoff me deu o dia de folga — avisei.

Ainda bem que Jenna não perguntou o motivo.

— Maneiro. Então vejo você no jantar.

Depois que Jenna foi embora, pensei em voltar para o quarto para ler e ficar deitada, mas fui ao andar debaixo e entrei na biblioteca. Assim como o resto da casa, aquele aposento parecia ser menos tosco agora. As cadeiras pareciam ter menos fungos prontos para me devorar, e aparentemente ser bem mais confortáveis.

Tive que procurar por pouco tempo até encontrar o que queria.

O livro era preto, com a lombada cheia de fissuras. Não havia título, mas um olho grande e dourado estava impresso na capa.

Sentei-me em uma das cadeiras, cruzei as pernas e abri o livro no meio. Havia várias páginas brilhosas com fotos, a maioria reproduções de pinturas; algumas poucas outras eram fotografias velhas de um castelo decadente na Itália que seria o quartel general do L'Occhio di Dio. Olhei as páginas e parei quando vi a mesma foto do livro da mamãe. A foto era tão horrível quanto eu lembrava: a bruxa deitada de costas, seus olhos abertos de terror e o homem com cabelos escuros em cima dela, segurando uma faca prateada. O Olho tatuado acima do coração dele.

Parei de olhar a foto e li o texto.

Formada em 1129, a sociedade começou na França como uma extensão dos Cavaleiros Templários. Originalmente um grupo de cavaleiros sagrados encarregados de limpar o mundo de demônios, essa organização logo se mudou para a Itália, onde adotou seu nome oficial, L'Occhio di Dio — O Olho de Deus. O grupo rapidamente se tornou conhecido por seus atos brutais contra todos os Prodígios, porém também são conhecidos por atacar humanos que ajudaram o Prodígio. Com o passar do tempo, eles passaram de guerreiros sagrados a algo mais similar a um grupo terrorista. Absolutamente secretos, o L'Occhio di Dio é um grupo de assassinos de elite com um só objetivo: exterminar todo e qualquer Prodígio.

— Pô, superlegal — murmurei para mim mesma.

Passei o olho por mais algumas páginas. O resto do livro parecia ser a história dos líderes do grupo e suas vítimas mais famosas do Prodígio. Dei uma olhada na lista de vítimas e não achei Alice Barrow. Talvez a Sra. Casnoff tenha se enganado e a minha bisavó não fosse assim tão poderosa.

Eu já ia colocar o livro de volta na estante quando uma ilustração em preto e branco me chamou a atenção e fez o meu corpo estremecer. Era uma bruxa deitada em uma cama com a cabeça pendurada para o lado e os olhos vazios. Havia dois homens sombrios em pé atrás dela, olhando para o corpo. Suas camisas estavam abertas o suficiente para mostrar as tatuagens acima do coração. Um deles estava segurando uma madeira fina e longa, bem afiada, quase como uma estalactite. O outro segurava um jarro com um líquido preto suspeito. Li a legenda embaixo da figura.

Mesmo que a remoção do coração seja a forma mais comum usada pelo Olho para realizar suas execuções, o grupo também é conhecido por drenar o sangue de diversos Prodígios. Não sabemos se o objetivo desse procedimento é atiçar os vampiros.

Tremi quando encarei os olhos vazios da bruxa novamente. Não havia furos em seu pescoço, como eles tinham encontrado na Holly, mas com certeza o homem tinha sugado o sangue dela, só não sei como.

Era impossível. Nós estamos em uma ilha cercada de mais feitiços de proteção do que eu posso contar. Com certeza, não havia como um integrante do Olho entrar aqui sem ser detectado.

Voltei ao livro e procurei por alguma parte que falasse sobre o Olho ter furado algum bloqueio de proteção, mas tudo o que eu lia só dizia que eles não usavam magia, apenas a força bruta.

Mais tarde, depois de ter levado o livro para o quarto, mostrei a foto para Jenna. Achei que ela fosse se interessar, mas ela mal olhou para a foto antes de se virar e deitar.

— O L'Occhio di Dio não mata assim — disse ela, e apagou as luzes. — Eles não são discretos nem nada. Fazem questão que todos saibam que foram eles.

— Como você sabe disso? — perguntei.

Ela ficou deitada e achei que ela nem ia me responder, mas então, no meio da escuridão, ela disse:

— Porque eu já os vi.

CAPÍTULO 15



Comecei o plantão no porão dois dias depois.

Devo logo deixar claro que nunca havia estado em um porão. Na verdade, não vejo motivo para uma pessoa ir ao porão, a não ser que haja uma garrafa de vinho envolvida na história.

O porão do Hecate tinha um ar particularmente hostil. Primeiro, porque o chão tinha uma camada grossa de sujeira que... eca. O ar era gelado apesar do calor lá fora, e o cheiro era de mofo e umidade. Além disso, o pé direito alto com lâmpadas rudimentares, uma única janelinha que dava para a lixeira atrás da escola, e prateleiras e mais prateleiras de objetos inúteis cheios de poeira logo me fizeram perceber que seria um saco passar o resto do semestre fazendo o tal plantão. Como se não bastasse, Vandy decidiu ser especialmente má e nos atribuiu, para a tarefa, três noites da semana, logo após o jantar. Portanto, enquanto todo mundo estava de bobeira em seus quartos, ou fazendo uma das redações épicas de Lord Byron, Archer e eu ficaríamos catalogando um bando de lixo que o Conselho achava muito importante para jogar fora, mas não o suficiente para ser guardado em Londres.

Jenna tentou me animar naquela manhã dizendo:

— Pelo menos você vai estar com um cara gato.

— O Archer não é mais gato — retruquei. — Ele tentou me matar, e a namorada dele é o Satã.

No entanto, devo admitir que enquanto ficamos um ao lado do outro nos degraus da escada que levava ao porão, ouvindo Vandy tagarelar sobre o que tínhamos que fazer, não pude evitar de dar umas olhadinhas para ele. Tendências homicidas e namoradas malignas à parte, ele ainda era gato. Como sempre, a gravata dele estava frouxa e as mangas da camisa arregaçadas para cima. Ele estava olhando para Vandy com uma expressão entediada, vagamente distraída, braços cruzados sobre o peito.

Aquela pose beneficiava muito seus músculos do peito e dos braços. O quão injusto era que Elodie, logo Elodie, fosse a namorada dele? Tipo, onde está a justiça quando...

— Srta. Mercer! — exclamou Vandy.

Pulei tão alto que quase me desequilibrei. Agarrei o corrimão ao meu lado e Archer pegou meu outro cotovelo. Aí ele piscou, e imediatamente voltei a prestar atenção em Vandy como se ela fosse a pessoa mais fascinante do mundo.

— A senhorita precisa que eu repita alguma informação, Srta. Mercer? — disse ela com um risinho.

— N-não. Eu entendi — respondi gaguejando.

Ela me encarou por um minuto. Acho que ela estava tentando pensar em alguma forma espirituosa de me rebaixar ainda mais. Mas Vandy, como a maioria das pessoas más, era uma imbecil, então no final das contas ela meio que deu uma rosnada e passou entre mim e Archer com raiva, subindo a escadas.

— Uma hora! — disse ela sem olhar para trás.

A porta velha não rangeu, mas berrou de dor quando Vandy a fechou. Para meu horror, ouvi um clique bem alto.

— Ela nos *trancou* aqui? — perguntei a Archer com uma voz um pouco mais estridente do que o normal.

— Aham — respondeu ele, descendo a escada.

Ele pegou uma das pranchetas que Vandy tinha deixado cuidadosamente em cima de uma fileira de jarros.

— Mas isso... isso não é ilegal?

Ele sorriu sem tirar o olhar da prancheta.

— Você realmente precisa esquecer essas coisas encantadoras dos humanos, como a legalidade, Mercer.

Ele olhou para mim de repente, olhos arregalados.

— Ah! Acabei de me lembrar de uma coisa.

Ele colocou a prancheta para baixo e procurou algo no bolso.

— Aqui — disse ele vindo em minha direção e colocando um objeto leve na minha mão.

Olhei para baixo. Era um pacote de lenços de papel.

— Você é um idiota.

Joguei o pacote no chão e passei por ele. Meu rosto estava queimando.

— Não me surpreende que Elodie seja sua namorada — murmurei.

Peguei a prancheta e virei página por página com força. Havia vinte páginas ao todo com cerca de cinquenta itens em cada uma. Li algumas coisas do tipo "Nó: Rebecca Nurse" e "Mão Machucada: A. Voldari".

Arranquei as dez primeiras páginas e dei-as para Archer junto com uma caneta.

— Você fica com essa metade — ordenei, sem olhar para seu rosto.

Fui até a prateleira mais distante dele, a que ficava logo abaixo da janelinha. Ele não se moveu por alguns instantes e eu sabia que ele queria falar alguma coisa, mas depois ele suspirou e foi para o lado oposto da sala.

Por uns quinze minutos, trabalhamos em total silêncio. Apesar de Vandy ter passado uma eternidade explicando o que devíamos fazer, a tarefa era bem fácil, além de ridiculamente entediante. Era só olhar os itens nas prateleiras, encontrá-los na lista e escrever em que prateleira estavam, e em que sessão da prateleira. A única coisa que dificultava era que nenhum objeto estava identificado, então de vez em quando era difícil reconhecê-lo. Tipo, na prateleira G, sessão 5, havia um pedaço de pano vermelho que podia ser "Pedaço de Coberta, Grimoire: C. Catellan" ou "Fragmento de Manto Cerimonial: S. Cristakos".

Ou poderia não ser nenhum dos dois, poderia ser alguma coisa da lista do Archer. Teria sido mais rápido se trabalhássemos juntos, mas eu ainda estava irritada com a história dos lenços de papel.

Abaixei-me e peguei um tambor de couro esfarrapado. Olhei a lista, mas não tinha nada lá. Eu sabia que não deveria ter chorado na frente dele, mas eu não estava acreditando que ele tenha sido imbecil a ponto de me zoar por causa disso. Não que fôssemos melhores amigos nem nada, mas naquela primeira noite achei que tínhamos criado um vínculo.

Acho que me enganei.

— Foi uma brincadeira — disse ele de repente.

Virei-me e o vi agachado atrás de mim.

— Não faz diferença.

Voltei a olhar para a prateleira.

— O que você quis dizer sobre Elodie e eu? — perguntou ele.

Revirei os olhos e fui para a prateleira H.

— É tão difícil assim de entender? Tipo, ela se divertiu bastante à minha custa naquele dia, então é bem apropriado que você, o namoradinho, também venha me zoar. É muito bonitinho quando um casal gosta das mesmas coisas.

— Ei — retrucou ele —, a gracinha da Elodie também me fez vir para cá, está lembrada? Tentei ajudar você.

— Eu não pedi sua ajuda — respondi, fingindo estudar um objeto que parecia ser um jarro com um líquido âmbar cheio de folhas flutuantes.

Aí percebi que não eram folhas, e sim pequenos corpos de fadas.

Abafei a vontade de atirar o jarro para longe e gritar um "EEEEECCCCCAAAAA!", mas procurei pelas páginas alguma coisa do tipo "Fadinhas Mortas".

— Bem, não se preocupe — respondeu Archer, olhando as páginas dele. — Não vai acontecer de novo.

Ficamos quietos por alguns instantes, olhando para nossas respectivas listas.

— Você viu alguma coisa que possa ser uma parte de um pano de altar? — perguntou ele, finalmente.

— Prateleira G, sessão 5 — respondi.

Aí, do nada, ele disse:

— Ela não é tão má, sabe? Elodie. Você só tem que conhecê-la melhor.

— Foi isso que aconteceu com vocês dois?

— O quê?

Engoli a saliva, sentindo-me nervosa de repente. Eu realmente não queria ouvir Archer se declarando sobre Elodie, mas eu estava genuinamente curiosa.

— Jenna disse que você era, tipo, um dos maiores membros do clube Nós Odiamos Elodie. O que aconteceu?

Ele olhou para o outro lado e começou a pegar em coisas aleatoriamente.

— Ela mudou — disse ele com calma. — Depois que Holly morreu... você sabe da Holly?

Fiz que sim com a cabeça.

— Ela dividia o quarto com Jenna. Elodie, Chaston e Anna me contaram.

Ele passou a mão sobre o cabelo.

— Isso. Elas ainda estão nessa de culpar Jenna. Mas enfim, Elodie e Holly eram muito amigas quando entraram aqui, e Holly e eu éramos noivos...

— Peraí — interrompi, levantando uma das mãos. — *Noivos?*

Ele pareceu ficar confuso.

— É. Todas as bruxas são prometidas para algum bruxo disponível quando fazem treze anos. Um ano depois de seus poderes se manifestarem.

Ele franziu o cenho.

— Você está bem? — perguntou ele.

Tenho certeza de que meu rosto estava bem estranho. Aos treze anos eu estava pensando em deixar um menino colocar a língua dentro da minha boca. Um noivado estaria bem longe da minha realidade.

— Estou bem — murmurei. — Só é meio estranho pensar nisso. É tão... Jane Austen.

— Não é tão ruim assim.

— Claro. Casamentos arranjados para adolescentes são ótimos.

Ele balançou a cabeça.

— Não nos casamos aos treze anos, apenas ficamos noivos. E a bruxa pode sempre negar ou aceitar o noivado e mudar de ideia mais tarde. Mas geralmente o par é bom, porque é baseado em poderes complementares, personalidades. Esse tipo de coisa.

— Mesmo assim. Não consigo nem imaginar como seria ter um noivo.

— Você provavelmente tem um noivo, sabia?

Eu o encarei.

— Como é que é?

— Seu pai é um cara muito importante. Tenho certeza de que ele arrumou alguém quando você fez treze anos.

Eu não queria nem conversar sobre aquilo. Só a possibilidade de ter um bruxo no mundo que estava planejando me tomar como esposa era demais para mim. E se ele estivesse no Hecate? E se eu conhecesse o cara? Meu Deus, e se fosse aquele moleque com mau hálito que se senta atrás de mim nas aulas de Evolução da Magia? Eu tinha que perguntar sobre isso para a mamãe assim que eu decidisse voltar a falar com ela.

— Tudo bem — disse eu. — Continue contando a história.

— Acho que ninguém percebeu o quanto a morte da Holly afetou Elodie. Então começamos a conversar nas férias sobre o Hecate e a Holly, e uma coisa levou à outra...

— Me poupe dos detalhes mais íntimos — pedi, com um sorriso, mesmo sentindo uma dor no peito.

Então ele realmente gostava dela. Eu vinha alimentando uma fantasia na qual ele apenas fingia gostar dela, depois um dia terminaria com ela na frente de todo mundo da forma mais constrangedora possível — de preferência em rede nacional de televisão.

— Olhe — disse ele —, vou fazer com que Elodie e as amigas dela deixem você em paz, tá? E, falando sério, tente dar outra chance para ela. Juro que ela é mais profunda do que você imagina.

Sem pensar, respondi:

— Eu disse que não precisa contar os detalhes mais íntimos.

Por um segundo, acho que não percebi o que tinha dito. Só me dei conta de que a frase ficou meio estranha depois de algum tempo e amaldiçoei minha boca sarcástica. Com o rosto fervendo, olhei para Archer.

Ele estava me encarando, chocado.

E começou a gargalhar.

Dei uma risadinha também, e não demorou muito para que nós dois estivéssemos sentados no chão empoeirado, chorando de tanto rir. Eu não gargalhava com alguém há muito tempo, nem fazia mais piadinhas de duplo sentido, e nem me lembrava de como era bom. Por alguns instantes, esqueci que aparentemente eu era feita de maldade e que estava sendo seguida por um fantasma.

Foi tão bom.

— Sabia que eu gostava de você, Mercer — disse ele, quando finalmente parou de gargalhar.

Ainda bem que eu podia dizer que as minhas bochechas estavam vermelhas por causa do riso.

— Peraí — falei encostando em uma das prateleiras para retomar o fôlego. — Se todo mundo fica noivo aos treze, a Elodie não está prometida para outra pessoa?

Ele assentiu.

— Mas, como eu falei, é uma coisa voluntária. Um noivado sempre pode ser renegociado. E, tipo, sou considerado um ótimo partido.

— E muito modesto também — respondi, jogando minha caneta nele.

Ele a pegou com facilidade.

Lá em cima, a porta deu seu grito de morte. Nós dois ficamos em pé rapidamente, sentindo-nos culpados, como se estivéssemos namorando ou alguma coisa.

De repente, a imagem de Archer me beijando contra uma daquelas prateleiras veio à mente, e eu senti a vermelhidão nas minhas bochechas tomando o corpo todo. Sem querer, olhei para os lábios dele. Quando levantei os olhos, ele estava olhando para mim com uma expressão impossível de ser decifrada, mas o olhar dele me deixou sem fôlego, como

aquele da escada no primeiro dia. Fiquei até aliviada quando Vandy berrou:

— Mercer! Cross!

A voz dura e ríspida dela tinha o mesmo efeito de um banho gelado e a tensão do momento se dispersou. Meus pensamentos de luxúria já tinham acabado quando saímos do porão.

— Mesma hora, mesmo lugar, quarta-feira — disse Vandy enquanto praticamente corríamos pelas escadas.

É claro que Elodie estava esperando por Archer no lounge do segundo andar. Ela estava sentada no sofá azul encardido. Um abajur jogava um brilho leve em sua pele perfeita e acentuava os reflexos vermelhos de seu cabelo.

Virei-me para Archer, mas ele estava olhando para Elodie como... bem, como eu estava olhando para ele.

Nem me dei ao trabalho de dizer boa-noite, apenas continuei nas escadas e fui para o andar de cima.

Jenna não estava no quarto, e, depois daquela nojeira toda do porão, eu certamente precisava de um banho. Peguei uma toalha no meu baú, e uma blusa e as calças do meu pijama dentro do armário.

Nosso andar estava bem deserto. Meninos e meninas não precisavam se separar antes das nove, e, como ainda eram sete horas, achei que todos estivessem de bobeira nos quartos do andar de baixo.

Ainda pensando no Archer (e na maldição que era gostar de alguém que não gostava de mim, e que ainda namorava uma deusa), fui até o banheiro e abri a porta. O cômodo estava tomado por um vapor denso e senti que estava pisando em água morna. Dava para ouvir o barulho de alguém na banheira.

— Oi? — chamei.

Não ouvi resposta, então achei que alguém tivesse deixado a torneira aberta de brincadeira. A Sra. Casnoff *não* ia gostar daquilo. Água quente não é muito legal para um chão de 200 anos.

O vapor da água começou a se dissipar pela porta aberta e aí vi por que a torneira ainda estava aberta.

Meus olhos levaram algum tempo para aceitar o que estava vendo. Primeiro, achei que talvez Chaston estivesse dormindo na banheira e que a água estivesse manchada de rosa por causa de algum sal de banho, sei lá. Mas depois percebi que os olhos dela não estavam fechados, mas entreabertos, como se ela estivesse bêbada. E a água estava rosa por causa do sangue.

CAPÍTULO 16



Notei feridas pequenas e bem definidas logo abaixo da sua mandíbula, e cortes mais longos e menos definidos em ambos os pulsos, dos quais o sangue escorria.

Sem pensar, corri para o seu lado e murmurei um feitiço de cura. Eu sabia que não era um muito bom. O máximo que tinha conseguido fazer com ele foi curar um joelho ralado, mas achei que valia a pena tentar. Os buracos em seu pescoço pareceram diminuir um pouco, mas logo aumentaram novamente. Eu quis chorar. Deus, por que minha magia era tão ruim?

Os olhos de Chaston se moveram lentamente, e ela abriu a boca como se estivesse tentando dizer alguma coisa.

Corri até a porta.

— Sra. Casnoff! Alguém! Socorro!

Várias cabeças apareceram no corredor.

— Ai, meu Deus — ouvi alguém reclamar. — De novo não.

A Sra. Casnoff apareceu no alto das escadas vestindo um roupão, o cabelo em uma trança longa que descia pelas costas. Assim que ela viu onde eu estava, seu rosto ficou pálido. E, por alguma razão, vê-la tão assustada foi o que acabou comigo. Meus joelhos começaram a tremer e senti minha garganta apertada pela vontade de chorar.

— É... é a Chaston — consegui dizer. — Ela... Tem muito sangue...

A Sra. Casnoff me segurou e olhou para dentro do banheiro. Suas mãos apertaram meus ombros. Ela se inclinou para baixo e olhou para mim.

— Sophia, preciso que você chame o Cal o mais rápido possível. Você sabe onde encontrá-lo?

Meu cérebro estava como ovos mexidos, igual aos exibidos naqueles comerciais antigos sobre drogas.

— O zelador? — perguntei estupidamente.

O que a Sra. Casnoff poderia querer com ele? Ele era um paramédico ou alguma coisa assim?

A Sra. Casnoff assentiu. Ela ainda estava me segurando com força.

— Isso. Cal — repetiu ela. — Ele mora perto do lago. Vá até ele e conte o que aconteceu.

Virei-me e saí correndo pelas escadas. No meio do caminho, vi Jenna saindo do nosso quarto. Acho que ela me chamou, mas eu já estava lá na porta de entrada, correndo para o lago.

Mesmo que o dia tenha sido muito quente, agora estava frio o suficiente para que eu sentisse calafrios nos braços. A única luz era a que vinha da escola, atrás de mim; as janelas enormes faziam retângulos ainda maiores no gramado. Eu sabia que o lago estava à minha direita, então virei nessa direção e continuei correndo. O ar gelado entrava e saía dos meus pulmões como facas. Lá longe, só dava para ver uma sombra em forma de quadrado que eu esperava muito, muito mesmo, que fosse a casa do Cal, e não uma cabana de armazenamento, por exemplo. Mesmo tentando me acalmar, eu só conseguia ver a imagem de Chaston sangrando até a morte naqueles azulejos pretos e brancos.

Ao meu aproximar, vi que o quadrado era mesmo uma casa. Dava para ouvir uma música vindo de lá e havia um pouco de luz na janela. Naquele momento eu respirava tão forte que não sabia ao certo se ia conseguir falar alguma coisa.

Bati na porta por três segundos antes que ela fosse aberta e Cal estivesse na minha frente. Achei que seria um senhor de idade bem velho e rabugento, então me espantei ao ver o cara bonito do primeiro dia, o que

eu achei que pudesse ser o irmão mais velho de algum aluno. Ele não devia ter mais do que dezenove anos, e as únicas coisas feias nele eram a camisa de flanela e a expressão vagamente irritada.

— Os alunos não podem... — disse ele, mas eu o cortei logo.

— A Sra. Casnoff me mandou buscar você. É Chaston. Ela está ferida.

Assim que falei "Sra. Casnoff" ele já tinha fechado a porta, passado por mim e corria em direção ao gramado. Exausta com minha corrida de antes, segui atrás dele.

Quando voltamos para onde Chaston estava, ela já havia sido tirada da banheira e enrolada em uma toalha. Tinham colocado ataduras nos ferimentos do pescoço e dos punhos, mas ela ainda estava muito pálida e seus olhos estavam fechados.

Elodie e Anna estavam de pijamas, abraçadas perto da pia e chorando. A Sra. Casnoff estava ajoelhada perto da cabeça de Chaston, murmurando alguma coisa. Não sei se eram palavras de conforto ou de magia.

Ela olhou para cima quando Cal chegou e seu rosto ficou mais aliviado. Ela parecia mais uma avó preocupada do que a formidável diretora da escola.

— Graças — disse ela suavemente.

Quando ela se levantou, vi que seu roupão de seda estava encharcado até os joelhos, o que provavelmente o teria arruinado. Ela não parecia estar ligando.

— Meu escritório — disse ela ao Cal quando ele abaixou e pegou Chaston nos braços.

A Sra. Casnoff foi para o corredor, abrindo a multidão de alunos que estava amontoada do lado de fora do banheiro.

— Para trás, crianças, abram espaço. Tenho certeza de que a Srta. Burnett vai ficar boa. Foi apenas um pequeno acidente.

Todos se afastaram e o zelador apareceu com Chaston nos braços. Ela estava com a bochecha recostada no peito dele e vi que seus lábios estavam roxos.

Quando os três desapareceram escada abaixo, ouvi alguém atrás de mim soltar um "Uau". Quando me virei, vi Siobhan encostada na porta do

banheiro.

— O quê? — disse ela. — Não me diga que você não daria um pouquinho de sangue para ser carregada por *ele*.

Siobhan começou a falar exatamente quando Elodie e Anna saíram do banheiro, muito abaladas e pálidas. Elodie olhou para alguma coisa atrás de mim e apertou os olhos.

— Foi *você* — exclamou ela.

Virei-me e vi Jenna em pé na porta do nosso quarto.

— Você fez isso — continuou Elodie, indo na direção de Jenna, que, mostrando-se muito corajosa ou muito louca, ficou parada encarando Elodie.

O clima do corredor mudou. Acho que apesar de estarmos preocupados com Chaston, todos meio que previram o embate Elodie/Jenna. Talvez fosse uma forma de nos distrairmos da poça de sangue que ainda estava no banheiro. Ou talvez meninas adolescentes sejam criaturas horríveis que adoram ver outras meninas brigando. Vai saber.

O ar determinado de Jenna ficou abalado por um segundo e ela olhou para baixo. Quando ela ergueu a cabeça, estava com aquele mesmo olhar entediado e lânguido.

— Não sei do que você está falando.

— Mentirosa! — berrou Elodie, chorando muito. — Vocês são assassinos, todos os vampiros. Vocês não pertencem a esse lugar.

— Ela tem razão — interferiu alguém.

Vi Nausicaa passar pelos outros alunos. Suas asas batiam com raiva, movendo o ar em volta. Taylor estava logo atrás, com seus olhos negros e grandes.

Jenna riu, mas não foi muito natural. Olhei em volta e percebi que o pessoal tinha se afastado dela, o que a fez parecer pequena e solitária.

— E vocês? — perguntou ela com uma voz meio trêmula. — Nunca ninguém de suas raças matou? Nenhuma de vocês bruxas, mutantes e fadas? Os vampiros são os únicos que tiraram vidas?

Todos olharam para Elodie, e acho que esperávamos que ela voasse no pescoço de Jenna ou alguma coisa assim.

No entanto, ela estava em vantagem, e sabia disso. Seus olhos verdes brilhavam e ela sorriu.

— O que você sabe do mundo? Você nem é uma Prodígio de verdade.

O ar que todo mundo estava segurando parece ter sido solto no mesmo instante. Pronto. Ela falou. Jogou na cara aquilo que todo mundo achava mas ninguém nunca dizia.

— Os poderes de nossas famílias são ancestrais — continuou Elodie com o rosto pálido, exceto pelos dois círculos vermelhos nas bochechas. — Somos descendentes dos anjos. E o que você é? Uma humana de merda que serviu de comida para um parasita; um monstro.

Jenna estava tremendo agora.

— Então eu sou o monstro? E você, Elodie? Holly me contou o que você e suas amiguinhas estavam tentando fazer.

Esperei por uma resposta de Elodie, mas ela não falou nada e ficou muito pálida. Anna tinha parado de chorar e estava segurando o ombro de Elodie.

— Vamos embora — implorou ela em voz alta.

— Não sei do que você está falando — disse Elodie, apesar de estar visivelmente assustada.

— Lógico que sabe. Seu singelo coven estava tentando criar um demônio.

Você imaginaria todo mundo inspirando bem fundo agora. Acho que apenas eu me assustei tanto, mas o resto do corredor estava bem quieto.

Elodie apenas encarou Jenna, mas acho que ouvi Anna dando um gemido.

Diante daquele olhar, Jenna gaguejou.

— Ela disse que você desejava mais poder, e que queria fazer o ritual de convocação, mas precisava de um sacrifício para isso. V-Você tem que deixar o demônio se alimentar... se alimentar de alguém... então...

Elodie retomou a compostura.

— Um demônio? Você acha que eu ia conseguir criar um demônio aqui sem que a Sra. Casnoff, Vandy e o Conselho percebessem? Por favor...

Alguém na multidão deu um riso abafado e a tensão se dissipou. Uma pessoa rindo dá permissão para todas rirem, e foi isso que fizeram.

Jenna ficou lá parada, ouvindo as gargalhadas debochadas por muito mais tempo do que eu conseguiria aguentar. Aí ela passou por mim, atravessou o corredor e entrou no nosso quarto, batendo a porta.

Assim que ela se foi, o murmurinho começou. Nausicaa estava cochichando com Siobhan.

— Quem de nós é a próxima?

As asas azuis de Siobhan estremeceram quando ela respondeu:

— Tudo o que fiz foi voar para pegar o ônibus! Não mereço ficar trancada aqui com assassinos.

— Jenna não é uma assassina — disse, me intrometendo.

Mas percebi que não tinha certeza disso. Ela é uma vampira, vampiros se alimentam de humanos.

E talvez de bruxas.

Não. Afastei esse pensamento mesmo lembrando do esforço de Jenna para não olhar para o meu sangue no primeiro dia.

Para minha surpresa, foi Taylor que falou depois:

— Sophie tem razão. Não temos prova de que Jenna matou ninguém.

Não faço ideia se ela falou isso porque realmente acreditava ou se foi só para irritar a Nausicaa. Eu estava agradecida de qualquer forma.

— Obrigada — respondi.

Beth meteu-se entre Taylor e eu.

— Eu não escutaria nada que Sophie Mercer tem a dizer, Taylor.

Eu olhei para Beth. O que aconteceu com o nosso momento de intimidade e a fungada no meu cabelo?

— Eu estava falando com uma das outras lobisomens, e ela disse que o pai de Sophie é o presidente do Conselho.

Ouvi alguns murmúrios e algumas das meninas mais velhas ficaram me encarando. As mais novas apenas ficaram confusas.

Merda.

— Foi o pai dela que deixou que vampiros viessem para o Hex — disse Beth. Ela olhou para mim novamente e vi o brilho das presas crescendo

para fora da gengiva. — É claro que ela vai falar que Jenna é inocente. Senão o pai dela vai ficar vulnerável.

Eu não tinha tempo para aquilo.

— Nunca conheci meu pai, e certamente não estou aqui para fazer politicagem para ele. Quebrei as regras e fui sentenciada ao Hex, como todo mundo.

Taylor apertou os olhos.

— Seu pai é o presidente do Conselho?

Antes que eu pudesse responder, a Sra. Casnoff apareceu no alto das escadas. Ela ainda estava usando o roupão molhado e parecia estar muito estressada, mas já não estava tão pálida, o que achei um bom sinal.

— Atenção, senhoritas — disse ela com uma voz poderosa, mesmo sem berrar. — Graças aos esforços de Cal, a Srta. Burnett retomou a consciência e parece estar se recuperando bem.

O suspiro coletivo de alívio e o cochicho entre as meninas fez com que ninguém percebesse que me inclinei em direção a Anna e perguntei:

— O que ela quer dizer quanto a esse Cal?

Eu estava preparada para uma grosseria diante da minha estupidez, mas Anna parecia tão aliviada sobre Chaston que não conseguiu ser metida.

— Ele é um bruxo branco — respondeu ela. — Um muito poderoso. Ele consegue curar feridas que outros bruxos não conseguem.

— Por que ele não curou Holly então? — perguntei. Agora sim ela me deu uma olhada arrogante. Bom saber que Anna estava de volta ao normal.

— Holly estava morta quando a encontraram, graças à sua *amiguinha*. Cal só pode curar os vivos; ele não pode reavivar os mortos. Ninguém pode.

— Ah — respondi meio sem graça, mas ela já estava conversando com Elodie.

— Os pais dela virão buscá-la amanhã — continuou a Sra. Casnoff — e espero que ela possa juntar-se a nós após as férias de inverno.

— Ela falou alguma coisa? — perguntou Elodie. — Ela disse quem fez isso?

A Sra. Casnoff franziu o rosto de leve.

— Ainda não. E sugiro que vocês usem o bom-senso antes de sair por aí espalhando rumores sobre o incidente. É claro que levamos isso muito a sério, e o que menos precisamos agora é de pânico.

Elodie abriu a boca, mas um só olhar da Sra. Casnoff impediu que ela falasse qualquer crueldade.

— E agora — disse a Sra. Casnoff, batendo as mãos —, todas para a cama. Podemos discutir sobre isso de manhã.

CAPÍTULO 17



Quando voltei ao quarto, Jenna estava sentada na cômoda perto da janela, com a testa apoiada nos joelhos.

— Jenna?

Ela não olhou para mim.

— Está acontecendo de novo — disse ela com uma voz fina. — Exatamente como aconteceu com a Holly. — Ela respirou bem fundo. — Quando os vi carregando Chaston... tudo voltou. Os buracos no pescoço, os cortes no pulso. A única diferença é que Chaston estava pálida. Holly estava q-quase... quase *cinza* quando eles a t-tiraram de lá... — A voz dela falhou.

Sentei-me na cama e coloquei a mão sobre o joelho dela.

— Ei — disse eu com calma —, não foi culpa sua.

Ela olhou para mim com os olhos vermelhos de raiva.

— É, mas não é isso que todo mundo acha, não é mesmo? Todos eles acham que eu sou o quê, uma sanguessuga? — Ela deixou a cômoda. — Como se eu quisesse isso para mim — murmurou ela em voz baixa, tirando roupas do armário e jogando-as na cama. — Como se eu quisesse ter vindo para essa droga de escola.

— Jen — comecei a falar, mas ela não me deixou continuar.

— *Odeio* esse lugar — berrou ela. — Eu... eu odeio ter aulas do tipo *História das Bruxas do Século XIX*. Meu Deus, s-só quero ter aulas de álgebra ou alguma coisa do tipo. Quero comer comida — *de verdade* — em uma cafeteria, e ter um emprego depois das aulas, e me formar.

Chorando, ela se sentou na cama, como se a raiva tivesse evaporado.

— Não quero ser uma vampira — sussurrou ela, e começou a chorar, com o rosto enterrado na camisa preta que estava segurando.

Olhei em volta e, pela primeira vez, o rosa não pareceu tão alegre; era simplesmente triste, como se Jenna estivesse tentando se agarrar a um pouco da vida que tinha antes. Há vezes que não falar nada é a melhor opção, e achei que era um desses momentos. Então fui até o outro lado do quarto e me sentei na cama com ela, fazendo carinho em seu cabelo como mamãe fez na noite em que descobri que vinha para o Hecate.

Depois de um tempo, Jenna se recostou nos travesseiros e começou a falar.

— Ela foi tão legal comigo — disse ela com calma. — Amanda.

Nem precisei perguntar quem era Amanda. Sabia que ela estava finalmente me contando a história de como tinha se tornado uma vampira.

— Isso foi o mais importante. Não que ela fosse bonita, inteligente ou engraçada. Ela também era tudo isso, mas foi a gentileza dela que me conquistou. Ninguém nunca tinha prestado tanta atenção em mim. Quando ela me falou o que era, e que ela queria ficar comigo para sempre, eu não acreditei. Não acreditei até que senti os dentes dela no meu pescoço.

Ela fez uma pausa, e não houve nenhum barulho no quarto exceto a brisa passando pelas árvores lá fora.

— Quando a Mudança aconteceu, foi... incrível. Eu me senti mais forte e *melhor*, sabe? Como se o resto da minha vida tivesse sido um sonho. Aquelas duas primeiras noites foram as melhores da minha vida. E aí eles a mataram.

— Eles?

Ela olhou para mim. Meu reflexo em miniatura nos olhos dela estava bem pálido.

— O Olho — respondeu ela.

Um calafrio involuntário correu pelo meu corpo.

— Eram dois deles. Eles entraram no hotel onde estávamos escondidas, e cravaram uma estaca nela enquanto ela dormia. Mas Amanda acordou e começou a... começou a berrar e os dois tiveram que segurá-la. Então me levantei e saí correndo. Por três dias, me escondi no jardim de alguém e só saí porque estava faminta. Então roubei comida de uma loja de conveniência.

"Assim que coloquei o primeiro doce na boca, achei que fosse morrer. Dei umas duas mastigadas até cuspir tudo. O... — Ela fechou os olhos e respirou fundo. — O gerente da loja saiu e me encontrou ajoelhada no estacionamento. Ele viu o embrulho e começou a berrar sobre chamar a polícia, e eu..."

Ela parou de falar e não me olhava. Coloquei a mão em seu ombro, tentando consolá-la para que ela soubesse que eu não me importava se ela tinha tirado sangue de alguém. Mas, eu não conseguia olhar para ela.

— Depois... depois disso me senti melhor. Peguei um ônibus de volta para a cidade e encontrei os pais de Amanda. Eles também eram vampiros. O pai dela tinha sido transformado há anos, e transformou todos eles. Aí eles entraram em contato com o Conselho e fui mandada para cá.

Ela olhou para mim de novo.

— Não era para ser assim — disse com tristeza. — Não quero ser assim sem Amanda. Eu só quis ser uma vampira se fosse para ficar com ela para sempre. Ela *prometeu*.

Seus olhos estavam cheios de lágrimas.

— Nossa — falei. — Quem diria que meninas mentem tanto quanto meninos?

Ela suspirou e recostou a cabeça na cabeceira da cama, olhos fechados.

— Eles vão me mandar embora.

— Por quê?

Ela olhou para mim, incrédula.

— Hum... alô? Eles com certeza vão me culpar por Chaston. Holly foi uma coisa, mas duas meninas em um semestre? — Ela balançou a cabeça.

— Alguém vai ter que ser punido por isso, e pode apostar que serei eu.

— Por quê? — repeti.

Jenna era a única pessoa no Hecate que eu considerava uma amiga. Bem, talvez Archer e eu fôssemos amigos agora, mas ainda tinha aquela coisa de eu talvez estar meio apaixonada por ele e isso meio que o afastava da zona da amizade. Se Jenna fosse embora, eu ficaria à mercê de Elodie e Anna e isso não ia dar certo.

— Você não sabe se eles vão expulsar você. Talvez Chaston se lembre do que aconteceu. Espere e converse com a Sra. Casnoff, OK? Talvez amanhã todos tenham se acalmado.

A bufada debochada que ela deu indicou o quanto ela acreditava que algo parecido fosse acontecer. Depois de algum tempo, ela começou a colocar as roupas de volta no armário. Eu me levantei e a ajudei.

— E aí, como foi o plantão no porão?

— Ótimo...

— E a sua paixão incrivelmente inútil pelo Archer Cross?

— Continua incrível. E inútil.

Ela assentiu enquanto pendurava um de seus vários blazers do Hecate.

— Bom saber.

Trabalhamos em silêncio.

— O que você quis dizer com aquilo do coven de Elodie tentar criar um demônio?

— Foi o que Holly disse que elas estavam fazendo — explicou, fechando a porta do armário. — A Sra. Casnoff estava aterrorizando com aquele papo de *o L'Occhio di Dio vai matar vocês* que ela adora, aí o coven pirou. Holly disse que elas achavam que, se criassem um demônio, teriam mais poderes e estariam mais seguros caso alguma coisa acontecesse.

— Elas criaram o demônio?

Ela balançou a cabeça.

— Não sei.

As luzes se apagaram, deixando-nos no escuro. Ouvi alguns gritinhos vindos do corredor, mas logo a voz da Sra. Casnoff soou:

— É obrigatório que apaguemos as luzes hoje. Vão dormir, crianças.

Jenna suspirou.

— Impossível não amar o Hex Hall.

Voltamos para nossas respectivas camas batendo as pernas nas quinas dos móveis e soltando palavrões a cada topada.

Joguei-me na minha cama com um leve gemido. Não tinha percebido o quanto estava exausta até sentir meu travesseiro embaixo da cabeça. Eu estava quase dormindo quando ouvi Jenna dizer:

— Obrigada.

— Pelo quê? — murmurei.

— Por ser minha amiga.

— Nossa — respondi —, essa foi, tipo, a coisa mais brega que já me disseram.

Ela fez um som de indignação e, um segundo depois, um de seus vários travesseiros voou para o meu rosto.

— Eu estava tentando ser simpática — insistiu ela, falando e rindo ao mesmo tempo.

— Não tente — retruquei —, eu gosto dos meus amigos malvados e odiosos.

— Pode deixar — respondeu ela.

Depois de alguns minutos, caímos no sono.

Acordei com os gritos de Jenna e um cheiro de fumaça.

Confusa, eu me levantei. O sol da manhã estava entrando no quarto, batendo na cama de Jenna. Levei um minuto para perceber que era dali que vinha o cheiro de queimado.

Da cama da Jenna. De Jenna.

Ela estava tentando se levantar freneticamente, mas estava toda enrolada nos cobertores e o pânico deixava-a desajeitada.

Meus pés mal tocaram o chão quando pulei da minha cama e joguei o meu cobertor em cima dela. Quando cheguei perto, vi sua mão. A pele, que era bem branquinha, estava vermelha e com bolhas em alguns pontos.

Sem pensar, empurrei-a para dentro do closet.

Depois, peguei um dos seus lençóis e cobri o espaço embaixo da porta. Jenna estava chorando, mas não estava mais dando aquele grito agudo de dor.

— O que houve? — perguntei ainda perto da porta.

— Minha pedra de sangue — chorou ela. — Ela sumiu!

Fui até sua cama e me agachei para olhar embaixo do colchão. Talvez a pedra tivesse caído, pensei. Ou o gancho tivesse quebrado ou ficado preso no travesseiro.

Eu queria que fosse uma dessas opções.

Tirei tudo da cama, tirei até o colchão, mas a pedra da Jenna não estava em lugar nenhum.

Uma onda de raiva me tomou.

— Espere aqui — berrei para Jenna.

— Ah, tá, até parece que eu vou sair! — respondeu ela quando eu já estava no meio do corredor.

Havia algumas meninas lá fora. Reconheci uma delas, Laura Harris, da aula de Evolução da Magia. Seus olhos se arregalaram quando me viu.

Corri até o quarto de Elodie e bati na porta. Assim que ela abriu, invadi o quarto.

— Onde está?

— Onde está o quê? — perguntou ela.

Havia círculos negros embaixo de seus olhos.

— A pedra da Jenna. Sei que você a pegou, agora onde está?

Os olhos de Elodie brilharam.

— Não peguei a droga da pedra dela. Se bem que *se* eu tivesse pego, teria sido totalmente justificável depois do que ela fez com Chaston ontem à noite.

— Ela não fez nada com Chaston, e você poderia tê-la matado! — berrei.

— Se ela não atacou Chaston, então quem atacou? — perguntou Elodie aumentando o tom de voz.

Pequenos raios de luz estavam correndo por sua pele e seu cabelo estava começando a se levantar. Eu mesma já estava sentindo a minha magia pulsar, como se fosse um segundo batimento cardíaco.

— Talvez aquele demônio que você estava querendo criar — retruquei.

Elodie fez um som de nojo.

— Como eu disse ontem à noite, se existisse algum demônio a Sra. Casnoff saberia. *Todos* saberiam.

— O que está acontecendo?

Viramos-nos e vimos Anna na porta, com o cabelo molhado e uma toalha na mão.

— Sophie acha que pegamos a pedra de sangue da vampira — disse Elodie a ela.

— O quê? Que ridículo! — disse Anna, mas sua voz estava diferente.

Fechei os olhos e tentei controlar minhas emoções e minha magia. Então, imaginando o cordão de Jenna, murmurei: "Pedra de sangue."

Elodie revirou os olhos, mas houve um som bem claro quando uma das gavetas de Anna se abriu. A pedra de sangue surgiu do meio de uma pilha de roupas, seu centro vermelho brilhando.

Ela veio flutuando até minha mão e a fechei na palma.

O rosto de Elodie ficou surpreso por um momento. E depois passou.

— Você já conseguiu o que queria. Agora saia.

Anna estava olhando para o chão. Eu queria falar alguma coisa incrível, alguma coisa que a fizesse se envergonhar do que fez, mas no fim das contas concluí que não valia a pena.

Quando voltei para o quarto, o choro de Jenna tinha se transformado em pequenas fungadas. Abri a porta do armário um pouquinho e entreguei-lhe a pedra. Assim que a colocou em seu pescoço, ela saiu do armário e se sentou na cama, segurando a mão queimada.

Sentei-me ao seu lado.

— Você tem que pedir que alguém dê uma olhada no ferimento.

Ela concordou. Seus olhos ainda estavam vermelhos e úmidos.

— Foram Elodie e Anna? — perguntou ela.

— Foram. Bem, foi Anna. Acho que Elodie não sabia, mas ela não teria sido contra.

Jenna soltou um suspiro estremecido. Tirei a mecha de cabelo rosa do seu rosto.

— Você tem que contar para a Sra. Casnoff o que aconteceu.

— Não — disse ela. — De jeito nenhum.

— Jenna, você podia ter morrido — insisti.

Ela se levantou, ainda enrolada no meu cobertor.

— Isso só vai piorar as coisas — disse ela com medo. — Vai lembrar a todos que vampiros são diferentes e que eu não pertenço a esse lugar.

— Jenna — comecei.

— Pare, Sophie! — ela me interrompeu de costas para mim.

— Mas você está machucada...

Aí ela se virou para mim com os olhos vermelhos, cheios de sangue, o rosto contorcido de raiva. Os caninos cresceram e ela segurou meus ombros, o que produziu um chiado. Aquela não era a minha amiga.

Era um monstro.

Emiti um som surpreso, de dor e medo, e ela me soltou abruptamente. Meus joelhos perderam a força e caí no chão.

Imediatamente, ela estava ao meu lado, Jenna novamente, com seus olhos azuis pedindo perdão.

— Meu Deus, Soph, me desculpa! Você está bem? Às vezes, quando fico estressada... — Ela estava chorando. — Eu nunca machucaria você — disse ela, quase implorando.

Eu não conseguia falar, então apenas balancei a cabeça.

— Meninas? Está tudo bem?

Jenna olhou para alguma coisa atrás de mim. A Sra. Casnoff estava em pé na porta, com uma expressão difícil de decifrar.

— Estamos bem — falei, levantando-me. — Eu caí e Jenna estava, hum, me ajudando.

— Entendi — disse a Sra. Casnoff.

Ela olhou para Jenna e para mim antes de dizer:

— Jenna, se você não se importar, preciso falar com você por um instante.

— Claro — respondeu Jenna com uma voz totalmente incerta.

Vi as duas saírem do quarto e sentei-me na cama de Jenna. Meu ombro estava machucado e com as marcas dos dedos dela. Fiquei ali sentada, totalmente chocada, passando as mãos nos meus braços. O cheiro da pele queimada de Jenna ainda estava no meu nariz.

E muitas perguntas surgiram.

CAPÍTULO 18



Uma semana mais tarde, as coisas ainda não haviam melhorado. Chaston não tinha falado nada, então Jenna ainda era a principal suspeita.

Depois do jantar, eu estava no porão com Archer de novo. Era a quarta vez, e já tínhamos uma certa rotina de trabalho. Nos primeiros vinte minutos, trabalhávamos nas prateleiras. Metade das coisas que tínhamos catalogado na vez anterior tinha se movido, então passávamos algum tempo tentando dar conta disso. Uma vez que essa parte do trabalho estava resolvida, fazíamos uma pausa e conversávamos. Nossas conversas não passavam de papos superficiais sobre nossas famílias e alguns insultos ocasionais, o que não era nenhuma surpresa. Além de sermos filhos únicos, Archer e eu não tínhamos muita coisa em comum. Ele havia sido criado em uma casa enorme na costa do Maine. Eu havia crescido com a minha mãe em todos os lugares, desde uma fazenda em Vermont até um quarto no Ramada Inn por seis semanas. Mesmo assim, eu sempre esperava ansiosa por nossas conversas. Na verdade, comecei a não gostar muito dos dias em que não ia para o porão, o que era ridículo demais da minha parte.

Archer sentou-se no mesmo degrau de sempre enquanto eu me equilibrava em um espaço vazio no alto da prateleira M.

Ele apontou para uma pilha de jarros vazios, cobertos de poeira, em um canto. Dois deles levitaram e rodopiaram até virarem latas de refrigerante.

Ele moveu a mão em minha direção e uma lata veio até mim. Peguei-a e fiquei surpresa por ela estar tão gelada.

— Impressionante.

Falei com sinceridade e ele agradeceu com um movimento de cabeça.

— É, transformar jarros em refrigerante. Que o mundo tema o meu poder.

— Bem, isso pelo menos prova que você ainda tem poderes.

Ele olhou para mim sem entender.

— Como assim?

Droga.

— Eu... hum... eu... algumas pessoas disseram que você saiu no ano passado porque queria se livrar dos seus poderes.

Achei que ele tinha ouvido falar sobre isso, mas ele estava genuinamente surpreso.

— Então é isso que todo mundo acha. Hum.

— Eles sabem que não foi isso — respondi rapidamente. — Várias pessoas viram você derrubar Justin no primeiro dia.

Um sorrisinho apareceu em seus lábios. Ele olhou para mim.

— Cachorro mau.

Revirei os olhos, mas não contive um sorriso.

— Cale a boca. Então, você foi para onde?

Ele deu de ombros e apoiou os cotovelos nos joelhos.

— Eu precisava de um tempo. Já fizeram isso antes. O Conselho faz parecer impossível sair do Hecate, mas eles dão essa permissão se você entrar com uma petição. Acho que eles entenderam que eu precisava me afastar, principalmente depois de Holly.

— Claro — disse eu.

A menção ao nome da Holly me fez lembrar de Chaston. Os pais dela vieram buscá-la um dia depois do ataque e ficaram no escritório da Sra. Casnoff por mais de duas horas antes que ela viesse procurar pela Jenna.

Quando Jenna voltou para o quarto, ela não falou nada, apenas deitou-se e ficou olhando para o teto.

Minha mudança de humor deve ter ficado muito clara, pois Archer perguntou:

— Jenna está bem? Notei que ela não foi jantar hoje.

Eu suspirei e me encostei na parede.

— As coisas não estão bem — contei para ele. — Ela não vai para as aulas ou para as refeições. Ela mal sai da cama. Não sei o que eles falaram para ela, mas o fato de eles a terem chamado faz com que ela pareça ser culpada perante todos.

Ele concordou.

— É, Elodie está bem furiosa.

— Ah, que pena. Espero que ela não fique com rugas.

— Pare com isso.

— Olhe, me desculpe se sua namorada está irritada, mas minha única amiga aqui está sendo acusada de uma coisa que ela não fez, e Elodie é quem mais a acusa. Só não consigo sentir pena dela neste momento, OK?

Esperei por uma resposta, mas acho que ele preferiu esquecer o assunto. Levantou-se dos degraus e voltou a ler o papel na prancheta.

— Você viu alguma coisa que possa se parecer com "Instrumento de Possessão Demoníaca: J. Mompesson"?

— Talvez.

Saltei da prateleira e fui ao mesmo lugar onde havia achado um tambor no outro dia, mas é claro que ele tinha desaparecido. Quando o encontramos, quase uma hora já havia se passado. (Ele estava escondido atrás de uma pilha de livros que se desintegrou quando os tocamos. "Realmente espero que esses livros não sejam importantes", foi o único comentário de Archer.)

Ouvi a fechadura se abrindo. Vandy já havia desistido de descer para nos apanhar, ela apenas abria a porta. Deixamos nossas pranchetas e fomos para a escada.

Enquanto subíamos, posso jurar que vi um flash de luz verde no canto do olho, mas quando me virei, não vi nada. Os pelos da minha nuca se levantaram, e passei a mão por eles distraidamente.

— Tudo bem? — perguntou Archer quando abriu a porta.

— Tudo — respondi, mesmo assustada. — É que... Posso perguntar uma coisa muito estranha?

— É o tipo de pergunta que eu mais gosto.

— Você acha que alguém aqui seria capaz de criar um demônio?

Achei que ele fosse rir ou fazer um comentário sarcástico, mas ele parou e olhou para mim daquele jeito intenso tão característico dele.

— Por que você está perguntando isso?

— Foi uma coisa que Jenna falou outra noite. Ela acha que Holly pode ter sido assassinada porque, hum, umas pessoas criaram um demônio.

Archer pensou um pouco antes de balançar a cabeça e responder:

— Não, não tem como. A Sra. Casnoff saberia se houvesse um demônio no campus. Eles são muito evidentes.

— Por quê? Eles são vermelhos e têm chifres? — Fiz força para não ficar vermelha.

— Não necessariamente. Podem ter uma forma tão humana quanto você e eu. Alguns deles até foram humanos.

— Você já viu um?

Ele olhou para mim sem acreditar.

— Hum, não. Graças a Deus. Gosto do meu rosto como ele é e não depois de devorado por um demônio.

— Claro — respondi enquanto nos aproximávamos da escada principal. — Mas você é um bruxo. Você não poderia encarar um demônio?

— Não, a menos que eu tivesse aquilo — disse ele apontando para o vitral com a figura do anjo. — Está vendo aquela espada? É feita de vidro do demônio. É a única coisa que pode matar demônios.

— E que nome original — comentei, fazendo-o rir.

— Você está debochando — disse ele —, mas o assunto é pesado. O único lugar onde você encontra aquilo é no inferno, então é meio difícil de se ter uma.

— Nossa — disse eu, encarando a espada com um novo olhar.

— Archer! — ouvi Elodie chamando de algum lugar no andar de cima.

Passei por ele.

— Bem, obrigada. Até mais.

— Mercer.

Eu me virei.

Ele estava em pé na base da escada, e, iluminado pela luz suave do candelabro, estava tão lindo que fez meu peito doer. Era fácil esquecer o quão irritante ele era quando lembrava que também era lindo.

— O quê? — perguntei com a voz mais entediada possível.

— Arch!

Elodie passou por mim e os olhos de Archer se focaram nela.

Virei-me e corri escada acima antes que tivesse que vê-la nos braços dele.

CAPÍTULO 19



No começo de outubro, Chaston mandou um testemunho escrito ao Conselho, dizendo que não se lembrava de nada em relação ao ataque, então Jenna pôde ficar. Achei que essa notícia fosse tirar um pouco do sombreado de seus olhos, mas não. Ela quase não falava com ninguém além de mim e, mesmo assim, ela quase não ria e nunca gargalhava.

Quanto a mim, comecei a sentir que estava me acostumando à vida no Hecate. Minhas aulas estavam indo bem e Elodie e Anna ficaram abaladas por umas duas semanas depois do que aconteceu com Chaston e perderam a vontade sádica de me torturar por algum tempo. Elas simplesmente me ignoravam. No entanto, no meio de outubro elas já haviam voltado ao normal, o que significava fazer comentários irritantes e conversar sobre roupas.

Evitei qualquer problema com Vandy mesmo que ela tivesse eleito Archer como meu eterno parceiro das aulas de Defesa, provavelmente na esperança de que ele me matasse sem querer. No entanto, nem isso era tão ruim, mesmo que ser forçada a passar mais tempo tão perto dele fosse um tipo de tortura. Na verdade, quanto mais tempo passávamos catalogando coisas no porão e bloqueando os feitiços um do outro, mais eu suspeitava que minha queda por ele estava se tornando algo mais profundo — algo que eu não queria nem nomear. Não era só porque ele era gato — mas,

acreditem, isso era parte do motivo —, era o jeito como ele passava a mão no cabelo. O jeito como ele me olhava como se fosse realmente interessante conversar comigo, o jeito como os olhos dele se acendiam quando ele ria das minhas piadas. Cara, o próprio fato de ele rir das minhas piadas.

E quanto mais eu o conhecia, mais estranho parecia o namoro dele com Elodie. Ele havia jurado que ela era mais do que parecia à primeira vista, mas nos dois meses em que eu estava no Hecate praticamente as duas únicas coisas sobre as quais eu a ouvi falar foram feitiços para aumentar o brilho do cabelo ou fazer sardas desaparecerem. Ela me deu uma olhada em uma das vezes que falou sobre isso. Até a redação dela para a aula de Lord Byron foi sobre como a beleza física aumentava os poderes de uma bruxa, supostamente porque facilitava o acesso aos humanos. Era ridículo. Agora, sentada logo atrás dela na aula de Evolução da Magia da Srta. East, não tive como deixar de revirar os olhos quando ela cochichou com Anna sobre o vestido que está planejando usar no baile anual de Halloween, daqui a duas semanas.

— A maioria das pessoas acha que ruivas não podem usar rosa — dizia ela —, mas isso depende totalmente do tom de rosa. Os melhores são rosa bem claro ou bem escuro. Rosa-shocking é horrível, obviamente.

Essa última frase foi dita em um tom mais alto para que Jenna escutasse. Ela estava sentada ao meu lado, e, mesmo que fingisse ignorá-las, a vi passar os dedos na sua mecha rosa alguns minutos depois.

Cutuquei o braço dela.

— Não dê ouvidos. Elas são umas encrenqueiras.

— O que foi, Srta. Mercer?

Olhei para cima e lá estava a Srta. East ao lado da minha mesa com uma das mãos na cintura. A Srta. East parecia ser a professora mais maneira do Hecate. Jenna e eu brincávamos dizendo que ela tinha um look dominatrix-chique. Ela era bem magra e usava seu cabelo castanho-escuro preso em um coque. Com suas roupas sempre pretas e salto agulha, ela podia desfilar em Paris. No entanto, como todos os professores do Hecate, a Srta. East parecia ter nascido sem nenhum senso de humor.

Dei um sorriso meio sem graça para ela e disse:

— Hum... feiticeiras? Tem várias feiticeiras aqui.

A turma começou a rir, exceto Elodie e Anna, que provavelmente entenderam que não foi aquilo que falei. Elas se viraram e ficaram olhando para mim.

Os cantos da boca da Srta. East se contorceram ligeiramente para baixo, que era o mais perto que ela chegava de franzir o rosto. Acho que ela tinha medo de enrugar seu rosto perfeitamente liso.

— Que observação edificante, Srta. Mercer. No entanto, a senhorita sabe que não tolero interrupções na minha aula...

— Eu não interrompi — interrompi.

A boca da Srta. East se retorceu ainda mais, o que significava que eu havia acabado de cruzar os limites do possível.

— Visto que a senhorita tem tanto a dizer, talvez pudesse escrever uma redação sobre as diferentes classes de bruxas? Digamos que duzentas palavras estariam suficientes? Para amanhã.

Como sempre, abri a boca antes que meu cérebro pudesse ter a chance de controlá-la.

— O quê? Isso é totalmente injusto!

— E agora a senhorita pode sair da minha sala. Quando retornar, tenha a gentileza de ter a redação em mãos e um pedido de desculpa em mente.

Engoli uma resposta e peguei as minhas coisas sob o olhar de pena de Jenna e os sorrisos de Elodie e Anna. Tive que me controlar muito para não bater a porta ao sair.

Chequei o relógio e vi que tinha quarenta minutos para ficar de bobeira até a próxima aula, então fui lá em cima e deixei os livros no quarto antes de sair para tomar um pouco de ar fresco.

Fazia um daqueles dias insanamente lindos que só outubro parece ser capaz de proporcionar. O céu estava azul, sem nuvens. A maioria das árvores estava verde com algumas folhas laranjas e douradas aqui e ali. Havia uma brisa agradável com um pouco de cheiro de fumaça, ar um pouco frio, mas o suficiente para me deixar satisfeita por estar usando meu blazer. Sendo assim, mesmo que uma parte de mim ainda estivesse furiosa

pela injustiça de ter sido expulsa da aula, eu estava bem feliz por ter aquele tempinho livre inesperado — se bem que eu devesse estar usando-o para escrever a droga da redação.

Um segundo antes de eu fazer alguma coisa superboba, tipo abrir os braços e começar a cantar o refrão de "Colors of the Wind", ouvi uma voz dizer:

— Por que você não está na aula?

Virei-me e vi o zelador, Cal, em pé atrás de mim. Como sempre, ele estava com aquele visual de lenhador — flanela e jeans. Dessa vez, ele tinha até um acessório: um machado, que ele estava segurando com a mão esquerda, cuja parte de metal brilhava perto de seu pé.

Não sei que expressão fiz quando olhei para o machado, mas acho que deve ter sido como a do Hortelino Troca-Letras quando o Pernalonga se veste de mulher — olhos esbugalhados, queixo caído até o chão.

Minha reação deve ter sido bem parecida com essa, porque Cal teve que conter uma risada enquanto levantava o machado e o apoiava sobre um dos ombros.

— Relaxe, eu não sou um psicótico.

— Eu sei disso — retruquei. — Você é o inspetor que cura as pessoas.

— Zelador.

— Isso não é tipo um inspetor?

— Não, é tipo um zelador.

Com base nos dois momentos de interação que tive com ele, presumi que Cal era um tipo de Neanderthal. Primeiro, porque ele era bem forte e o cabelo dele era louro-escuro, o que fazia com que ele parecesse um jogador de futebol americano de escola. Segundo, porque nunca o escutei falar mais do que três palavras. Todavia, talvez ele fosse um pouco mais do que parecia ser.

— Então, se você pode curar com o toque, por que você está trabalhando aqui como se fosse tipo um Hagrid?

Ele sorriu e percebi que seus dentes eram bem brancos e alinhados. Qual era o problema desse lugar? Até o zelador parecia um modelo da Abercrombie & Fitch.

— Não era para você estar por aí curando pessoas realmente importantes em vez de aqui, catando plantas e cuidando de adolescentes?

Ele deu de ombros.

— Quando fui liberado do Hecate no ano passado, ofereci meus serviços ao Conselho. Eles decidiram que meu talento era bastante útil aqui para proteger os tesouros mais importantes que eles têm. Você.

Havia alguma coisa... alguma coisa tão... sei lá, tão íntima na maneira como ele falou que achei que eu fosse rir e ficar vermelha. Mas eu me segurei, eu já tinha uma queda idiota e não ia me apaixonar pelo zelador, pelo amor de Deus.

Talvez ele também tenha percebido que a maneira como falou foi estranha, porque logo deu uma tossida.

— Vocês, eu quis dizer. Os alunos todos, entende?

— Certo.

— Enfim, agora volte para a aula de Retratos das Fadas na França do Século XVIII, ou sei lá que aula chata você está matando agora.

Cruzei os braços, em parte porque estava ficando meio irritada, mas também porque a brisa que vinha do lago esfriou.

— Na verdade, fui expulsa da aula da Srta. East, Evolução da Magia.

Ele sorriu.

— Cara, plantão no porão por um semestre, expulsa da sala...

— Pois é — respondi. — Parece que há alguma coisa em mim que irrita a todos os professores dessa escola.

Para a minha surpresa, Cal balançou a cabeça indicando que não.

— Não acho que seja isso.

Ouvi o sinal que marcava a mudança de salas tocar lá longe. Eu sabia que tinha que correr para a aula de Byron, mas queria ouvir o que Cal tinha a dizer.

— O que você quer dizer?

— Tente pensar do ponto de vista deles, Sophie. Seu pai é o presidente do Conselho. Todo mundo no Hecate está se esforçando ao máximo para não demonstrar nenhum favoritismo. Eles estão exagerando na direção oposta, entende?

Tive de concordar. Por que não estava surpresa em descobrir que outra coisa ruim era culpa do meu pai?

— Tudo bem? — perguntou Cal inclinando a cabeça para o lado.

— Tudo! — respondi com muita animação, parecendo uma menininha de escola. — Tudo — respondi em um tom mais normal. — Tenho que ir. Não quero me atrasar!

Passei por ele rapidamente, quase trombando seu ombro.

Meu Deus, o cara é forte como uma árvore, pensei enquanto caminhava.

No final das contas, me atrasei de qualquer maneira para a aula do Byron, o que significa que não só tive que o escutar berrando — um esporro em pentâmetros iâmbicos —, como também tive que escrever uma redação de cinco páginas sobre "o meu atraso crônico e flagrante".

— Acho que preciso de um feitiço de dever de casa — sussurrei à Jenna ao me sentar.

Ela deu de ombros de leve e voltou a desenhar rostos em seu caderno. Não pude deixar de notar que os rostos se pareciam muito com os de Holly e Chaston.

CAPÍTULO 20



Mais tarde naquele mesmo dia fiz a redação da Srta. East enquanto Archer catalogava os objetos; eu já havia escrito a do Byron durante minha última aula do dia, Classificação de Mutantes. Nosso professor, o Sr. Ferguson, era tão apaixonado pelo som da própria voz que raramente prestava atenção no que estávamos fazendo. Jenna e eu costumávamos trocar bilhetes durante a aula, mas ultimamente ela passa o tempo todo rabiscando no caderno e tentando se fechar ainda mais.

Archer e eu chegamos a um ponto no qual não catalogávamos nem mais de dez objetos em cada hora no porão. Vandy não falava nada, o que confirmou minha suspeita de que a ideia por trás do plantão no porão era mesmo a de nos manter presos lá embaixo por uma hora três noites por semana. Afinal de contas, catalogar aquilo era inútil, visto que tudo o que era registrado estava em um lugar diferente quando voltávamos. Passávamos a maior parte do tempo conversando. Desde que Jenna se jogara de cabeça em uma piscina de lamentação, Archer era basicamente o único amigo que eu tinha. Elodie e Anna tinham desistido completamente da história de eu entrar no coven delas, e, pelo que eu tinha ouvido falar, estavam procurando por uma bruxa branca agora, um sinal de que eu tinha caído totalmente no conceito delas. Tentei me convencer de que

aquilo não era importante, mas a verdade é que a vida no Hecate tinha se tornado bem solitária.

— Você acha que os professores são duros comigo por causa do meu pai? — perguntei a Archer, desviando o olhar do livro no meu colo.

— Provavelmente. — Ele se sentou em uma prateleira vazia. — O Prodígio tem alguns egos bem inflados. Nem todos eles são fãs do seu pai, e a Casnoff não gostaria que os outros pais achassem que você está recebendo tratamento especial só porque seu pai é basicamente o rei deles. — Ele ergueu uma sobrancelha. — O que faz de você a princesa.

Olhei para cima.

— Ah, claro. Vou dar uma polida na minha tiara aqui e pronto.

— Ah, por favor, Mercer. Acho que você daria uma boa rainha. Pelo menos já é metida o suficiente.

— Eu não sou metida! — respondi, quase rosnando.

Ele se apoiou nos cotovelos e soltou um riso irônico.

— Por favor... No primeiro dia em que a vi, você tinha praticamente uma camada de gelo em volta do corpo.

— Só porque você foi um babaca — retruquei. — Você disse que eu era uma péssima bruxa.

— Mas você era — disse ele, rindo.

Depois disso, o que havia se tornado uma piada interna, soltamos um "Cachorro mau!" ao mesmo tempo e rimos um para o outro.

— Você só não está acostumado a conhecer garotas que não babam por você como se você estivesse em uma banda de rock ou algo do tipo — comentei quando a gargalhada diminuiu.

Voltei a me concentrar na redação, mas tive que levantar a cabeça novamente quando percebi que ele não tinha respondido.

Ele estava olhando para mim com um sorrisinho e um brilho estranho nos olhos.

— Então... por que isso não aconteceu?

— O quê?

— Bem, de acordo com você, as garotas estão sempre se apaixonando por mim. Por que não você? Não sou seu tipo?

Respirei fundo e fiquei torcendo para que ele não notasse. Momentos estranhos como aquele estavam se tornando cada vez mais frequentes entre Archer e eu. Talvez fosse todo o tempo que passávamos juntos sozinhos no porão ou o quão familiar nossos corpos se tornaram enquanto tentávamos acabar um com o outro nas aulas de Defesa. Enfim, eu estava começando a notar uma mudança sutil no nosso relacionamento. Eu não era iludida o suficiente para achar que ele gostava de mim ou algo parecido, mas flertar com certeza passou a ser parte da rotina. Momentos assim me deixavam totalmente estranha e insegura.

— Não — disse eu, finalmente, tentando fazer uma voz tranquila. — Sempre tive uma queda por nerds. Meninos bonitos e arrogantes não são a minha.

— Então você acha que sou bonito?

— Cale a boca.

Eu precisava mudar de assunto.

— E sua família? — perguntei.

Ele olhou para mim, surpreso.

— O quê?

— Sua família. Eles gostam do meu pai?

Ele desviou o olhar rapidamente e deu de ombros, mas vi que havia alguma coisa errada.

— Minha família não se envolve na política — disse ele, e pegou a lista de objetos. — Você viu "Presas de Vampiro: D. Frocelli"?

Balancei a cabeça.

Quando voltei a prestar atenção na redação, fiquei me perguntando o que eu havia dito para mexer tanto com Archer. Percebi que nas seis semanas em que trabalhamos juntos, Archer não tinha falado muito sobre sua família. Nunca tinha pensado nisso antes, mas é claro que agora que sabia que ele não queria falar sobre isso eu estava tomada pela curiosidade.

Perguntei-me se Jenna saberia alguma coisa sobre o passado de Archer, mas logo abandonei a ideia. Ela mal falava comigo e estava claramente passando por um momento difícil. A última coisa que ela precisava era eu falando sem parar sobre minha paixão secreta.

Quando Vandy destrancou a porta, eu já tinha quase acabado de escrever minha redação e decidi que a terminaria pela manhã antes da aula.

Voltei para o quarto e, quando passei pelo quarto de Elodie, ouvi a voz de Anna através da porta entreaberta dizendo:

— Bem, eu teria suspeitas se fosse meu namorado.

Parei do lado de fora e ouvi Elodie responder:

— Eu teria suspeitas se ela não fosse tão esquisita. Cara, se Archer tem que ficar preso no porão com qualquer garota nessa escola, acho melhor que tenha sido Sophie Mercer. Archer não olharia para ela duas vezes.

Engraçado: eu sabia que Archer não estava interessado em mim, mas, na verdade, ouvir isso de outra pessoa era muito, muito ruim.

— Ela tem seios grandes — ponderou Anna.

Elodie deu uma risada.

— Por favor, Anna. Seios grandes não compensam uma menina baixa e sem graça. E aquele cabelo!

Mesmo que eu não estivesse vendo Elodie falar, dava para imaginar ela mexendo a cabeça. E eu estava começando a me sentir nauseada. Sabia que deveria ir embora, mas não consegui parar de ouvir. Por que será que sempre queremos ouvir as pessoas falarem sobre nós, mesmo que sejam coisas horríveis? E, sabe, não era como se Elodie estivesse dizendo alguma coisa que eu não soubesse. Eu era baixa e sem graça e tinha mesmo um cabelo maluco. Eu já tinha dito as mesmas coisas sobre mim mesma. Então por que lágrimas estavam brotando em meus olhos?

— É, mas Archer é estranho — disse Anna. — Lembra como ele foi cruel com você no primeiro ano? Tipo, ele não chamava você de idiota superficial ou alguma coisa assim? Ou imbecil...

— Isso é passado agora, Anna — disse Elodie com firmeza, e eu tive que engolir uma risada.

Então Archer havia sido sensível uma vez na vida? O que mudou? Será que Elodie tinha mesmo alguma coisa a mais, como ele dizia? Porque o que eu estava ouvindo com certeza não era nada profundo.

— Enfim, mesmo que Archer fosse louco o suficiente para sentir alguma coisa pela Sophie, ele não vai nem pensar em olhar para outra garota depois do baile de Halloween.

— Por quê?

— Decidi me entregar para ele.

Ai, que nojo. Quem fala assim? Por que ela não falou tipo "transar" ou "perder a virgindade', ou qualquer coisa idiota dessas?

É claro que Anna vibrou.

— AimeuDeus! Que romântico!

Elodie deu uma risadinha, o que era estranho vindo dela. Meninas como ela deveriam só cacarejar.

— Não é? Eu sei!

Definitivamente eu já tinha escutado o bastante, então andei nas pontas dos pés e abri a porta do meu quarto.

Como sempre, Jenna estava encolhida na cama, com um de seus lençóis rosa cobrindo-a. Ela fazia isso constantemente agora, fingia estar dormindo para que eu não falasse com ela. Geralmente eu aceitava e nem puxava conversa. No entanto, hoje à noite me sentei na ponta da cama dela com força suficiente para que ela balançasse.

— Adivinhe o que acabei de escutar? — perguntei, cantarolando.

Ela moveu uma parte do lençol e um de seus olhos de coruja olhou para mim.

— O quê?

Repeti a conversa entre Anna e Elodie e terminei comentando:

— Você acredita nisso? "Se entregar para ele"? Eca. Qual o problema de falar *sexo*, né?

Recebi um pequeno sorriso de Jenna como prêmio.

— Que ridículo — disse Jenna.

— Totalmente ridículo — concordei.

— Elas falaram alguma coisa sobre Chaston?

Fiquei surpresa.

— Hum... não. Pelo menos não que eu ouvisse. Mas você ouviu o que a Sra. Casnoff falou durante o jantar algumas noites atrás. Chaston está

bem, e está descansando na Riviera, ou em algum outro lugar glamouroso, com os pais. Ela vai voltar no ano que vem.

— Não acredito que elas estão fofocando sobre meninos quando um dos membros do coven delas morreu e a outra quase se foi três semanas atrás.

— É, mas enfim... são umas imbecis fúteis mesmo. Não que isso seja novidade.

— É.

Tirei o uniforme e coloquei uma camiseta azul do Hecate e a calça do pijama que a minha mãe tinha mandado na semana passada. Era um pijama de algodão branco com pequenas bruxas voando em vassouras. Acho que foi a forma que ela encontrou de pedir desculpas pela briga. Eu também tinha me arrependido e ligado para pedir desculpas. Era bom estar em paz com ela de novo.

— Nossa, eu realmente machuquei os seus ombros — disse Jenna, sentando-se.

Olhei para baixo.

— Ah... é. Tudo bem. Nem dói.

Ainda doía um pouco sim.

Os olhos de Jenna estavam claros e acho que ela estava tentando não chorar.

— Ainda sinto muito por aquilo, Soph. Eu estava tão apavorada e magoada, e... e às vezes perco o controle.

Uma sensação gelada de medo correu pela minha espinha, mas tentei ignorar isso. Jenna era minha amiga. Sim, ela tinha agido como uma vampira uma vez, mas ela se controlou imediatamente.

Mas você é amiga dela. Chaston com certeza não era. E Holly? Não, nem quero pensar nisso.

Em vez de entrar nessa, resolvi partir para a palhaçada.

— Perder o controle de quê? Da sua bexiga? É melhor checar isso porque não vou emprestar os meus lençóis *mesmo*.

— Você é muito estranha — disse ela, rindo.

— Gente estranha se atrai!

Nas próximas duas horas, conversamos e tentamos estudar para a aula de Evolução da Magia. Quando as luzes foram apagadas, Jenna já parecia ser como sempre foi.

— Boa-noite, Jenna — disse eu quando as luzes finalmente se apagaram.

— Boa-noite, Soph.

Fiquei olhando para o teto com a cabeça cheia, sem conseguir me desligar: Archer, Elodie e Anna, Jenna, a conversa com Cal perto do lago. Caí no sono me perguntando se Archer sabia que estava prestes a se tornar o escolhido para tirar a virgindade de Elodie.

Não sei que horas eram quando acordei e vi a menina de verde em pé na beirada da minha cama. Meu coração veio até a boca. Eu sabia que devia estar sonhando, que não tinha como aquilo ser real.

Aí ela deu um suspiro irritado e disse com um sotaque britânico:

— Sophie Mercer. *Quanta* confusão você tem causado.

CAPÍTULO 21



Sentei-me na cama e pisquei os olhos.

Era a menina que vejo desde que entrei no Hecate, mas ela não parecia ser um fantasma; parecia realmente ser de carne e osso.

— Então? — perguntou ela, levantando uma das sobrancelhas, perfeitas. — Você vem ou não?

Olhei para Jenna e só consegui ver um grande volume escuro na cama dela. Pelo som da respiração calma e estável vinda dali, ela ainda estava dormindo.

A menina seguiu a direção do meu olhar.

— Ah, não se preocupe com ela — disse, com um movimento da mão. — Ela não vai acordar e soar o alarme. Ninguém vai. Eu dei um jeito nisso.

Antes que eu pudesse perguntar o que ela quis dizer, ela se virou e passou pela porta. Fiquei congelada até ela reaparecer no corredor e dizer:

— Ai, pelo amor de Deus, Sophia, *vamos*!

Então, eu sabia que seguir um fantasma só poderia ser uma péssima ideia. Meu corpo todo dizia isso. Minha pele ficou pegajosa e o estômago deu um nó. No entanto, me vi afastando as cobertas, pegando meu blazer do Hecate e indo atrás dela, que já estava descendo as escadas.

— Ótimo — disse ela. — Temos muito trabalho a fazer e não muito tempo.

— Quem é você? — sussurrei.

Ela me deu uma olhada irritada novamente.

— Já falei que não precisamos cochichar. Ninguém pode nos ouvir.

Ela parou nas escadas, jogou a cabeça para trás e começou a berrar.

— Casnoff! Vandy! Sophia Mercer está fora da cama fazendo o que não deve com um fantasmaaaaaaaaaa!

Instintivamente me abaixei.

— Shhh!

No entanto, como ela havia prometido, não houve nenhum sinal de que alguém tenha nos escutado. O único barulho era o tique-taque do relógio ancestral na entrada principal — e também as batidas do meu coração.

— Viu? — disse ela, virando-se para mim com um sorriso. — Eu dei um jeito. Agora venha comigo.

Ela desceu os últimos degraus correndo e, antes que me desse conta, estávamos no gramado da frente da casa. A noite estava fria e úmida e a grama fazia um barulho molhado bem chato a cada pisada. Olhei para baixo para ter certeza de que estava pisando em grama mesmo e notei que meus pés pareciam ter um tom verde meio estranho. Aí percebi que dava para ver minha sombra apesar de a lua não estar aparente.

Virei-me e olhei para o Hecate. Levei um susto: a casa toda estava envolta em uma bolha opalescente enorme que brilhava em um tom fraco de verde. A bolha estava em movimento constante, ondulando e emitindo raios verdes. Eu nunca havia visto nada parecido com aquilo; nunca tinha nem lido sobre aquilo.

— Impressionante, não é? — disse a menina com orgulho. — É um feitiço básico que deixa as vítimas insensíveis ao mundo externo por pelo menos quatro horas. Eu apenas... o aumentei.

Não gostei da maneira como ela usou a palavra "vítimas".

— Eles... eles estão bem?

— Ah sim, estão todos bem — respondeu ela. — Apenas dormindo. Como em um conto de fadas.

— Mas... a Sra. Casnoff tem feitiços pela casa toda. Ninguém poderia entrar e simplesmente lançar um feitiço grande assim.

— Eu posso! — disse a menina.

Aí ela pegou minha mão. A mão dela era tão sólida e real quanto a minha. Eu tinha certeza de ter ouvido a Sra. Casnoff dizer que fantasmas não podem nos tocar, mas antes que eu pudesse perguntar alguma coisa, a menina começou a me puxar para longe da casa.

— Espere. Não posso ir a nenhum lugar com você antes de saber quem você é e o que está fazendo aqui. Por que você tem me seguido?

Ela suspirou.

— Ai, Sophia, achei que você fosse um pouquinho mais perceptiva. Não é óbvio para você quem eu sou?

Olhei o vestido florido que ia até a altura dos joelhos e o casaquinho verde. O cabelo dela ia até os ombros e era encaracolado, preso para trás com grampos. Olhei para baixo e vi o par de sapatos marrons horrorosos que ela usava. Senti um pouco de pena: fantasma ou não, ninguém merece passar a eternidade em sapatos feios.

Olhei bem dentro dos olhos dela. Eles eram grandes e separados, e, mesmo que a luz verde estivesse refletida neles, dava para ver que eram azuis.

Eram os meus olhos.

Britânica, dos anos 1940, olhos tão parecidos com os meus...

— Alice? — perguntei, o coração batendo na garganta.

Ela abriu um sorriso enorme.

— Excelente! Agora, por favor, venha comigo e...

— Peraí, peraí, peraí — pedi, segurando a cabeça. — Você está me dizendo que é o fantasma da minha bisavó?

O mesmo olhar irritado de antes.

— Sim.

— Então o que você está fazendo aqui? Por que tem me seguido?

— Não tenho seguido você — disse ela sem paciência. — Tenho aparecido. Você não estava pronta para mim antes, mas agora está.

Trabalhei muito para chegar até você, Sophia. Agora, por favor, será que podemos parar de bater papo e ir ao trabalho?

Deixei-a me levar, tanto porque estava com medo de ela me fazer desaparecer quanto porque estava genuinamente curiosa. Quantas pessoas são acordadas pelo fantasma da própria bisavó?

Fomos para longe do Hecate e descemos até a estufa. Eu me perguntei se ela estava me levando lá para um treino, mas, quando chegamos, ela virou à esquerda e me levou para a floresta.

Eu nunca tinha estado na floresta por uma boa razão: é assustadora demais. E é claro que o perigo dobrava à noite. Pisei em uma pedra com os pés descalços e gemi de dor. Quando alguma coisa passava pela minha pele, eu dava um gritinho.

Ouvi Alice murmurar algumas palavras e de repente uma grande órbita de luz apareceu na nossa frente, luminosa o suficiente para que eu tivesse que cobrir meu rosto. Alice falou alguma coisa baixinho e a órbita foi para cima, como se alguém a tivesse levantado com uma corda. Ela sobrevoou as nossas cabeças até que iluminasse toda a floresta.

Você pode pensar que a luz tornaria a floresta menos assustadora, mas na verdade isso só piorou a situação. Agora, sombras se moviam no chão e eu via o brilho dos olhos de animais em alguns lugares. Chegamos a uma nascente e, para minha surpresa, Alice saltou dentro do pequeno rio. Eu a segui com bem menos graciosidade, tropeçando nas pedras soltas e soltando palavrões.

Se eu achava que a floresta era assustadora, ela não era nada perto do córrego. Havia pedras afiadas machucando meus pés e, em todos os lugares para onde eu olhava havia buracos escuros e raízes que pareciam vísceras de animais gigantes. No final, acabei segurando a mão de Alice e ficando de olhos fechados até pararmos abruptamente.

Abri os olhos, e imediatamente me arrependi.

Eu estava de cara com uma pequena cerca de ferro toda enferrujado. Do outro lado da cerca havia seis lápides. Quatro delas estavam ligeiramente tortas e cobertas de limo, mas as outras estavam inteiras e brancas como ossos.

As lápides por si só eram aterrorizantes, mas foi outra coisa naquele pequeno cemitério que fez com que meu coração fosse parar no estômago e minha boca ficasse com o gosto metálico de medo.

A estátua tinha uns dois metros e meio de altura, talvez um pouco mais. Era um anjo esculpido em pedra cinza, com as asas bem abertas. A escultura era tão perfeita que dava para ver todas as penas das asas, e a roupa do anjo parecia mover-se e flutuar, embalada por um vento que não existia. Em uma de suas mãos, o anjo tinha uma espada. O punho da espada foi esculpido com a mesma pedra cinza, mas a lâmina era feita de algum tipo de vidro escuro que brilhava por causa da luz da órbita. A outra mão do anjo estava estendida à frente dele, palma aberta, como se ele estivesse avisando a outros para não passarem dali. A expressão da estátua passava uma autoridade tão austera que até a Sra. Casnoff ficaria envergonhada.

O anjo era muito familiar e me surpreendi ao perceber que era o mesmo anjo do vitral do Hecate. O anjo que excluiu o Prodígio.

— O quê... — Minha voz falhou e tossi para limpar a garganta. — O que é esse lugar?

Alice estava olhando para o anjo com um sorriso no rosto.

— Um segredo — respondeu ela.

Tremi e fechei o blazer, deixando-o mais justo. Quis perguntar o que ela queria dizer, mas sua expressão enrijecida me fez deduzir que ela nem responderia. Lembro de ter lido no manual do Hecate que uma das maiores regras era nunca ir à floresta e simplesmente deduzi que era por causa do perigo e tal.

No entanto, talvez fosse um pouco mais do que isso.

Comecei a sentir um vento soprando. As folhas fizeram barulho e meu queixo batia de frio. Por que eu não havia trazido um sapato, me perguntei, passando um pé dormente em cima do outro.

— Aqui — disse Alice, apontando para meus pés.

Eles coçaram por um instante e olhei para eles. De repente, eles estavam sendo envolvidos por meias brancas de algodão e pelo meu par favorito de

pantufas vermelhas. Pantufas que, até onde eu sabia, estavam no fundo do meu armário em Vermont.

— Como você fez isso?

Alice apenas sorriu misteriosamente.

Aí, sem aviso, ela moveu as mãos no ar.

Senti uma pressão no peito que me fez cair. Bati no chão e soltei um grito.

Sentando-me, olhei para Alice.

— O que foi isso?

— Isso — disse ela, séria — foi um feitiço de ataque ridiculamente simples que você deveria saber como bloquear.

Olhei para ela, chocada. Uma coisa era ser surrada por Archer na aula de Defesa, mas ser atacada do nada pela minha bisavó era vergonhoso.

— Como eu poderia ter bloqueado alguma coisa se não tinha a mínima noção de que você ia fazer isso? — retruquei.

Alice veio até mim e me ofereceu a mão para que eu me levantasse. Não aceitei a ajuda, primeiro porque eu estava irritada, mas também porque Alice parecia pesar apenas uns quarenta quilos e achei que acabaria derrubando-a também.

— Você deveria ter sentido que eu faria isso, Sophia. Uma pessoa com poderes tão grandes quanto os seus anteciparia um ataque.

— O que é isso? — perguntei, limpando a sujeira e as pedrinhas que estavam na minha, agora machucada, bunda. — É tipo *Star Wars*? Eu tinha que ter "sentido uma perturbação na Força"?

Agora foi Alice quem ficou me olhando sem entender nada.

— Deixe para lá — murmurei. — Enfim, se você tem me observado pelo menos nas últimas seis semanas provavelmente percebeu que não tenho "poderes tão grandes". Aqueles poderes incríveis da família passaram batido por mim.

Alice balançou a cabeça.

— Não passaram não. Eu posso sentir. Seus poderes são tão fortes quanto os meus, você apenas não sabe como usá-los. É por isso que estou

aqui, para ajudá-la a melhorar e moldar seus poderes. Para prepará-la para o papel que você deve cumprir.

Olhei para ela.

— Então você é tipo a minha Sra. Miyagi?

— Não faço ideia do que você está dizendo.

— Desculpe, desculpe. Vou tentar parar com as referências da cultura pop. Qual é o *papel* que tenho que cumprir?

Alice olhou para mim como se eu fosse uma retardada. Diante daquilo, realmente me senti uma retardada.

— Presidente do Conselho.

CAPÍTULO 22



— E por que eu ia querer isso? — perguntei com uma risadinha. — Não sei nada sobre o Prodígio e sou uma péssima bruxa.

O vento bateu no meu cabelo, fazendo com que ele cobrisse minha boca e meus olhos. Através das mechas, vi Alice mover uma de suas mãos em minha direção. O cabelo saiu do rosto e se prendeu em um coque no alto da cabeça, tão apertado que meus olhos se encheram d'água.

— Sophia — disse Alice em um tom de voz que só se usa para amansar uma criança que está tendo um ataque nervoso. — Você apenas acha que é péssima.

A palavra "péssima" soou ridiculamente elegante no sotaque seco de Alice e tive que sorrir. Acho que ela interpretou isso como um bom sinal, porque ela pegou uma de minhas mãos. Sua pele era macia e bem gelada.

— Você é muito poderosa, Sophia — disse ela com uma voz doce. — Você só está um pouco em desvantagem porque foi criada por uma humana. Com o treino e as instruções certas você poderia colocar essas outras meninas — como é que você e sua amiga mestiça falam? "As Bruxas de Noxema"?

— Jenna não é mestiça — disse eu rapidamente, mas ela me ignorou.

— Você pode ser muito, muito mais poderosa do que qualquer uma delas. E posso mostrar como.

— Mas por quê? — perguntei.

Ela deu um outro sorriso enigmático e um tapinha no meu braço. Mesmo que Alice tenha morrido aos dezoito anos, sendo só dois anos mais velha do que eu, ela tinha um toque de avó mesmo. Depois de uma vida inteira tendo só minha mãe, aquilo até que era legal.

— Porque você é sangue do meu sangue — respondeu ela. — Porque você merece ser a melhor. Para se tornar o que você deve se tornar.

Não sabia o que responder. Meu destino era ser presidente do Conselho? Pensei na minha fantasia de ter uma daquelas livrarias New Age, ler mãos e usar um cafetã roxo bem grande. Ela parecia bem distante agora — e até um pouco estúpida.

Pensei em Elodie, Chaston e Anna brilhando e levitando na biblioteca. Elas pareciam ser deusas, e, mesmo com medo, fiquei com uma certa inveja. Será mesmo possível que eu me tornasse melhor do que elas?

Alice gargalhou.

— Ah, você vai ser muito melhor do que aquelas garotas.

Maravilha, ela conseguia ler minha mente.

— Venha, não temos muito tempo.

Passamos pelo cemitério e fomos até uma clareira no meio de um círculo de carvalhos.

— É aqui que vamos nos encontrar — disse Alice. — Aqui vou treiná-la para ser a bruxa que deve ser.

— Você sabe que tenho aulas, não sabe? Não posso ficar acordada a noite toda.

Alice abaixou a cabeça e tirou um colar que estava usando. Suas mãos brilharam com uma luz mais forte do que a da órbita que ainda sobrevoava o lugar. Aí a luz se apagou abruptamente e ela me entregou o colar, que estava quase quente demais para ser tocado. Era apenas uma corrente de prata com um pingente quadrado, do tamanho de um selo postal, com uma pedra negra no formato de gota no centro.

— Pronto. Bens da família — disse ela. — Enquanto usar isso, você nunca vai ficar cansada.

Pela primeira vez, Alice sorriu verdadeiramente, um sorriso enorme que iluminou todo o seu rosto e fez com que seus traços simples ficassem lindos.

Ela se inclinou para mim e pegou minhas mãos, puxando-me para perto dela até que nossos rostos estivesse a centímetros um do outro.

— Tem isso e muito mais — sussurrou ela.

E quando ela riu, acabei gargalhando junto.

Várias horas depois, eu não estava mais gargalhando. Não estava nem sorrindo.

— De novo! — gritou Alice.

Como uma mulher tão pequena tinha uma voz tão alta? Suspirei e girei os ombros. Concentrei-me o máximo que pude no espaço vazio na minha frente, fazendo força para que um lápis aparecesse ali. Na primeira hora, treinamos apenas feitiços de bloqueio e me saí bem ao tentar bloquear os ataques de Alice, mesmo que não conseguisse prevê-los. No entanto, na última hora estávamos tentando fazer alguma coisa aparecer do nada. Começamos com coisas pequenas, daí o lápis, e Alice dizia que era apenas uma questão de concentração.

Todavia eu estava me concentrando tanto que já estava com medo de ver um lápis amarelo toda vez que fechasse os olhos. Eu havia feito a grama vibrar e, depois de um momento de frustração, mandei uma pedra voando na direção de Alice, mas nada de lápis.

— Será que devemos começar com algo ainda menor? — perguntou Alice. — Um clipe, talvez? Uma formiga?

Dei uma olhada para ela e respirei fundo novamente.

Lápis, lápis, lápis, pensei. Lápis amarelo, borracha rosa, prova final, por favor, por favor...

E aí eu senti. Aquela sensação de água correndo desde os pés até as pontas dos dedos. Só que dessa vez, não era só água. Era um rio. Tudo dentro de mim parecia vibrar. Senti uma queimação atrás dos olhos, mas era um tipo bom de calor — como chegar em um lugar quentinho depois

de um dia frio. Meu rosto doía, mas eu percebi que era porque estava sorrindo.

Um lápis foi aparecendo lentamente, primeiro como um fantasma de si antes de finalmente tornar-se sólido. Mantive a mão esticada, a magia ainda pulsando em mim, e me virei para Alice para dizer alguma coisa do tipo "Olha, olha só!"

Mas, ela não estava olhando para mim. Ela estava olhando além, para onde estava o lápis. Olhei para o mesmo lugar e me assustei.

Não havia apenas um lápis na minha frente, e sim uma pilha de talvez uns trinta lápis, caindo um por cima do outro, e mais estavam aparecendo.

Abaixei a mão e senti a magia parar rapidamente, como uma conexão interrompida de forma abrupta.

— Puta merda! — exclamei com calma.

— Veja só... — foi o único comentário de Alice.

— Eu... — Olhei para a pilha. — Eu fiz isso — disse finalmente, me repreendendo em silêncio por falar uma coisa tão boba.

— Fez mesmo — disse Alice, balançando a cabeça de leve. Depois, ela sorriu. — Eu avisei.

Eu ri, mas logo pensei em uma coisa.

— Espere. Você disse que o feitiço do sono durava apenas quatro horas. — Olhei para o relógio. — Já se passaram quase quatro horas e levamos pelo menos meia hora para chegar aqui. Como vamos voltar a tempo?

Alice sorriu e, com um estalar de dedos, duas vassouras se materializaram ao lado dela.

— Você está brincando — disse eu.

O sorriso dela ficou maior. Ela passou uma das pernas por cima da vassoura e saiu voando. Aí ela voltou e flutuou sobre a minha cabeça, sua gargalhada ecoou pela floresta.

— Venha, Sophia! — exclamou ela. — Seja tradicional pelo menos uma vez na vida!

Segurei o cabo fino da vassoura.

— Essa coisa vai me aguentar? — perguntei. — Eu não compro roupas na seção infantil!

Desta vez, ela não perguntou o que eu quis dizer com aquilo. Ela gargalhou e disse:

— Eu me apressaria se fosse você! Quinze minutos separam você de um ano de plantão no porão!

Subi na vassoura. Eu não era tão elegante quanto Alice, mas quando a vassoura de repente se levantou do chão, não estava mais me importando com as aparências.

Segurei o cabo com força e dei um grito assustado quando senti o ar da noite bater no meu rosto. E aí... eu estava voando.

Achei que a vassoura fosse voar depressa e que eu teria que me segurar com força para não morrer, mas, em vez disso, ela deslizou no ar, e eu meio que prendi a respiração — não de medo, mas por pura alegria. O ar estava frio, mas acariciava minha pele. Enquanto seguia Alice de volta à escola, tomei coragem para olhar as árvores lá embaixo. Alice havia apagado a órbita, então só dava para ver umas manchas negras, mas eu não estava ligando. Eu estava voando — *voando* mesmo, juro por Deus.

As estrelas lá em cima pareciam perto o suficiente para que eu as tocasse, e meu coração parecia flutuar dentro do peito. Lá longe, dava para ver a bolha verde luminosa em volta do Hecate. Eu não queria chegar nunca, queria continuar me sentindo daquele jeito leve e livre, para sempre.

Tocamos o chão em frente à casa em muito pouco tempo. Minhas bochechas estavam frias e as mãos dormentes, mas eu estava sorrindo como uma lunática.

— Isso — pronunciei — foi a coisa mais maneira do mundo. Por que nem todas as bruxas fazem isso?

Alice gargalhou e desceu da vassoura.

— Acho que elas consideram isso um certo clichê.

— Ah, que se dane — exclamei. — Quando eu for presidente do Conselho, esse vai ser o único meio de transporte.

Alice riu de novo.

— Bom saber.

Enquanto consersávamos a bolha verde ao redor da casa começou a se apagar.

— Acho que isso significa que devo entrar — disse eu. — Então, mesmo lugar, mesma hora amanhã?

Alice assentiu e colocou uma das mãos no bolso de seu vestido, tirando uma bolsa.

— Leve isso com você.

A bolsa era macia, e dava para sentir algo solto lá dentro.

— O que é isso?

— Terra do meu túmulo. Se precisar de poderes extras para um feitiço, um pouco disso vai resolver.

— OK. Hum, obrigada.

Seria legal ter alguma coisa para ajudar nas magias, mas por dentro eu estava pensando: "Terra de um túmulo? Nojento."

— E, Sophia — disse Alice, quando me virei para ir embora.

— Sim?

Ela veio até mim e segurou meus ombros, puxando minha cabeça para perto de sua boca. Por um segundo, achei que ela fosse me dar um beijo na bochecha ou alguma coisa assim, mas aí ela sussurrou:

— Tenha cuidado. O Olho consegue ver você, até mesmo aqui.

Afastei-me, com o coração pulando e a boca seca, mas antes que eu pudesse responder, Alice deu um sorriso triste e desapareceu.

CAPÍTULO 23



— E aí, já escolheu o tom de rosa perfeito para o seu terno? — perguntei a Archer na semana seguinte.

Eu estava sem ar. Estávamos na aula de Defesa e eu já tinha dado um golpe que o jogou no chão cinco vezes seguidas — minha falta de ar não tinha nada a ver com a camisa apertada dele. Eu não acreditava que tinha conseguido derrubá-lo tantas vezes. Ou ele estava ficando pior, ou eu estava melhor. É claro que eu não era do tipo que ia fazer parte do elenco do *American Gladiators*, mas não estava tão mal assim. *E* eu tinha ficado acordada a noite toda.

Meu colar batia contra o peito enquanto me inclinei e ofereci uma das mãos ao Archer. O encanto de Alice estava funcionando que nem... bem, vocês sabem. Dormi por apenas duas horas nas primeiras três noites e mesmo assim acordava me sentindo bem. Na primeira manhã, fiquei com medo de que a Sra. Casnoff me chamasse em seu escritório e perguntasse se eu sabia sobre um feitiço de sono que alguém tinha colocado na escola, mas isso não aconteceu, então relaxei. Agora, eu nem tentava dormir. Ficava deitada no escuro, sentindo-me tão ansiosa quanto uma criança na noite de Natal, até ver o suave brilho verde através da janela. Aí corria lá para fora, subia na vassoura e voava pelo céu noturno até chegar ao cemitério.

Eu sabia que o que estava fazendo era meio perigoso e até um pouco bobo. No entanto, quando eu voava ou fazia feitiços mais poderosos do que imaginava que pudesse existir, era difícil lembrar disso.

Archer gemeu quando o levantei.

— Não, falando sério — disse eu. — Elodie disse mais cedo que vocês dois iam com roupas combinando. Então, qual o tom de rosa você vai usar? "Rosa Cosquinha"? "Rosa Passeio", talvez? Ah, ah, já sei! "Rosado de Virgem"!

O baile de Halloween era em uma semana e minha impressão era a de que todo mundo só falava sobre isso. Até na aula do Byron tivemos que compor um soneto sobre a roupa que íamos usar. Eu ainda não fazia ideia do que vestir. A Srta. East estava encarregada de nos ensinar o feitiço de transformação que criaria os vestidos e ternos. Ontem mesmo ela deu para cada uma de nós uma boneca vestida com um treco que parecia uma capa de travesseiro com buracos para os braços. Eu não sabia por que não podíamos transformar roupas que já temos, mas concluí que essa era apenas mais uma regra idiota do Hecate.

Metamorfos e fadas tinham que arranjar suas roupas, então várias caixas chegavam sem parar nos últimos dias.

E tinha Jenna. Ofereci-me para fazer o vestido dela, mas ela me olhou como se eu fosse completamente burra e disse que não ia naquele "baile idiota" de jeito nenhum.

Estávamos treinando o feitiço todos os dias na aula da Srta. East, mas por enquanto todas as minhas tentativas saíram um pouco exageradas. A Srta. East disse que era porque eu estava muito animada, mas não acreditei naquilo. Não tinha nada de tão animador na festa. Eu não ia "me entregar" para ninguém.

— Cale a boca — disse Archer com bom humor, levantando os braços acima da cabeça para se alongar. — Se você quer saber, só minha gravata-borboleta vai ser rosa, e vai ficar *irado*, muito obrigado.

Tentei sorrir de volta, mas tive que me concentrar para não olhar para a pele à mostra logo abaixo da barra da camisa quando ele se esticou.

Como sempre, minha boca ficou meio seca, minha respiração se acelerou e aquela sensação estranha, quase triste, se instalou no meu estômago.

Nunca achei que ficaria feliz ao ouvir o urro da Vandy, mas quando ela berrou "Tudo bem! Por hoje é só!" eu quis dar um beijo nela.

Bem, pensando melhor, não. Talvez um aperto de mão.

— Mas que inferno — murmurei, uma hora depois.

Eu estava olhando para minha última tentativa de fazer um vestido para o baile. Pelo menos esse não tinha um par de mangas bufantes, mas ele tinha uma cor amarela-esverdeada de dar nojo — a mesma que geralmente encontramos em fraldas de bebês ou ao redor de desastres nucleares.

— Bem, Srta. Mercer. Eu diria... que a senhorita melhorou — disse a Srta. East.

Os lábios dela mal se abriam, não sei como as palavras conseguiam sair.

— Com certeza — disse Jenna. Ela estava sentada em uma mesa ao meu lado, e passava a maior parte da aula lendo aqueles mangás dos quais ela gostava tanto. — Você está ficando melhor — disse ela tentando me encorajar.

Mas quando ela viu minha última criação, seu rosto se franziu.

— É, pelo menos esse não derrubou três mesas — disse Elodie, rindo ao meu lado.

O vestido dela, é claro, estava lindo.

Achei que o baile fosse uma versão monstra de um baile de formatura, e que os vestidos devessem ser similares aos que usamos na festa do segundo grau. É claro que não tanto. Os vestidos que algumas das meninas estavam tentando criar eram como os de contos de fadas.

Contudo, o vestido de Elodie era de longe o mais bonito da sala. Cintura alta, mangas bem delicadas e uma saia aramada com camadas: o vestido parecia algo que você usaria se estivesse em um livro da Jane Austen. Eu zoei Archer por causa do rosa, mas até eu tive que reconhecer que o tom do vestido era lindo. Nada como o "framboesa elétrica", era

mais como o tom pálido de rosa que vemos dentro de conchas. Ele parecia brilhar como uma pérola e Elodie ficaria extremamente linda nele.

Que droga.

Frustrada, virei as costas para meu próprio vestido. Coloquei as mãos na cintura e pensei, *vestido bonito, vestido bonito, alguma coisa azul*, com o máximo de força que pude. Era tão irritante saber que agora eu conseguia fazer com que um objeto tão grande quanto uma cadeira aparecesse do meio do nada, mas não conseguia fazer um simples vestido que não fosse horrendo. OK, a cadeira que eu criei ontem à noite foi de bebê, mas mesmo assim.

Senti o material se mexer e cair das minhas mãos. *Por favor*, pensei com os olhos bem-fechados.

Aí ouvi Elodie e Anna caindo na risada.

Droga.

Abri os olhos para ver um vestido horroroso de tule azul- claro com uma saia que só cobria metade da minha perna. Se eu usasse aquilo ia ficar parecendo a noiva devassa do Come-Come, da Vila Sésamo.

Falei um palavrão bem feio baixinho, o que rendeu um olhar sério da Srta. East — surpreendentemente não fui punida. Acho que não tinha como ela me culpar depois que viu o vestido.

— Nossa, Sophie, esse ficou maneiro — provocou Elodie. Ela colocou uma das mãos na cintura. — Acho que você tem futuro como estilista.

— Ha-ha — murmurei. Em se tratando de respostas, dar uma risadinha era tão descolado quanto dizer "eu nem quero ser uma estilista mesmo".

— Nem acredito que chamei você para fazer parte do nosso coven — disse ela, olhando para mim com seus olhos verdes.

Gemi em silêncio. Os olhos de Elodie só ficavam verdes daquele jeito quando ela estava prestes a soltar uma bomba. A última vez em que vi os olhos dela claros assim foi quando ela chamou Jenna de sanguessuga depois de encontrarem Chaston.

— Aqui está você, a filha do presidente do Conselho, e não consegue nem fazer um *vestido*. Patética.

— Olhe, Elodie, não quero brigar. Então... me deixe em paz para eu tentar fazer o meu vestido, OK?

Só que ela estava longe de ter falado o que queria.

— Por que você se importa em fazer um vestido para a festa? Você quer ficar bonita para quem? Para Archer?

Lutei muito para ficar calma, mesmo que minhas mãos apertassem o material na minha frente.

Elodie se inclinou para perto de mim, então duvido que alguém a tenha ouvido sussurrar:

— Você acha que não vejo como você olha para ele?

Mantive o olhar na boneca e respondi, com a voz mais calma possível:

— Pare, Elodie.

— Até que sua queda por ele é fofinha. E quando eu digo fofinha é claro que quero dizer *trágica* — continuou ela.

Pela minha visão periférica percebi que quase todo mundo tinha parado de treinar e estava olhando para nós. A Srta. East estava fingindo nos ignorar, então eu sabia que estava entregue aos leões.

Respirei fundo e me virei para encarar Elodie, que estava dando uma risada de triunfo.

— Ah, Elodie — comecei com uma voz tão doce que praticamente pingava açúcar —, não se preocupe comigo em relação a Archer. Afinal de contas, não sou eu quem está planejando transar com ele depois da festa.

A turma começou a rir, mas Elodie fez uma coisa inédita: ela ficou vermelha e gaguejou quando tentou dar uma resposta.

A Srta. East escolheu aquele momento para berrar.

— Srta. Mercer! Srta. Parris! Voltem a trabalhar!

Sorrindo, voltei a me concentrar no vestido. O sentimento de vitória, porém, logo se esvaiu diante daquele desastre azul-claro na minha frente.

— Você não está sentindo sua magia, é isso? — perguntou Jenna com cuidado.

— Não, estou sentindo o mesmo de sempre. Água vindo dos meus pés e tal.

— O quê? — disse Anna, colocando uma das mãos na cintura. — *Como* é que você sente a magia?

— Hum... como uma coisa vindo debaixo de mim — respondi rapidamente.

— Não é essa a sensação da magia — disse Anna.

Olhei em volta e vi que havia outras bruxas olhando para mim, confusas.

— A magia vem de cima — continuou Anna. — Parece uma coisa que cai em você, como...

— Neve — completou Elodie.

Meu rosto estava quente quando me virei para a boneca novamente.

— Então acho que a minha é diferente.

Ouvi alguns cochichos, mas os ignorei.

— Você vai conseguir — disse Jenna, dando uma olhada séria para Anna.

— Ah, sei que vou melhorar — falei, passando a mão pela prega de tule nas costas do vestido. (Uma *prega*? Vá para o inferno, poderes mágicos.) — Estou fazendo esse vestido para você.

— Ah, é mesmo? — perguntou ela, abrindo um sorriso.

— É. Mas provavelmente vamos ter que fazer bainha. Não quero que se arraste pelo chão.

Ela deu um tapa de brincadeira no meu braço, e, antes que soubéssemos, estávamos rindo.

Passei o resto da aula tentando fazer os vestidos mais feios que podia, o que só tinha graça para Jenna e eu. Perdi a conta de quantas vezes a Srta. East ameaçou nos expulsar da aula, e de quantas vezes Elodie revirou os olhos, até Jenna resolver perguntar se ela estava tendo um ataque apoplético. Isso nos fez rir tanto que a Srta. East finalmente nos mandou sair da aula e fazer um ensaio de sete páginas sobre a história dos feitiços para roupas.

Tudo bem. Eu escreveria cem páginas para ver Jenna rindo de novo.

— Não sei o que mudou — disse a Alice mais tarde. Estávamos caminhando pela floresta catando folhas de menta para um feitiço que desacelerasse o tempo. — Uma hora ela era a Jenna de cara fechada do último mês, na outra ela volta a ser minha amiga.

Alice não disse nada, então eu prossegui:

— Não é ótimo?

— Deve ser.

— Deve ser? — disse eu, imitando seu sotaque.

Ela se levantou e olhou para mim.

— É que não aprovo o fato de você ter uma vampira como amiga. Ela está abaixo de você.

Eu ri.

— Ai, meu Deus, *abaixo* de mim? Por favor.

Alice suspirou e colocou outro punhado de folhas na bolsinha de couro que ela acabara de criar.

— Seus amigos são problema seu, Sophia. Vou tentar respeitar isso. Agora conte-me sobre essa festa.

Abaixei-me para pegar mais folhas de menta.

— É um baile, na verdade. Para o Halloween. Acho que vai ser muito maneiro, principalmente porque não consigo fazer nenhum vestido que preste. Ah, e — bônus — ainda vou ter que ficar vendo uma menina que eu detesto usando o vestido mais lindo do mundo para seduzir o cara de quem eu gosto. Vai ser muito bom.

— Elodie?

Concordei. Alice fez uma cara feia.

— Não gosto daquela menina. Ela tem sido bem detestável com você. Certamente porque seus poderes são maiores do que os dela. Poucas coisas são mais repulsivas para mim do que uma bruxa fraca.

— Nossa, *fala sério*.

Alice piscou os olhos.

— Eu falei.

— Esquece. É tão injusto que ela seja uma pessoa tão nojenta e consiga fazer um vestido tão lindo. Ela vai estar maravilhosa na festa.

E vai transar com Archer, adicionei em silêncio.

Eu tinha esquecido que Alice lia minha mente.

— Ah, Archer é o menino que lhe interessa?

Não tinha como negar que Archer me "interessava". Fiz que sim com a cabeça.

— Hum — respondeu Alice. — Por que você não faz um feitiço de amor para ele? Eles são ridiculamente simples.

Coloquei mais folhas de menta na minha bolsa.

— Porque eu... olhe, isso vai soar estranho, mas eu realmente gosto dele, e não o quero para mim se for só por causa de um mero feitiço.

Achei que Alice fosse discutir comigo, mas ela apenas encolheu os ombros e disse:

— A atração tem sua própria magia, acho eu.

— É. Bem, provavelmente não há nenhuma chance de ele se sentir atraído por mim. Eu achei que talvez no baile... mas não consigo nem fazer um vestido decente. — Virei-me para Alice. — Por que quando estou aqui com você faço os feitiços mais irados, mas quando estou na escola todos eles falham?

— Confiança? — sugeriu ela. — Você se sente insegura na escola, e isso reflete na sua magia.

— Pode ser.

Continuamos a pegar mais folhas até que Alice disse:

— Você falou que o vestido da menina é lindo?

Suspirei.

— É perfeito.

Alice sorriu, e, sob a luz da órbita, vi que seus dentes brilhavam.

— Você gostaria de mudar isso?

CAPÍTULO 24



As aulas foram canceladas no dia do baile e, visto que foi mais um daqueles dias lindos e claros de outubro, quase todos os alunos ficaram lá fora. Todos, menos eu. Bem, Jenna e eu. Mesmo com a pedra de sangue, ela não era muito fã de ficar lá fora. Ela estava toda encolhida no lugar de sempre, na cama, coberta e com um mangá na mão.

Sentei-me na cama olhando para minha boneca idiota, que ainda estava vestindo a capa de travesseiro. Eu tinha passado a maior parte da manhã tentando transformá-la em alguma coisa pelo menos apresentável, sem sorte nenhuma. Não conseguia entender; eu sabia que não era a melhor bruxa do mundo, mas um feitiço de transformação não era para ser tão difícil. É verdade que eu nunca tinha tentado nada tão elaborado, mas devia pelo menos ter conseguido fazer um vestidinho preto. No entanto, até mesmo isso tinha acabado em uma roupa sem forma, com uma bainha para fazer.

Suspirei e Jenna exclamou:

— Que droga, Sophie, eu é que devia ser a sofredora aqui. Qual é o problema?

— Essa droga de vestido. — Apontei para o objeto de ofensa. — Nada que faço dá certo.

Jenna moveu os ombros.

— Então não vá à festa.

Olhei para ela. Jenna não ia ao baile, então ela não entendia o quanto eu queria ir. Eu também não entendia, mas provavelmente tinha alguma coisa a ver com Archer vestindo um terno.

Mas eu não queria falar isso para Jenna.

— Não é o baile; é o princípio da coisa. Eu tinha que conseguir fazer esse feitiço. Não é tão difícil.

— Talvez alguém tenha amaldiçoado sua boneca — brincou ela, voltando-se para o mangá.

Coloquei a mão no bolso e apertei o objeto que parecia estar fazendo um buraco na minha pele.

Quando Alice sugeriu que fizéssemos um feitiço no vestido da Elodie, a primeira coisa que respondi foi que não.

— Posso ser jubilada por fazer feitiços em outros alunos — falei.

— Mas não seria você — argumentou Alice. — Seria eu. Você seria apenas a mensageira, digamos.

Aquilo até que fez sentido, e devo admitir que me senti um pouco atordoada quando Alice pegou um ossinho, provavelmente de um pássaro, de dentro de seu bolso. O fato de Alice ter um osso no bolso deveria ter me assustado, mas àquela altura eu já estava acostumada com as estranhezas dela. Assim como aconteceu com o cordão na primeira noite, o osso emitia uma luz fraca na mão de Alice. Ela sorriu e me deu o osso.

— É só colocar isso na barra do vestido dela.

— Preciso falar alguma palavra especial ou fazer alguma coisa?

— Não. O osso vai saber o que fazer.

Lembrei-me dessas palavras enquanto passava os dedos na superfície lisa e pequena do osso. Eu já estava com ele havia uma semana e não o tinha usado. Alice prometeu que o osso só faria com que o vestido de Elodie ficasse com uma cor horrorosa quando ela o colocasse. Isso não era tanta maldade assim. Mas eu ainda estava preocupada. Todos os feitiços que eu já havia tentado fazer com outras pessoas tinham dado errado, e mesmo que eu não gostasse da Elodie, não queria machucá-la acidentalmente. Daí o osso ainda estar no meu bolso.

No entanto, se eu não ia usá-lo, por que ele ainda estava comigo?

Dei outro suspiro, saí da cama e fui até a boneca. Mesmo que ela não tivesse uma cabeça, sua postura parecia estar me zoando.

— E aí, otária? — Era o que eu imaginava ela falando. — Prefiro usar uma capa de travesseiro do que uma de suas criações horrorosas.

— Cale a boca — murmurei. Coloquei as mãos sobre ela mais uma vez e me concentrei o máximo possível. — Azul, bonito, por favor... — murmurei.

O pano se contorceu e logo se tornou em um terno de lantejoulas azul-claras que parecia mais um uniforme de banda militar.

— Droga, droga, droga! — exclamei, dando um soco na boneca.

Ela rodopiou em cima da base. Jenna olhou para a roupa.

— Ah, ficou atraente.

— Isso não ajuda — grunhi.

Deus, o que havia de errado comigo? Eu já fiz feitiços muito mais difíceis do que aquele, e eles nunca, nunca saíram tão mal quanto esse.

— Estou falando — disse Jenna —, sua boneca está amaldiçoada. Ninguém mais está tendo tanta dificuldade.

— Eu sei — admiti, encostando a cabeça na boneca. — Até Sarah Williams, que é, tipo, a pior bruxa de todos os tempos, fez um vestido vermelho lindo. Não é tão chique quanto o de Elodie, mas...

Parei de falar e senti o estômago afundar.

Não fazia sentido que eu estivesse tendo tanto dificuldade para fazer aquele feitiço. Talvez Jenna tivesse razão: talvez minha boneca estivesse amaldiçoada.

Apertei a capa do travesseiro de novo, mas dessa vez não pensei em nenhum vestido. Eu apenas disse:

— Mostre a verdade.

Por um momento, nada aconteceu, e eu não sabia se deveria me sentir aliviada ou desapontada.

Aí, bem devagar, duas marcas de mãos reluzentes em um tom avermelhado, como vinho diluído, apareceram na frente da capa.

Senti um alívio, que foi logo devorado por uma onda quente de raiva.

— Como você fez isso? — perguntou Jenna atrás de mim.

Ela estava de joelhos, olhando as impressões das mãos.

— É um feitiço de revelação — disse eu, dentes apertados. — Mostra se um objeto foi alterado por magias.

— Bem, pelo menos você sabe que não é uma bruxa tão ruim.

Fiz que sim com a cabeça, mas na verdade estava me sacudindo de fúria. Lá estava eu o tempo todo achando que era uma inútil, quando a culpa era de Elodie. Só podia ser ela. Quem mais teria interesse em me impedir de ir ao baile? Deus, a coisa toda era surreal demais para mim.

E o que mais me incomodava era que eu não tinha usado meu feitiço contra ela. Eu me senti *mal* em usá-lo.

Não mais.

— Onde está Elodie agora? — perguntei a Jenna.

Os olhos dela estavam enormes, então acho que minha expressão deve ter sido bem assustadora.

— Hum, ouvi Anna dizer que elas iam à praia com um bando de gente.

— Perfeito.

Fui até a porta, ignorando o chamado de Jenna.

— O que você vai fazer?

Segui direto para o quarto de Elodie. Não havia ninguém no corredor, ninguém me viu entrar no quarto.

Meu coração estava pulando de medo e de raiva. Fui até a janela onde estavam as bonecas de Anna e Elodie. O vestido de Anna era preto com costura lilás e um babado curto na parte de trás. Ela ficaria linda nele, mas não era nada comparado ao vestido de Elodie.

Hesitei por alguns instantes.Depois me lembrei de Elodie rindo de mim na aula, enquanto me esforçava tanto para fazer uma porcaria de um vestido, e minha raiva voltou.

Ajoelhei-me e passei o dedo pela bainha de camadas finas da saia até achar uma pequena brecha na costura. Coloquei o osso lá dentro e dei um tapinha nele. Ele brilhou dentro do vestido, uma luz vermelha fraca que iluminava as camadas rosas. Prendi a respiração até que a luz se apagou, aí saí correndo para a porta.

O corredor estava vazio, então consegui voltar para o quarto sem ser vista.

Jenna ainda estava sentada na cama quando entrei.

— O que você fez?

Fui até minha cama e peguei o punhado de terra que havia colocado embaixo dela.

— Digamos que revidar é justo.

Jenna abriu a boca e logo fechou-a novamente ao me ver colocando terra nas mãos. Ela provavelmente achou que eu estava totalmente louca quando fui até a boneca com as mãos sujas. Toquei a cintura da boneca e fechei os olhos.

Desta vez, nem pensei em nada específico.

— Vestido — foi tudo o que disse.

Como sempre, senti o tecido mover-se sob as minhas mãos, mas foi diferente dessa vez. Senti as mãos quentes, como se uma corrente elétrica estivesse passando por mim.

Ouvi Jenna soltar uma exclamação de espanto, e fiz o mesmo quando me afastei.

O vestido não era bonito: ele era maravilhoso.

O tecido era de seda azul real, e luzes verdes pareciam dançar dentro do pano. A parte de cima parecia um espartilho sem alças e reto na frente. Quando virei a boneca, vi que o espartilho era amarrado com uma fita verde clara nas costas.

A saia partia da cintura bem-delineada e — o que era mais impressionante — havia um arranjo de penas de pavão na parte da frente, começando logo abaixo do espartilho e se estendendo até a ponta do vestido, como um triângulo.

— Nossa — disse Jenna. — Isso *é* um vestido. Sophie, você vai ficar linda.

Ela estava certa, pensei, sentindo-me meio tonta. Eu ia ficar linda mesmo.

— O que foi aquilo que você colocou no vestido?

Eu não estava pronta para contar sobre Alice para Jenna, e senti que ela não ia gostar muito de ouvir sobre *terra de uma cova*, então apenas dei de ombros.

— Pó mágico.

Jenna pareceu não acreditar, mas antes que ela pudesse perguntar qualquer coisa abri um sorriso bem grande e disse:

— Deixa eu fazer um para você?

Ela deu uma risada.

— Você realmente quer fazer um vestido para mim?

Fiz que sim com a cabeça.

— Por que não? Vai ser divertido, e você pode vir comigo ao baile.

— Eu acho que não, Soph — protestou ela, desanimada.

Eu já estava pegando uma das suas camisolas de dentro da cômoda. Coloquei minhas mãos ainda sujas sobre a camisola e apenas pensei: *Jenna*.

Todos os protestos dela acabaram quando viu o vestido: rosa bem vivo, com alças finas e um cinto brilhante na cintura que parecia ser feito de diamantes. O vestido era perfeito para ela. Jenna logo pegou a roupa e começou a girar.

— Não sei o que esse seu "pó mágico" realmente é, e não estou nem aí — disse ela gargalhando. — Esse é o vestido mais lindo que já vi!

Passamos o resto da tarde transformando nossos sapatos até que cada uma tivesse o par perfeito. Quando a noite chegou, estávamos vestidas, e, com toda sinceridade, ficamos bem gatas. Jenna tinha prendido o cabelo loiro, quase branco, no alto da cabeça com a mecha rosa caindo sobre um dos olhos. Meu cabelo finalmente se comportou e deixei que Jenna o arrumasse em um coque baixo, na base do pescoço, com alguns fios caídos ao redor do rosto.

Descemos as escadas de braços dados, rindo. Havia um monte de pessoas no corredor que levava ao salão. Virei o pescoço procurando por Archer e Elodie, ansiosa por descobrir que cor horrorosa o vestido dela tinha assumido, mas não os vi.

Fiquei bastante impressionada com meu vestido e o de Jenna no quarto, mas agora vi que não éramos as mais espetaculares da festa. Uma fada alta e loira esbarrou em nós. O vestido dela era uma nuvem de brilhos verde-claros que faziam barulhos delicados, como sininhos. Vi também uma metamorfo usando um vestido longo que parecia ser feito todo de pele branca.

Os meninos estavam mais simples. A maioria deles usava ternos, apesar de que alguns deles foram bem ousados e estavam vestindo casacos longos e bombachas.

Estávamos quase entrando no salão quando senti uma coisa morna nas minhas costas. Achei que fosse apenas alguma pessoa aleatória encostando em mim, até que uma voz sussurrou no meu ouvido, suave e baixa:

— Eu sabia que era você.

CAPÍTULO 25



Tentei me virar para trás, mas isso é meio difícil quando você está imprensada no meio de um bando de pessoas e usando um vestido comprido. Acabei dando uma cotovelada em Jenna, fazendo-a soltar um gemido, antes que conseguisse me virar e dar de cara com Archer.

Arregalamos os olhos e soltamos um "Nossa".

Fiquei imediatamente com vergonha. Ai, meu Deus, eu tinha mesmo acabado de olhar para Archer e dizer "Nossa"?

Só que... peraí. Archer também não tinha acabado de olhar para *mim* e dizer "Nossa"?

Simplesmente ficamos olhando um para o outro. Ele mais do que merecia um "Nossa". Eis um menino que conseguia fazer com que um uniforme de escola ficasse bonito: o que ele fez com aquele traje de gala foi quase criminoso. Ele mentiu quanto à gravata rosa. Ele nem estava usando uma gravata-borboleta, só uma gravata normal, preta como o resto da roupa.

Mas, a melhor parte não era como ele estava, e sim como ele estava olhando para mim.

— Esse vestido — disse ele passando os olhos pelo meu corpo — é... uma coisa.

Lutei contra a vontade de puxar ele pelo pescoço, e apenas sorri.

— Obrigada. Eu, hum, só dei uma melhorada nele.

Ele concordou, ainda com uma expressão surpresa. Foi difícil conter um sorriso bobo no rosto.

Aí me lembrei do que ele tinha dito.

— Como assim você sabia que era eu?

Ele balançou a cabeça de leve, como se quisesse limpar a mente.

— Ah, sim. Elodie.

Meu coração pareceu pular dentro do peito, e senti o meu rosto ficando pálido.

— Vi você de costas e disse que era você. Elodie disse que não era possível que fosse você.

— Ah.

Olhei para trás de Archer e vi Elodie vindo em nossa direção. Ela olhou para mim, e fiquei surpresa ao ver que seu vestido ainda estava perfeito.

O osso vai saber o que fazer... tá bom. Até que me senti aliviada, minha raiva tinha passado depois que consegui fazer um vestido lindo. Achei que era uma vingança melhor do que avacalhar o vestido dela.

— Como você conseguiu fazer isso? — perguntou Elodie.

Ela tentou manter um tom doce, mas seus olhos eram frios e cheios de raiva. Eu apenas sorri e dei de ombros.

— Foi a coisa mais estranha. Parece que recebi uma boneca amaldiçoada.

Os olhos dela se arregalaram um pouco e ela desviou o olhar de mim.

— Que estranho — murmurou ela.

— É, foi mesmo. Felizmente consegui anular a maldição e aí... tcharan!

Segurei a saia com um sorriso enorme no rosto e recebi uma olhada franzida como prêmio.

— Você não acha que é meio... exagerado? — perguntou ela.

Antes que eu pudesse dar um fora nela, Archer se intrometeu na conversa.

— Ah, pode parar, El. Ela está linda e você sabe disso.

Pronto: o sorriso bobo não pôde mais ser contido. Archer sorriu e deu uma piscada para mim enquanto ele e Elodie iam em direção ao salão.

Eu me virei para Jenna, que riu e revirou os olhos.

— Ai, menina, o negócio está *sério*.

Ela ainda estava dando risinhos e eu ainda sorria como uma lunática quando entramos no salão. Nem sei o que eu estava esperando, mas a decoração arrasou. Não havia fitas de papel crepom e balões. Em vez disso, o salão brilhava com luzes suaves, menores e mais discretas do que a órbita que Alice sempre fazia para nós. Cada luz ficava em cima de flores roxas que pairavam no ar movendo-se como se uma leve brisa estivesse passando por elas. Os candelabros não foram acesos, mas seus cristais haviam sido tingidos de violeta para a ocasião, e as luzes suaves faziam com que os candelabros brilhassem como ametistas. Os espelhos estavam descobertos. Achei que isso fosse chatear Jenna, mas quando olhamos nosso reflexo, ela apontou e disse:

— Olhe só. Na Terra dos Espelhos, você ainda é a Princesa Solitária.

Nós duas rimos.

O chão não era mais de tábuas claras, e sim de um piso brilhoso e negro. Sacudi a cabeça, surpresa.

— Cara... nossa.

— É — disse Jenna. Ela pegou a minha mão e a apertou. — Ainda bem que você me fez vir.

Ficamos observando o salão, vendo as pessoas dançarem. Eu me lembrei da formatura que tinha ido com o Ryan, na qual as pessoas dançavam como se estivessem fazendo um teste para um clipe de rap. Essa festa não poderia ser mais diferente. Bruxas e metamorfos estavam dançando valsa, o que me assustou um pouco. Ninguém nunca me falou que ter aulas de dança de salão era um pré-requisito para entrar no Hecate. As fadas estavam em um canto do salão, dançando passos elaborados como se estivessem na Inglaterra elisabetana.

Vi Archer e Elodie dançando, e cheguei a ficar sem ar de tão lindos que estavam: Archer, alto e todo de preto, e Elodie com o cabelo brilhando e o vestido flutuando em volta dela. Quando olhei para o rosto deles, porém, percebi que estavam discutindo. Archer estava com o rosto franzido e o olhar perdido, e Elodie parecia estar falando mil palavras por segundo.

De repente, Elodie tirou as mãos de Archer e colocou-as na cintura.

Um sentimento de medo me tomou quando vi Archer tirar Elodie da pista de dança. Ela estava tentando sorrir, mas era muito forçado. Eu a vi se separar dele e dizer "Estou bem". Ela parou e tocou a cintura do vestido de novo. Vi Anna abrir caminho no meio da multidão e a Sra. Casnoff indo atrás. Elodie estava quase se contorcendo.

— O que será que houve? — disse Jenna.

— Talvez algo na costura esteja espetando ela.

— É. Pode ser.

Olhei para o lado e vi que Jenna estava me olhando com uma expressão estranha.

— O que foi?

— O que você fez no vestido da Elodie essa tarde?

— Nada! — insisti. Só que não sei mentir e sabia que a verdade estava estampada no meu rosto.

Jenna balançou a cabeça e voltou a olhar para Elodie, que estava sendo levada do salão por Anna e pela Sra. Casnoff. Archer as seguiu, mas Elodie se virou e disse alguma coisa para ele. Não dava para ouvir, óbvio, mas a expressão dela deixava claro que ela estava irada. Não sei o que ela disse, mas Archer se afastou e levantou uma das mãos. Elodie se virou para a Sra. Casnoff e as duas saíram do salão, deixando Anna e Archer para trás.

Archer voltou vinte minutos depois, afobado e com uma cara de raiva.

Senti o olhar de Jenna sobre mim quando cruzei o salão e fui falar com ele.

— O que foi aquilo? — perguntei a ele.

Ele ainda estava olhando para a porta por onde Elodie tinha saído.

— Não sei. Ela estava bem, mas aí começou a dizer que o vestido estava muito apertado, como se estivesse encolhendo ou alguma coisa assim. Ela falou que ele ficou diminuindo e ela estava tendo dificuldade para respirar. A Sra. Casnoff acha que o vestido foi amaldiçoado.

Fiquei feliz que ele não estava olhando para mim e não me viu ficar nervosa.

O osso vai saber o que fazer.

Será que Alice sabia que isso aconteceria, ou eu fiz alguma coisa para dar tudo errado? Talvez eu devesse ter usado o osso logo, talvez a magia tenha, sei lá, se transformado na semana em que fiquei guardando ele.

Ou ela sabia que isso ia acontecer, eu continuava pensando. Ela não queria que o vestido apenas mudasse de cor, ela queria machucar Elodie.

Por que Alice tentaria machucar ela? Sei que ela não gosta da Elodie, mas esse feitiço era meio exagerado. Não, devo ter feito alguma coisa errada, como aconteceu com o feitiço de Kevin.

— Ei — disse Archer.

— É — respondi sem muita convicção. Aí sorri e tentei soar um pouco mais animada. — Está tudo bem. É que... sei lá, que estranho isso com a Elodie.

— É — concordou ele, olhando para a porta novamente.

— Ela está chateada com você? — arrisquei.

Ele passou a mãos nos cabelos, suspirou e disse:

— Acho que sim. Ela disse que eu deveria estar feliz porque agora posso ficar junto de quem eu quero na festa.

Ele olhou para mim.

— Acho que ela estava se referindo a você.

Tinham várias pessoas à nossa volta, mas de repente senti como se estivéssemos totalmente sós. E, naquele momento, juro que senti algo entre nós. Alguma fagulha se acendeu, uma energia que nunca tinha estado ali, pelo menos não do lado dele.

Ele olhou para a porta de novo e depois sorriu para mim.

— Bem, seria uma pena não exibir esse vestido. Quer dançar?

— Claro — respondi com o tom mais casual possível, mesmo que meu coração estivesse batendo tão forte que achei que ele pudesse vê-lo. Grande parte do meu colo estava à mostra, afinal de contas.

Ele me puxou para a pista de dança com uma das mãos esquentando minha cintura e a outra segurando minha mão na altura de seu ombro. Eu estava morrendo de medo de tropeçar no vestido ou pisar no pé dele, mas, graças a Archer, nós deslizamos pelo salão.

— Você sabe dançar? — perguntei.

Ele olhou para baixo e sorriu para mim.

— Alguns anos atrás, Casnoff decidiu dar aulas de dança de salão. A presença era obrigatória.

— Eu deveria ter estado nessa aula.

— Não, você está indo bem. É só se segurar em mim.

Eu nunca tinha recebido instruções tão boas. Não havia nenhuma banda ou caixas de som visíveis, apenas uma música que parecia flutuar pelo ar vinda de todos os cantos. Meus dedos estavam sobre o ombro de Archer e rodamos pela pista. Dançamos perto do lugar onde eu havia deixado Jenna, mas não a vi. Talvez ela tivesse voltado para o quarto. Senti-me um pouco culpada. Mas aí Archer apertou minha cintura e me esqueci completamente de Jenna.

Olhei para cima e vi que ele estava me analisando com um olhar que eu nunca tinha visto antes. Bem, um olhar que ele nunca tinha direcionado para mim.

— Ela tinha razão — ele murmurou.

— Sobre o quê? — disse eu.

Minha voz nem parecia ser minha de tão baixa e ofegante.

— Eu queria mesmo ficar junto de você na festa.

Senti como se milhares de luzinhas tivessem se acendido dentro de mim. O sorriso que começou a se abrir no meu rosto era tão grande que machucava e pela primeira vez não me importei se ele estava vendo.

Eu soube que não tinha mais uma queda pelo Archer.

Eu estava totalmente apaixonada.

Ele abaixou o rosto e meu coração parou de bater.

— Sophie...

Antes que ele pudesse terminar a frase, um grito soou no ar.

A música parou abruptamente. Quase todo mundo se virou para ver Elodie entrar correndo no salão. Ela estava usando um roupão verde de seda e a expressão em seu rosto era de terror.

— É Anna! — disse ela, berrando. — Aconteceu de novo! Eu... ai, meu Deus, eu acho que ela está morta.

CAPÍTULO 26



Anna não estava morta, graças a Deus. Eles a encontraram caída no chão em frente ao quarto dela, só isso. Elodie disse que Anna foi pegar um pouco de chá na cozinha, mas estava demorando. Elodie ficou preocupada e foi procurar por ela.

Foi quando a encontrou caída no chão, no corredor, com uma poça de chá e de sangue no tapete creme. Assim como aconteceu com Holly e com Chaston, ela tinha dois pequenos buracos no pescoço, mas seus pulsos estavam intactos.

Cal chegou a tempo, e quando a Sra. Casnoff correu para ver o que estava acontecendo, Anna já estava sentada com a cabeça encostada no ombro de Cal. Ela também não sabia dizer quem a atacou, como Chaston.

Jenna estava no quarto e parecia não saber o que tinha acontecido com Anna.

Mas ela estava no final do corredor.

Lá pela meia-noite, a Sra. Casnoff veio buscá-la e elas ainda não voltaram.

Fiquei deitada na cama acordada por horas, ainda com meu vestido. Por sorte, Alice e eu decidimos não nos encontrar hoje, então não tive que me preocupar em ver o feitiço do sono aparecer lá fora de repente.

Lá pelas três, finalmente caí no sono, mas passei o resto da noite me mexendo e tendo pesadelos. Vi Jenna com a boca manchada de sangue, e Anna aos seus pés. Vi Archer e Elodie dançando, só que Elodie estava pálida com os lábios azuis e olhar parado enquanto seu vestido a apertava como uma cobra. E — mais estranho ainda —, vi Alice no cemitério segurando a cerca de ferro enquanto três homens vestidos de preto a atacavam com facas de prata.

Acordei quando os primeiros raios de sol bateram no chão.

Eu me senti desorientada. Minha boca estava seca e pegajosa, como se tivesse passado a noite comendo fiapos. Escutei um som oco e baixo de algo tocando. Primeiro achei que era só dentro do meu ouvido. Depois percebi que era o sino no topo da casa, que geralmente nos chamava para as aulas. Por que ele estava tocando tão cedo?

Aí as memórias da noite anterior voltaram à mente. Olhei para a cama de Jenna, que ainda estava vazia.

Forcei-me a sair da cama e coloquei a cabeça para fora da porta. Vi Nausicaa com várias meninas no corredor e a chamei.

— Ei! O que está acontecendo?

— Assembleia — respondeu ela. — É melhor você se vestir.

Fechei a porta e tirei o vestido, ele logo se tornou uma capa de travesseiro novamente assim que caiu no chão. Acho que bati todos os recordes de tempo para me vestir e decidi deixar o cabelo com o penteado da noite anterior. Ele estava bem mais bagunçado agora, e metade dele estava caindo no meu rosto, mas achei que ninguém ia ligar.

Todos nos encontramos no salão de festa, que voltara a ser o cômodo que conhecíamos, com as mesas que não combinavam. Quando me sentei, notei uma luz sozinha flutuando no ar. Ela ficou batendo gentilmente no canto, como se quisesse sair dali.

Todos os professores estavam reunidos na plataforma lá na frente, exceto Byron. A Sra. Casnoff parecia estar cansada e mais velha do que

nunca. Notei, chocada, que seu cabelo não estava naquele coque de sempre, mas preso em um nó descuidado perto da nuca.

Archer e Elodie estavam sentados na frente, à minha esquerda. Elodie estava pálida e ainda chorava. Archer estava com o braço em volta dela, falando alguma coisa em seu ouvido. Aí, como se ele soubesse que eu os estava olhando, ele se virou e olhou para mim. Abaixei o olhar, apertando minha saia.

Depois do que aconteceu com Anna e Jenna, quase me esqueci de Archer. Agora, porém, lembrei do nosso encontro ontem à noite e senti apertar o meu coração.

Ainda bem que a Sra. Casnoff se levantou e ergueu as mãos pedindo silêncio, porque aí eu tinha que olhar para ela e não para Archer.

— Alunos — começou ela —, tenho certeza de que vocês sabem que houve outro ataque ontem à noite. A Srta. Gilroy vai ficar bem, mas considerando que esse é o terceiro ataque em menos de um ano, nós obviamente tivemos que tomar algumas medidas drásticas. Vocês devem ter notado que Lord Byron não está aqui. Nem a Srta. Talbot. Até que o Conselho possa investigar os ataques a fundo, vampiros não são mais bem-vindos no Hecate.

Meu coração se afundou no peito enquanto todos começaram a aplaudir. Pensei em Jenna, em como ela estava feliz ontem à noite em seu vestido rosa, e senti as lágrimas em meus olhos. Para onde eles a tinham levado?

A Sra. Casnoff disse mais algumas coisas: que tínhamos que ter cuidado e observar os arredores, e que não podíamos deixar de ter atenção até que descobríssemos ao certo o que havia acontecido. No entanto, eu mal escutei o que ela falou. Era verdade que Jenna tinha voltado para o quarto quando Anna foi atacada, mas eu já vi Jenna depois dela se alimentar na enfermaria. Ela sempre ficava exausta e quase drogada. Ontem à noite, quando a Sra. Casnoff veio buscá-la, ela estava apenas assustada.

Só percebi que a assembleia terminou quando um dos meninos mutantes pisou no meu pé ao sair da cadeira.

Anestesiada, eu me levantei e ouvi a Sra. Casnoff dizer:

— Sophie, Elodie, por favor esperem.

Virei-me. Elodie estava tão confusa quanto eu.

— As duas podem por favor fazer a gentileza de ir ao meu escritório?

Archer segurou o braço de Elodie antes de sair. Quando ele passou por mim nossos olhos se encontraram; ele sorriu e tentei sorrir de volta. O que quer que tenha acontecido entre Archer e eu foi um acidente e era melhor fingir que nada tinha acontecido, uma vez que ele estava com Elodie. Eu não o culpava. Ela não apenas era linda como tinha perdido todas as amigas agora. Que tipo de babaca terminaria com uma menina um dia depois de sua melhor amiga ter seu sangue sugado até quase morrer?

Não que essa situação acontecesse sempre, eu acho.

Elodie e eu fomos ao escritório da Sra. Casnoff. Nossos ombros se esbarraram nos corredores estreitos.

— Sinto muito — disse eu, mas Elodie me cortou com um olhar glacial.

— Sente pelo quê, por sua melhor amiga quase ter matado outra das minhas amigas ou que você tenha tentado me matar com meu próprio vestido?

Eu estava muito cansada para tentar mentir.

— O feitiço não era para ter machucado você. Era só para mudar a cor do vestido.

Elodie estava calada. Quando olhei para ela, ela estava me observando com um olhar avaliador.

— Aquela magia foi bem poderosa — disse ela. — E por mais que eu não goste de quase ser estrangulada, seria bom aprender aquele feitiço.

— Eu ensino se você me ensinar a maldição que colocou na minha boneca — ofereci.

Antes que ela pudesse responder, a Sra. Casnoff nos recebeu no escritório.

— Venham, senhoritas.

Assim que Elodie e eu nos acomodamos nas pequenas cadeiras, a Sra. Casnoff deu a volta na mesa.

— Tenho certeza de que sabem por que as chamei aqui.

Ela suspirou e se sentou. Se fosse qualquer outra pessoa, eu diria que ela se jogou na cadeira, mas a Sra. Casnoff era muito formal para se jogar em qualquer lugar. Aquilo foi como um colapso gracioso.

— Sei que já passou pela cabeça das senhoras que esses ataques aconteceram exclusivamente com integrantes do seu coven, meninas.

Confusa, eu disse:

— Hum, não sou do coven delas.

Agora foi a Sra. Casnoff que ficou confusa. Ela olhou para Elodie — que estava olhando para qualquer lugar, menos para nós duas.

— Você colocou Sophie em seu coven sem o consentimento dela? — perguntou a Sra. Casnoff.

— O quê? — exclamei. — Dá para fazer isso?

Elodie bufou com tanta força que chegou a balançar sua franja.

— Olhe, não tivemos escolha — disse ela, ainda olhando para o colo.

Era estranho ver Elodie acuada. Normalmente, ela teria revirado os olhos várias vezes e dito alguma coisa bem desprezível. No entanto, ela parecia estar se sentindo bem culpada agora.

— Nós precisávamos dela — disse Elodie à Sra. Casnoff em um tom de súplica. — Ela não queria se juntar a nós voluntariamente, então fizemos o ritual de união sem ela.

A Sra. Casnoff estava olhando para Elodie fixamente.

— E o que você usou no lugar do sangue dela?

— Entrei no quarto dela e peguei um pouco de cabelo na sua escova — murmurou Elodie. — Mas nós nem achamos que tinha funcionado. Quando jogamos o cabelo na fogueira só vimos uma fumaça preta. E não é isso que acontece.

— Meu Deus! — explodi. — Você não pode simplesmente fazer uma coisa *dessas*! Não acredito que me senti culpada por ter colocado aquele osso idiota no seu vestido!

O olhar da Sra. Casnoff se virou para mim.

— Você fez o quê? — perguntou ela em uma voz tão fria que tive certeza de que eu iria congelar.

Elodie percebeu a brecha.

— É isso mesmo! Foi ela que quase me matou ontem à noite colocando um osso enfeitiçado no meu vestido!

— Só fiz isso porque você amaldiçoou meu vestido — retruquei.

— Só fiz isso porque você está tentando roubar meu namorado!

Aparentemente, aquilo foi a gota d'água para a Sra. Casnoff.

— Meninas! — berrou ela, levantando-se e batendo com as mãos na mesa. — A hora de ficar discutindo sobre vestidos e meninos acabou. Duas das suas irmãs foram machucadas severamente, e a outra *morreu*.

— Mas... a senhora já deu um jeito — disse Elodie com uma voz suave. — A senhora expulsou os vampiros.

A Sra. Casnoff sentou-se na cadeira e passou as mãos sobre os olhos.

— Não temos certeza de que Jenna ou Byron são os responsáveis. Ambos declaram-se inocentes, e ontem à noite nenhum dos dois mostrou sinais de terem se alimentado.

Pensei na foto do livro sobre o L'Occhio di Dio, a foto em que uma bruxa estava sem sangue, e pensei na Alice dizendo que o Olho me via, até mesmo aqui.

— Sra. Casnoff — arrisquei —, a senhora acha... a senhora acha possível que o L'Occhio di Dio tenha entrado na escola?

— Por que você está levantando essa possibilidade? — perguntou Elodie.

A Sra. Casnoff, porém, levantou a mão.

— É só porque vi uma foto de uma bruxa que eles mataram, e ela tinha buracos no pescoço e quase nenhum sangue no corpo, como Holly, Chaston e Anna. Quero dizer, talvez seja possível...

A Sra. Casnoff interrompeu.

— Também já vi essa foto, Sophie, mas não há como o L'Occhio ter se infiltrado no Hecate. Simplesmente porque temos muitos feitiços de proteção. E mesmo que passassem por eles, o que fariam? Eles se esconderiam nessa ilha minúscula até que pudessem entrar na escola? — Ela balançou a cabeça. — Não faz sentido.

— A não ser que eles já estivessem na escola — sugeri.

A Sra. Casnoff levantou uma das sobrancelhas.

— Como? Como um professor? Um aluno? Impossível.

— Mas...

A voz da Sra. Casnoff foi gentil e seus olhos estavam tristes quando ela disse:

— Sophia, sei que você não quer acreditar que Jenna possa ser responsável por isso. Nenhum de nós quer. Mas acho que, nesse momento, é a explicação mais plausível. Jenna está sendo levada para o Conselho e terá a chance de se defender. Mas você tem que aceitar a possibilidade de ela ser a culpada.

Meu peito ficou apertado ao imaginar Jenna, com medo e sozinha, indo para Londres, onde ela provavelmente seria assassinada com uma estaca no coração. Talvez pelo meu pai.

A Sra. Casnoff esticou a mão até o outro lado da mesa e tocou a minha mão.

— Sinto muito. — Ela olhou para Elodie. — Sinto muito por vocês duas. Mas talvez isso faça com que vocês coloquem suas diferenças de lado por enquanto. Afinal, vocês são as únicas do coven que sobraram aqui. — Ela olhou para mim novamente e deu um sorriso sarcástico. — Quer você queira ou não. Vou liberar vocês das aulas de hoje e até que alguma resposta chegue do Conselho, quero que cuidem uma da outra. Entendido?

Nós duas murmuramos que sim e nos arrastamos para fora do escritório da Sra. Casnoff.

Passei o resto do dia no quarto. Sem Jenna, ele ficou grande e solitário. Ficar lá foi a melhor maneira de não chorar toda vez que eu olhava para o leão de pelúcia dela — que apelidamos carinhosamente de Bram — e seus livros. Eles não a deixaram levar nada.

Fiquei na cama durante o jantar. Um pouco depois do cair da noite, ouvi uma batida leve na minha porta e a voz de Archer me chamando.

— Sophie? Você tá aí?

Não respondi e, depois de um tempo, eu o ouvi indo embora.

Fiquei acordada até a meia-noite, quando a luz verde do feitiço de Alice apareceu na janela. Eu estava ansiosa para sair daquela casa e voar, eu queria contar para Alice tudo o que aconteceu.

Nem me preocupei em não fazer barulho nas escadas e na saída. Eu tinha acabado de tocar na maçaneta quando ouvi uma voz dizer:

— Peguei!

Com o coração na boca, eu me virei e vi Elodie no pé da escada, com os braços cruzados e um sorrisinho no rosto.

CAPÍTULO 27



— Eu sabia — disse ela em um tom mais alto. — Sabia que você estava aprontando alguma coisa. Quando a Sra. Casnoff descobrir que você tem colocado um feitiço na escola toda, você vai se juntar à sua amiguinha em Londres.

Eu ainda estava congelada ao lado da porta com a maçaneta girada pela metade. De todas as pessoas que poderiam me flagrar, por que tinha que ser a que mais me odiava? Fiquei parada pensando em alguma coisa que a impedisse de correr para a Sra. Casnoff naquele instante.

Aí me lembrei da expressão no rosto dela quando me perguntou sobre o feitiço do osso, e uma ideia me ocorreu. Só torci para que Alice entrasse na dança.

— OK, você me pegou.

Tentei sorrir, mas devo ter ficado com uma cara de retardada, pois Elodie subiu um degrau quando me aproximei dela.

— Minha magia estava indo tão mal, não que você tenha ajudado, que eu tenho tido, hum, aulas particulares com um dos fantasmas daqui.

Elodie olhou para cima.

— Ah, por favor — disse ela. — Um tutor de magia? Que por acaso é um fantasma? Você deve achar que o meu cérebro não funciona. — Ela

cerrou os olhos. — Quem você está encontrando lá fora? Um cara? Porque se for Archer...

— Não há nada entre Archer e eu — interrompi.

Tecnicamente, isso era verdade. Quero dizer, eu tinha certeza de que estava apaixonada por ele, e acho que ele ia me beijar no baile se Elodie não tivesse entrado no salão correndo. Mas eu não estava me encontrando com ele secretamente, por mais que eu quisesse que isso fosse verdade.

Sorri para Elodie e estendi a mão.

— Quer aprender magias incríveis? Venha comigo.

Como eu havia planejado, a ideia de aprender novas magias era muito sedutora para que Elodie recusasse.

— Tudo bem — disse ela. — Mas se isso for alguma pegadinha e eu acabar morrendo, vou assombrar você.

Alice devia saber que Elodie estava vindo porque havia duas vassouras lá fora. Os olhos de Elodie se arregalaram, como uma criança na noite de Natal.

— Você voa de vassoura?

Apenas sorri e subi na vassoura.

— Venha, seja tradicional pelo menos uma vez na vida — disse eu, repetindo as palavras de Alice.

Voamos pela noite e o ar limpo e frio queimava nossos pulmões. Lá em cima, as estrelas brilhavam no céu escuro. Dava para ouvir Elodie gargalhando ao meu lado. Olhei para ela e nossos olhares se encontraram no primeiro sorriso que compartilhamos desde que nos conhecemos.

Depois de aterrissarmos no cemitério, apresentei Elodie à Alice, sem mencionar que Alice era a minha bisavó, e dizendo apenas que Elodie era "do meu coven".

Alice me deu uma olhada de lado, mas não falou nada.

— Então, que tipo de mágica vocês duas fazem aqui na Terra do Terror? — perguntou Elodie.

— Inúmeras — respondeu Alice.

Sob a luz do luar, sua pele parecia ser de porcelana e suas bochechas estavam rosadas. Até os olhos dela pareciam brilhar mais. Perguntei-me se

ela tinha algum feitiço de beleza — caso sim, eu esperava aprender em breve.

— Sophie aprendeu a convocar objetos — continuou Alice — e tem se dedicado a um feitiço para se transportar.

Elodie se virou para mim, surpresa.

— Você consegue fazer com que coisas apareçam do nada?

— Consigo — disse eu, como se não fosse nada demais.

Eu ainda não conseguia convocar objetos maiores do que uma lâmpada, o que me fez ficar meio nervosa. Concentrei-me em alguma coisa pequena que não fosse me deixar cansada e movi a mão. Um broche de esmeralda apareceu no ar na frente de Elodie. O queixo dela caiu e sorri para Alice.

Elodie esticou o braço, pegou o broche e virou-o dentro da mão.

— Me ensine.

Ela aprendia rápido e em uma hora já tinha feito uma caneta e uma pequena borboleta amarela aparecerem. Fiquei com um pouco de inveja; eu nunca tinha convocado uma coisa com vida antes. Pelo menos Alice não parecia tão impressionada com Elodie, e não a elogiou tanto quanto me elogiava.

Enquanto elas faziam isso, fiquei treinando meu feitiço de transporte, uma magia que eu ainda não dominava. Alice disse que as melhores bruxas conseguiam cruzar oceanos com aquele feitiço, mas eu não me movia nem um centímetro para o lado.

Finalmente, Elodie e eu estávamos ambas exaustas e bem embriagadas por causa da magia, então nos sentamos na grama, encostadas na cerca do cemitério. Alice se recostou em uma árvore e ficou olhando para o espaço.

— Espero que não tenha problema em eu estar aqui — disse Elodie para ela.

— Por que você veio com Sophia hoje? — perguntou Alice.

Ela não pareceu estar com raiva, apenas curiosa, então decidi responder:

— Ela me pegou saindo, então eu a convidei para vir comigo. Achei que ela fosse gostar de aprender algumas magias também.

— A Sra. Casnoff me mandou cuidar de você — disse Elodie para mim.

Ela estava sorrindo. Não sei se era por causa da mágica ou porque ela estava genuinamente feliz de estar aqui.

— Por quê? — perguntou Alice.

Elodie e eu ficamos mais sérias. Contei à Alice brevemente o que aconteceu com Anna, e como Jenna e Byron haviam sido afastados.

— Eles têm certeza de que foi um vampiro?

— Não, mas eles não sabem quem mais pode ter sido — disse Elodie.

— O Olho — disse Alice.

Senti Elodie ficar meio desconfortável.

— Perguntei sobre isso — disse eu. — Mas a Sra. Casnoff disse que não tem como eles nos afetarem. A casa tem muitos feitiços de proteção.

Alice deu uma gargalhada alta que me deu arrepios.

— Sim, foi isso que me disseram também. Não me custou nada colocar um feitiço de sono na casa, mesmo com a defesa deles. Você realmente acha que o Olho não poderia fazer o mesmo?

— Mas eles não usam magias — argumentei, um pouco insegura.

Elodie se aproximou de mim.

— Não? — perguntou Alice.

Ela andou em nossa direção e se agachou na minha frente. Vi seus longos dedos brancos irem até os botões do casaco verde. Depois de tirar o casaco, ela desabotoou o vestido.

Fiquei sentada, congelada de horror, enquanto ela tirava o braço do lado esquerdo do vestido e abaixava a alça da blusinha que estava por baixo dele.

Ali, bem onde o coração teria estado, havia um buraco.

— Foi isso que o Olho fez comigo, Sophia. Eles me acharam e me perseguiram até que eu não pudesse mais correr, então tiraram o meu coração. Aqui. No Hecate.

Tudo o que pude fazer foi olhar para o buraco e balançar a cabeça. Senti Elodie tremendo ao meu lado.

— Sim, Sophia — disse Alice com uma voz doce.

Olhei para ela e vi que ela me observava com pena, como se não quisesse ter que me contar aquilo tudo.

— Foi o presidente do Conselho que os enviou para me pegar, que me fez sentir a salvo aqui e aí me ofereceu a eles como um cordeiro em sacrifício.

— Mas por quê? — perguntei.

Minha voz era pior do que um sussurro sufocado.

— Porque eles tinham medo do meu poder. Porque meu poder era maior do que o deles.

Minha mente estava abarrotada e achei que fosse vomitar. De alguma forma todos os horrores que nos mostraram na primeira noite no Hecate não eram nada comparados àquela ferida, àquela história.

— Seu pai achou que você estaria a salvo aqui porque não conhecia a verdadeira história da minha morte. Mas, Sophia, você tem que acreditar em mim. Você corre muito perigo aqui. — Ela olhou para Elodie. — Vocês duas. Alguém está atrás das bruxas mais poderosas, e vocês duas são as únicas que sobraram.

Agora era Elodie quem balançava a cabeça.

— Não, não, não tem como. Foi Jenna. Foi um vampiro. Tem... tem que ser.

O rosto de Alice ficou estático, como se uma máscara tivesse caído, e seus olhos pareciam ver através de nós.

— Pode ser. Pelo bem de vocês duas, espero que tenha sido.

Ela esticou as mãos e pegou uma das minhas mãos e uma das de Elodie.

— Mas caso não tenha sido...

De repente, minha mão ficou quente. Muito quente, então me encolhi e tentei soltar a minha mão da dela. Vi que Elodie tentava fazer o mesmo, mas Alice nos segurou até que quase começamos a chorar. Finalmente, a quentura passou e ela nos deixou sair. Olhei a minha mão achando que ela ia estar pelo menos vermelha, senão com bolhas, mas ela parecia normal.

— O que foi isso? — perguntou Elodie com uma voz estremecida.

— Um feitiço de proteção. Ele vai ajudá-las a conhecer os seus inimigos, caso eles apareçam.

Elodie e eu ficamos quietas enquanto voávamos de volta à escola. Dessa vez não houve risos de alegria nem sensação de liberdade.

Quando aterrissamos, Alice tirou o colar que estava usando, igual ao que ela havia me dado e entregou a Elodie, mas ela não o colocou no pescoço imediatamente. Ela apenas o observou com o rosto franzido e depois fechou a mão em volta dele.

— Obrigada pela lição — disse ela a Alice. Aí ela olhou para mim com uma expressão ainda confusa e disse: — Vejo você amanhã, Sophie.

— Você realmente acha que O Olho está aqui no Hecate? — perguntei à Alice assim que Elodie se foi.

Alice olhou para a escola. A mansão imensa imersa na penumbra parecia um monstro de muitos olhos adormecido no escuro.

— Alguma coisa está aqui — disse ela finalmente. — Mas não sei o quê. Ainda.

Olhei para a casa e sabia que Alice tinha razão. Uma sombra havia caído sobre a escola e parecia estar chegando mais e mais perto de mim. No céu, nuvens se moviam como cobras em torno da lua crescente, e a noite ficou ainda mais escura. Fiquei com medo de andar sozinha nos corredores escuros e dormir em um quarto vazio.

— Você... — comecei a perguntar à Alice.

No entanto, ela já tinha ido embora quando eu me virei, deixando-me tremendo e sozinha na noite.

CAPÍTULO 28



Achei que Elodie não fosse mais querer ver Alice depois daquele "olhe o buraco que tenho no peito", mas ela me surpreendeu nas escadas na noite seguinte.

— Então, quando foi que você conheceu Alice? — perguntou ela, enquanto descíamos.

— No meio de outubro... — respondi.

Elodie concordou, como se ela já estivesse esperando aquela resposta.

— Depois de Chaston, então.

— É — disse eu. — O que isso tem a ver?

Ela não respondeu.

Elodie veio comigo nas duas semanas depois disso. Alice parecia não se importar com a presença dela, e fiquei até chocada quando percebi que não a detestava tanto assim. Na verdade, comecei a suspeitar que talvez gostasse de Elodie.

Não que a personalidade dela tenha mudado nem nada, mas ela com certeza estava virando uma Elodie mais meiga e gentil. Talvez ela só estivesse me usando para ter acesso a Alice. Tipo, depois de umas duas noites de treino, Elodie já conseguia fazer com que um pequeno sofá aparecesse do nada, e ela já tinha passado para o feitiço de transporte. Não que ela ou eu conseguíssemos muita coisa com ele ainda.

No entanto, acho que não era só por causa da magia; acho que ela estava se sentindo só. Anna e Chaston tinham ido embora e eu nunca tinha pensado no fato de que elas eram as únicas pessoas com quem Elodie falava, além de Archer. E até mesmo eles dois pareciam estar passando menos tempo juntos. Elodie disse que estava muito ocupada com "outras coisas" para se dedicar ao namorado, e Archer dizia que estava dando espaço para ela.

Archer e eu estávamos meio estranhos também. Depois do baile, alguma coisa mudou entre nós, e a camaradagem sem compromisso que criamos durante os plantões no porão evaporou. Agora, geralmente passávamos a hora toda realmente catalogando em vez de brincando e fazendo piadas. De vez em quando ele não percebia que eu estava olhando, mas eu via que ele estava com a cabeça em outro mundo. Não sabia se ele estava pensando na Elodie ou se, como eu, estava meio decepcionado com a distância desconfortável que surgiu entre nós.

Novembro foi cinza e chuvoso no Hecate, o que pareceu combinar com meu humor. Mesmo que eu estivesse feliz por Elodie e eu estarmos meio que nos tornando amigas, ela não era Jenna, e eu sentia falta de uma amiga de verdade. Mais ou menos uma semana depois de Anna ser atacada, a Sra. Casnoff anunciou durante o jantar que o Conselho havia declarado que Byron não era mais suspeito. Parece que ele tinha um álibi confiável; ele estava falando telepaticamente com alguém do Conselho na hora do ataque. No entanto, não importava quantas vezes eu perguntasse à Sra. Casnoff sobre Jenna, ela nunca me dava uma resposta sobre o que estava acontecendo, e eu passava a maior parte do tempo preocupada com ela.

Mamãe — como toda mãe — sentia que alguma coisa estava errada sempre que eu ligava para ela, mas eu falava que estava muito atarefada com as aulas. Não contei nada sobre Chaston ou sobre Anna e Jenna; ela teria ficado desesperada, e eu sabia que ela já se preocupava comigo o suficiente.

Eu detestava ficar sozinha no quarto à noite, então comecei a passar minhas noites livres na biblioteca, lendo sobre o Prodígio, na esperança de encontrar alguma coisa que pudesse livrar Jenna. Até agora, pelo que sei,

as únicas criaturas que podiam sugar o sangue das vítimas eram vampiros, demônios e — se aquele livro fosse confiável — o L'Occhio di Dio. Visto que a Sra. Casnoff já tinha afastado a teoria do L'Occhio di Dio, procurei livros sobre demônios, só que todos eram escritos em latim. Tentei colocar a mão sobre as páginas e dizer "Fale", mas os livros pareciam ser protegidos contra feitiços. As únicas partes que consegui entender relatavam fatos dos quais eu já sabia, tipo como demônios tinham que ser mortos com vidro do demônio. Torci sinceramente para que não tivesse um demônio no Hecate, porque nem sei para onde eu teria que correr para conseguir uma arma assim.

Em uma noite chuvosa do final de novembro, logo após o jantar e antes de eu ter que ir para o plantão, levei alguns livros para a Sra. Casnoff. Ela estava no escritório escrevendo em uma ata preta e grande. Uma lâmpada dava ao cômodo um brilho quente e havia uma música clássica tocando. Assim como na noite do baile, a música não estava vindo de nenhum aparelho.

Ela levantou a cabeça quando me viu entrando.

— Sim?

Mostrei os livros.

— Tenho umas perguntas.

Ela franziu um pouco o rosto mas fechou a ata e fez um sinal para que eu me sentasse.

— Tem alguma razão para que você esteja pesquisando sobre demônios, Sophia?

— Bem, eu li que eles às vezes bebem o sangue das vítimas, então pensei que, sabe, talvez isso tenha acontecido com Chaston e Anna.

Por um longo momento, a Sra. Casnoff ficou me observando. Percebi que a música tinha parado de tocar.

— Sophie — disse ela, com a voz cansada. Era a primeira vez que ela me chamava assim. — Sei o quanto você quer livrar Jenna.

Eu sabia o que ela ia dizer: a mesma coisa que tinha dito sobre o Olho, mas me antecipei.

— Não consigo ler nenhum desses livros porque eles estão em latim, mas têm figuras neles que mostram demônios disfarçados de humanos.

— É verdade. Mas também é verdade que saberíamos se algum deles estivesse na escola.

Levantei-me e bati um dos livros na mesa.

— A senhora mesmo já disse que magia nem sempre é a resposta! Talvez a sua magia não esteja funcionando! Talvez alguma coisa com mais poderes do que a senhora tenha entrado aqui.

A Sra. Casnoff se levantou da cadeira e esticou a postura. Senti uma descarga no ar, e de repente — infelizmente — me lembrei de que a Sra. Casnoff era mais do que a diretora da escola. Ela era uma bruxa extremamente poderosa.

— Não levante o tom de voz comigo, mocinha. Sei que a magia não é infalível, mas o que você está sugerindo é *impossível*. Sinto muito, mas temos que encarar o fato de que nas três semanas em que Jenna se foi nem você nem Elodie nem nenhum outro aluno foi atacado. Você fez uma má opção de amizade, mas não temos como consertar isso.

Eu a encarei. Meu ar saía e entrava em explosões, como se eu tivesse acabado de correr.

A Sra. Casnoff passou uma das mãos pelo cabelo e percebi que ela estava tremendo.

— Peço desculpas se fui um pouco dura, mas você tem que entender que os vampiros não são como nós; eles são monstros, e foi um erro eu ter me esquecido disso.

Sua expressão suavizou-se.

— Isso me magoa também, Sophie. Apoiei seu pai na decisão de deixar que vampiros frequentassem essa escola. Agora tenho uma aluna morta, duas outras que talvez nunca voltem e um bando de pessoas muito poderosas enfurecidas comigo. Eu adoraria acreditar que Jenna não tem nada a ver com isso, mas as evidências indicam o contrário.

Ela respirou fundo e colocou os livros nas minhas mãos, que estavam fracas.

— Você é uma amiga leal por querer achar uma maneira de libertá-la, mas, nesse caso, acho que seus esforços são em vão. Não quero mais que você fique pesquisando sobre demônios, está entendido?

Não concordei, mas ela agiu como se eu o tivesse feito.

— Bem, acho que você já está atrasada para seu plantão, então sugiro que se apresse antes que a Srta. Vanderlyden venha procurar por você.

Com os olhos cheios de lágrimas, eu a vi sentar-se novamente e reabrir a ata. Eu estava com raiva por ela se recusar a admitir que podia ter alguma coisa no Hecate da qual ela não sabia. Também senti uma tristeza profunda. O que quer que eu descobrisse, ou qualquer teoria que eu formulasse, não faria diferença; a explicação mais fácil era a de que Jenna tinha matado Holly e tentado matar as outras duas, então era nisso que as pessoas iam acreditar. Qualquer outra possibilidade significaria admitir que eles estavam errados, ou, pior, que não eram onipotentes.

As lágrimas tinham desaparecido quando cheguei ao porão. Elas foram substituídas por uma dor logo atrás dos meus olhos. Vandy estava me esperando na frente da porta e achei que ela fosse arrancar a minha cabeça — talvez até literalmente —, mas ela deve ter visto alguma coisa no meu rosto, pois tudo o que ela fez foi dizer:

— Você está atrasada. — Ela me deu um empurrãozinho para que eu descesse logo.

Quando ela trancou a porta, Archer olhou para cima. Ele estava atrás de uma das prateleiras.

— Ah, você chegou. Vandy mandou algum demônio ir buscar você?

— Não.

Peguei a prancheta e fui para o canto mais afastado do porão.

— O quê? Você não vai me dar uma resposta engraçadinha? Nenhuma frase típica de Sophie Mercer?

— Não estou me sentindo muito engraçadinha nesse momento, Cross — disse eu, enquanto escaneava as prateleiras. Eu nem estava vendo nada.

— Hum — disse ele com calma. — O que você tem?

— Vejamos... Minha única amiga nesse lugar se foi e provavelmente nunca vai voltar. Todo mundo está decidido a achar que ela é um monstro

e ninguém quer saber de outras possibilidades.

— Que outras possibilidades? — perguntou ele. — Sophie, ela é uma vampira. É o que eles fazem.

— Então você também acredita nisso?

Ele colocou os papéis para baixo.

— Sim, acredito. Sei que ela era sua amiga e que isso é um saco, mas ela não é sua única amiga aqui.

Eu estava com tanta raiva que acho que estava até tremendo. Cruzei o porão e parei na frente dele.

— Você está tentando dizer que é meu amigo, Cross? Porque posso jurar que você mal fala comigo desde a noite do baile.

Ele olhou para o lado e vi os músculos da sua mandíbula se mexendo.

— Você tem estado completamente estranho desde aquela noite.

— Eu? — Ele voltou a olhar para mim. — É você que não consegue nem me olhar. E me desculpe se eu acho um pouco estranho que assim que você e Elodie começaram a passar mais tempo juntas, ela de repente terminou comigo.

Sacudi a cabeça, confusa, até que entendi o que ele estava falando.

— Como assim? Você acha que eu contei para Elodie que você falou aquilo de querer passar o baile comigo só para ela terminar com você e eu ter o caminho livre?

Ele não respondeu nada, então eu dei um tapa de leve no braço dele.

— Se manca — disse eu, quase rindo.

Tentei passar por ele, mas ele pegou meu braço e me puxou. Nós quase nos esbarramos.

Por alguns segundos bem tensos, nós congelamos e ficamos olhando um para o outro, respirando forte. Vi os olhos dele ficarem mais escuros, como os de Jenna no dia em que ela viu meu sangue. Mas esse era um tipo diferente de fome; uma fome que eu também sentia.

Eu não me permiti pensar. Apenas me estiquei para a frente e o beijei.

Ele demorou meio segundo para responder, mas aí ele fez um som quase como um rosnado bem lá de dentro da garganta, e seus braços de repente me abraçaram tão forte que eu quase não consegui respirar. Não que eu

estivesse preocupada com isso, eu só ligava para Archer com seus lábios nos meus e seu corpo me apertando.

Eu já tinha sido beijada algumas vezes antes, mas nada como isso. Eu me senti eletrizada do topo da cabeça até os dedões do pé, e, em algum lugar da minha mente, ouvi Alice dizendo que o amor tinha um poder próprio. Ela tinha razão: isso era magia.

Nós nos separamos para retomarmos o fôlego. Eu me perguntei se estava com a mesma expressão alterada que ele, mas aí ele começou a me beijar de novo e tropeçamos em algumas prateleiras. Ouvi uma coisa cair e se quebrar no chão, e ouvi o barulho de vidro embaixo dos pés de Archer quando ele me encostou na parede.

Alguma parte sensível de mim ainda estava pensando direito e me disse que não seria legal perder a virgindade em um *porão*, mas quando as mãos de Archer deslizaram debaixo da minha blusa e passaram pelas minhas costas, eu comecei a achar que um porão era um lugar tão bom quanto qualquer outro.

Como se minhas mãos não me pertencessem, elas vieram para o meio de nós e desabotoaram os primeiros botões da camisa dele. Eu queria tocá-lo como ele estava me tocando. Ele deve ter sentido o mesmo porque se afastou para me dar mais espaço. Os lábios dele passaram da minha boca para o pescoço, e fechei os olhos e deixei que minha cabeça se recostasse na parede enquanto eu deslizava as mãos por dentro da camisa dele.

Senti-lo beijando meu pescoço era tão bom que demorei um certo tempo para perceber que minha mão esquerda estava queimando.

Minha cabeça estava pesada quando a levantei para ver minha mão no peito dele, bem em cima do coração.

E aí a neblina de desejo que obscurecia meu cérebro se esvaiu para dar lugar ao choque que senti quando vi a tatuagem por trás dos meus dedos: um olho negro com a íris dourada.

CAPÍTULO 29



Primeiro me recusei a acreditar no que estava vendo. Aí Archer, percebendo que eu estava paralisada, se afastou e olhou para baixo.

Quando voltou a olhar para mim, ele estava pálido. Havia pânico nos seus olhos. Foi aí que percebi que o que eu estava vendo atrás dos meus dedos era real: era uma marca do L'Occhio di Dio. Archer era do Olho. Falei essa frase para mim mesma, mas era como se eu não conseguisse digerir as palavras. Eu sabia que tinha de berrar ou correr ou alguma coisa, mas não conseguia me mover.

Archer falou.

— Sophie.

Foi como se meu nome fosse o código para me tirar da paralisia: coloquei as duas mãos no peito dele empurrando-o com força. Eu o peguei desprevenido, senão nunca teria conseguido derrubá-lo. Ele caiu de costas em cima de uma prateleira, jogando tudo no chão. Um líquido viscoso e amarelo que estava dentro de um jarro se espalhou no chão e escorreguei nele quando tentei correr.

No entanto, Archer já tinha levantando e agarrou meu braço. Acho que ele falou meu nome de novo, mas não tenho certeza. Virei-me e o derrubei novamente. Ele escorregou no líquido amarelo também, e dei uma

cotovelada no peito dele. Ele se contorceu enquanto todo o ar saía de seus pulmões e aproveitei para dar um soco no queixo dele.

Golpe número três, pensei. Igual à aula de Defesa.

Archer segurou a boca e sangue escorreu por entre seus dedos. Senti uma vontade louca de rir crescendo dentro de mim, eu acabei de beijar aquela boca e agora ela estava sangrando por minha causa.

Ele tentou me pegar, mas estava se movendo muito devagar. Eu consegui fugir dele.

Quantas vezes tínhamos lutado na aula de Defesa? Será que estávamos nos preparando para aquele momento? Será que Archer ficou observando minhas tentativas de bloqueá-lo e riu quando viu o quão fácil seria me matar?

Escapei do toque dele e subi as escadas correndo. Senti como se minha mente estivesse deslizando por um daqueles tobogãs em espiral: eu só conseguia pensar que Archer tinha me beijado, Archer matou Holly, Archer machucou Chaston, Archer atacou Anna. Não olhei para trás, mas senti os dedos dele no meu tornozelo. Corri para a porta, mas me lembrei que ela estava fechada... ai, meu Deus, ela estava trancada.

Eu me joguei contra a porta e berrei.

— Vandy! Sra. Casnoff! Alguém!

Bati os punhos na porta com o máximo de força. Quando finalmente olhei para trás, vi Archer levantando a barra da calça. Levei um minuto para perceber que ele estava tentando pegar alguma coisa que estava presa ali.

Uma faca. Uma faca prateada, como a que arrancou o coração de Alice.

Meu berro ficou fraco de tanto medo, como se aquilo fosse um pesadelo.

No entanto, Archer não veio atrás de mim. Ele foi até a janela baixa no final do porão e passou a faca pela tranca.

Ouvi pessoas do outro lado da porta — passos, e eu acho que o barulho de chaves também.

A tranca da porta e a da janela se abriram no mesmo instante.

Archer olhou para mim uma última vez enquanto eu me inclinava sobre a porta. Não consegui entender a expressão no rosto dele, mas fiquei impressionada ao ver lágrimas nos seus olhos. Aí ele se virou e saiu pela janela ao mesmo tempo que a porta se abriu e eu caí tremendo nos braços de Vandy.

Sentei-me no sofá do escritório da Sra. Casnoff com um copo de chá quente nas mãos. Pelo cheiro, havia mais do que chá na xícara, mas eu ainda não tinha tomado nenhum gole. Eu não conseguia fazer com que meus dentes parassem de bater, mesmo que a Sra. Casnoff tivesse colocado uma manta em volta de mim. Achei que eu não pararia de tremer nunca mais.

A Sra. Casnoff se sentou ao meu lado e acariciou meu cabelo. Era um gesto estranho vindo dela por ser tão maternal, e aquilo me deixou mais nervosa do que calma. Vandy estava encostada na porta passando a mão na nuca. Já fazia um certo tempo desde que falamos alguma coisa.

Aí a Sra. Casnoff disse:

— Você tem certeza de que era a marca do Olho?

Era a terceira vez que ela me perguntava aquilo, mas só assenti e tentei levar a xícara à boca.

Ela suspirou e fez um som como se tivesse cem anos de idade.

— Mas como? — perguntou ela pela terceira vez. — Como um de nós pode ser do L'Occhio di Dio?

Fechei os olhos e finalmente bebi. Eu estava certa: o chá estava batizado com algum tipo de álcool. O líquido atingiu meu estômago em uma onda quente, mas não me ajudou a parar de tremer.

Fiquei pensando.

Como? *Como?*

Tentei responder a pergunta sozinha, imaginando que talvez ele tenha ido procurá-los no ano passado quando se afastou do Hecate por um tempo. Só que essa dúvida exigia um raciocínio lógico, e meu cérebro não conseguia pensar logicamente.

Archer era do Olho. Archer tinha tentado me matar.

Fiquei repetindo isso na minha cabeça. Analisei a situação quase como se não estivesse nela, e me perguntei se Archer teria ficado meu amigo e fingido gostar de mim só para se aproximar. Foi por isso que ele começou a namorar Elodie?

Passei a mão sobre o peito, acima do meu coração. A Sra. Casnoff olhou com preocupação.

— Ele a machucou?

— Não — respondi. — Não me machucou.

Não do lado de fora, pelo menos.

— Mas parece que você deu uns bons socos nele — disse Vandy, indicando minha mão direita, que estava roxa e inchada.

Olhei para ela.

— É — respondi. — Graças as suas excelentes aulas de Defesa. Agradeço muito.

— Só não estou entendendo — disse a Sra. Casnoff. — Nós tínhamos que saber. Era para termos conseguido sentir sua presença, ou alguém devia ter visto a marca.

Balancei a cabeça.

— Ela estava escondida. Ela só apareceu porque... — Por causa do feitiço de proteção da Alice, pensei. Eu não queria falar sobre Alice. — Fiz um feitiço de proteção em mim — menti. Como sempre, menti muito mal, mas elas estavam muito abaladas para perceber. — Quando toquei a marca, ela apareceu.

A Sra. Casnoff olhou para mim.

— Você tocou a marca?

Senti o meu rosto ficar vermelho de vergonha. Como se já não bastasse que o menino de quem eu gostava fosse um assassino, agora eu seria castigada por dar uns amassos no porão.

Felizmente, o Sr. Ferguson, o professor metamorfo, entrou no escritório, batendo gotas de chuva de seu casaco de couro. Havia um lobo enorme ao lado dele e um leão dourado das montanhas também, vi o lobo se transformar em Gregory Davidson, um dos meninos mais velhos no

campus, e o leão era Taylor. Pela primeira vez desde que Beth falou quem meu pai era, Taylor não estava me olhando com raiva; na verdade, acho que vi um pouco de pena nos olhos dela.

— Nenhum sinal dele, Sra. C. — disse o Sr. Ferguson. — Procuramos por toda a ilha.

A Sra. Casnoff suspirou.

— Nenhum dos meus feitiços de busca funcionou. É como se ele tivesse desaparecido no ar. — Ela massageou as têmporas e disse: — O pior agora vai ser informar ao Conselho que fomos infiltrados. Seu pai com certeza vai querer saber disso, e, é claro, os feitiços de segurança terão que ser fortalecidos. Os outros alunos terão que saber o que houve.

A voz dela ficou meio fraca no final da frase, e, para meu espanto, ela colocou o rosto nas mãos e pareceu estar chorando.

Tirei a manta de cima de mim e coloquei sobre ela.

— Vai ficar tudo bem.

Ela olhou para mim com os olhos brilhando com as lágrimas.

— Peço mil desculpas, Sophie. Eu devia ter escutado você.

Se a Sra. Casnoff tivesse me dito essas palavras algumas horas antes, eu teria dançado de alegria. Agora, eu apenas sorri com tristeza e disse:

— Não se preocupe com isso.

Fiquei feliz porque Jenna poderia voltar para a escola, mas essa ponta de alegria estava soterrada por uma pilha de mágoas, tristeza e raiva. Eu queria que as pessoas acreditassem em mim, mas não assim.

Deixei a Sra. Casnoff, Ferguson e Vandy planejando uma assembleia para a manhã seguinte e fui para o meu quarto. Apesar de eu estar sentindo falta de Jenna, essa noite eu queria ficar sozinha.

Cal me encontrou no começo das escadas.

— Estou bem — disse eu, levantando uma das mãos. — Vou me curar sozinha.

— Não é isso. A Sra. Casnoff não quer que você ande por aí sozinha. Pelo menos não até encontrarem Archer.

Suspirei.

— E aí? Você vai me seguir até o quarto?

Ele fez que sim com a cabeça.

— Tudo bem.

Coloquei a mão na madeira macia do corrimão e tentei me arrastar pelas escadas. Agora eu finalmente entendia o significado do termo *desolada*. Era exatamente assim que me sentia. Era como se eu estivesse com uma gripe, mas na alma em vez de no corpo. Eu estava tão cansada que tudo parecia doer. Quando eu pensava em reconsiderar minha promessa de nunca entrar naquelas banheiras sinistras, ouvi Elodie me chamar.

— Sophie?

Virei-me e a vi no hall da escada. O rosto dela estava pálido, e foi a primeira vez em que ela não pareceu tão bonita.

— O que houve? — perguntou ela. — Essas pessoas estão falando que Archer, tipo, atacou você no porão, sei lá. E não consigo achá-lo em lugar nenhum.

Quando pensei que minha dor no peito não pioraria, ela pareceu desabrochar como uma planta cheia de espinhos.

— Espere aqui — pedi a Cal.

Peguei Elodie pela mão e a levei para a sala de estar mais próxima. Sentei-me ao lado dela no sofá e expliquei o que tinha acontecido, sem mencionar os beijos, é claro. Falei só sobre a luta e a marca no peito dele.

No meio da história, ela começou a balançar a cabeça. Seus olhos se encheram de lágrimas. Continuei falando e vi as lágrimas escorrerem pela bochecha dela até caírem no colo, deixando marcas escuras na sua saia azul.

— Isso é impossível — disse ela quando eu terminei. — Archer... não machucaria ninguém. Ele...

Ela estava chorando muito para conseguir falar e quis abraçá-la, mas ela deu um tapa nas minhas mãos para afastá-las.

— Peraí — disse ela. A velha Elodie, fria como sempre, começou a reaparecer. — Como você viu a marca?

— Já falei — disse eu, sem conseguir olhar para ela. Olhei para o abajur atrás dela e foquei meu olhar no rosto da camponesa desenhada na base.

— Foi o feitiço de proteção que Alice colocou em nós.

— Eu sei disso — disse Elodie, afastando-se de mim —, mas por que você estava tocando no peito dele?

Olhei para ela e tentei pensar em uma mentira boa o suficiente. Todavia, eu estava cansada e triste, e nada vinha à mente. Olhei para meu colo, sentindo-me culpada.

Achei que Elodie fosse gritar e chorar mais, ou me bater, mas ela não fez nada disso. Ela apenas enxugou o rosto com as costas das mãos, levantou-se e saiu.

CAPÍTULO 30



Pensei que a notícia sobre Archer deixaria todo mundo chateado, mas aconteceu o oposto. Em vez de desesperados por saber que o L'Occhio di Dio havia estado na escola, todos pareceram aliviados por o mistério dos ataques ter sido resolvido e a vida poder finalmente voltar ao normal. Bem, normal para uma escola como o Hecate, o que significava que os mutantes podiam sair à noite, e que as fadas podiam andar pela floresta no nascer e no pôr do sol.

Alguns dias depois, a Sra. Casnoff me disse que Jenna voltaria e que meu pai viria à escola mais ou menos uma semana depois disso.

Eu deveria ter ficado feliz por finalmente conhecê-lo, mas só me senti nervosa. Ele viria ao Hecate oficialmente ou porque sua filha quase foi atacada? E sobre o que conversaríamos?

Liguei para mamãe uma noite para falar sobre isso. Não contei sobre Archer, isso só a assustaria. Disse a ela que umas coisas aconteceram e que meu pai viria à escola dar uma conferida.

— Você vai gostar dele — disse mamãe. — Ele é encantador e muito inteligente. Tenho certeza de que ele vai ficar feliz em vê-la.

— Então por que ele não tentou me ver antes? Quero dizer, eu entendo que você não quisesse ele por perto quando eu era pequena, mas e quando

meus poderes se manifestaram? Acho que ele devia ter feito uma visita depois disso.

Mamãe ficou quieta antes de finalmente dizer:

— Sophie, ele teve as razões dele, mas é ele quem deve contar, e não eu. Mas ele ama você. — Depois de outra pausa, ela perguntou: — Tem mais alguma coisa acontecendo?

— Eu só estou muito ocupada com a escola — menti.

Tentei ficar feliz por ver papai, mas era difícil me sentir motivada com alguma coisa. Eu me sentia como se estivesse no fundo do oceano, e tudo o que as pessoas diziam parecia ter um som abafado e distante.

Por outro lado, percebi que fiquei popular de repente. Acho que quase ser assassinada no porão por um caçador de demônios disfarçado faz com que as pessoas queiram ser suas amigas. Quem diria?

Fiz essa piada para Taylor certa noite durante o jantar. Desde nosso encontro no escritório da Sra. Casnoff, ela passou a ser bem mais amigável e finalmente percebeu que eu não era uma espiã a serviço do meu pai.

— Não sabia que você era tão engraçada!

É, eu era motivo constante de gargalhadas. Talvez porque fazer piadas era a melhor maneira de não chorar.

Eu via as pessoas indo falar com Elodie com simpatia, murmurando que entendiam o quanto ela devia estar chateada. Ela não estava falando comigo, e eu sentia falta dela. Pode parecer estranho, mas realmente queria falar com ela sobre Archer. Ela era a única pessoa que estava sentindo o mesmo que eu.

Parei de encontrar Alice na floresta. A Sra. Casnoff manteve a palavra e colocou mais uma dúzia de novos feitiços de proteção em volta da casa, então até mesmo o feitiço de sono superpoderoso de Alice não funcionava mais. Eu podia simplesmente sair escondida, mas achei que era isso que Elodie estava fazendo, então achei melhor deixá-la ir sozinha. Afinal de contas, eu roubei o namorado dela, mesmo que temporariamente. Ela podia roubar minha bisavó. Não era uma troca totalmente justa, mas, em se tratando de dívidas, era o máximo que eu podia oferecer.

Além disso, não sei se confiava mais em Alice.

Pensando bem, uma parte de mim ficou feliz quando aquele feitiço começou a funcionar no vestido da Elodie. Eu não queria machucá-la — pelo menos acho que não —, mas com certeza senti uma palpitação quando vi que era capaz de fazer um feitiço daqueles.

Aonde aquela sensação ia parar?

Minha atração pelo lado negro não era a única coisa que ocupava minha cabeça. Eu pensava sobre aquela noite no porão constantemente. Ficava relembrando a imagem do Archer puxando a faca. Ele teria tempo suficiente para me esfaquear e fugir. Por que não o fez? Pensei nessa pergunta milhões de vezes, mas não conseguia chegar à resposta que eu queria: que Archer não era do Olho, que tudo foi uma grande confusão.

Uma semana depois da fuga de Archer, eu estava sentada perto da minha janela dando uma olhada no livro *Literatura da Magia*. Mesmo que Byron tivesse sido absolvido, ele não voltaria ao Hecate. Acho que ele falou alguma coisa bem rude para a Sra. Casnoff quando ela o convidou de volta, porque ela me pareceu um pouco incomodada quando disse que teríamos uma nova professora, que acabou sendo Vandy. Achei que ela seria um pouco mais legal comigo depois de ter me ajudado a escapar de um assassino, mas ela não mostrou sinais de amizade — só cancelou o plantão no porão para o resto do semestre (três semanas, que gentileza dela).

Eu estava começando a ler um parágrafo do "*Goblin Market*", de Christina Rossetti, quando percebi um movimento com o canto do olho. Era Elodie andando em direção à floresta. Acho que ela e Alice decidiram que as vassouras chamavam atenção demais.

Disse para mim mesma que eu não estava com ciúmes e que tudo bem que Alice não tenha se comunicado comigo nas duas últimas semanas. Elodie era uma aluna melhor de qualquer forma. Olhei para o armário, onde tinha colocado o leão de Jenna, o Bram. Tive que escondê-lo alguns dias depois de sua partida porque doía demais olhar para ele. Semana passada, coloquei o cordão que Alice me deu no pescoço do Bram pelo mesmo motivo. Não era como se eu precisasse dele para ficar acordada mesmo.

Eu ainda estava olhando para o armário quando a porta se abriu.

— Sentiu saudades? — perguntou Jenna com um sorriso.

Não sei qual de nós duas ficou mais chocada quando comecei a chorar. Ela cruzou o quarto em um instante, passou o braço em volta de mim e me levou em direção à minha cama. Ela me abraçou enquanto eu chorava.

Jenna pegou uma caixa de lenços de papel na minha mesa.

— Pronto — disse ela, entregando-me a caixa.

— Obrigada. — Assoei o nariz e respirei bem fundo. — Nossa, estou melhor.

— Foram duas semanas bem pesadas, né?

Olhei para ela, que parecia estar melhor do que nunca. Sua pele ainda estava bem pálida, mas suas bochechas tinham um toque rosado. Até a mecha rosa parecia estar mais brilhante.

— Eles contaram para você?

Jenna fez que sim com a cabeça.

— Contaram, mas não consigo acreditar. Archer não parecia mesmo ser o tipo caçador secreto de demônios.

Funguei e limpei o nariz de novo.

— Nem você nem ninguém. Você esteve com o Conselho... Eles estão desesperados?

— Muito. Pelo que sei, Archer e a família toda dele desapareceram da face da Terra. Ninguém sabe o que houve, mas parece que eles estavam metidos em alguma coisa. — Jenna passou uma das mãos pelo cabelo. — Que louco pensar que ele estava escondendo isso todo esse tempo.

— É — concordei, olhando para minhas mãos. — É uma droga porque... — Eu suspirei.

— Você o odeia pelo que ele fez, mas sente falta dele — completou Jenna.

Olhei para ela, surpresa.

— Exatamente.

Ela tirou o cabelo do lado do pescoço e me mostrou um par de feridas redondas.

— Sei alguma coisa sobre se apaixonar pelo inimigo.

Com um sorriso triste, ela deixou que o cabelo caísse de volta sobre o ombro.

Eu me mexi na cama para dar mais espaço para ela e nós duas nos encostamos nos travesseiros.

— Então, conte-me sobre Londres.

Jenna revirou os olhos e tirou os sapatos.

— Eu nem fui para Londres. O Conselho tem uma casa em Savannah, que eles usam quando têm que fazer alguma coisa no Hecate. Fiquei lá e eles me perguntaram várias coisas, tipo que vampiro tinha me transformado e quantas vezes por dia eu me alimentava. Não vou mentir: era bem assustador de vez em quando. Achei que eles fossem trazer Buffy a qualquer momento para a velha dança da estaca.

Eu me engasguei rindo.

— A velha o quê?

Jenna ficou vermelha, olhou para o outro lado e passou um pé sobre o outro.

— É uma coisa que uma das meninas de lá falava.

— Uma menina bonita? — perguntei e bati meu ombro no dela.

— Talvez — disse ela.

Ela estava sorrindo de orelha a orelha. Tudo o que consegui saber foi que o nome da menina era Victoria, que ela trabalhava para o Conselho e que era uma vampira também.

— Eles têm vampiros trabalhando para o Conselho?

— Têm — disse Jenna com mais entusiasmo do que nunca. — Eles fazem todo o tipo de trabalhos maneiros, tipo monitorar vampiros mais novos e fazer a segurança para os VIPs do Conselho.

— Falando neles, você não conheceu meu pai, conheceu?

Jenna balançou a cabeça.

— Não, desculpe. Mas ouvi Vix dizendo que ele vem para cá em alguns dias.

— Vix? — perguntei, levantando as sobrancelhas, as duas.

Jenna ficou vermelha de novo, e gargalhei.

— Nossa, o Bram sabe que vai ter que compartilhar você com outra pessoa em breve?

— Cale a boca — disse ela ainda sorrindo. — Ei, cadê o Bram?

— Guardei ele para você — disse eu.

Saí da cama e fui até o armário. Tirei o Bram de debaixo de algumas roupas e o joguei em cima da Jenna. Ela o pegou, sorrindo.

— Ah, Bram, eu senti...

A expressão dela mudou. Vi o rosado das bochechas dela sumirem quando ela viu o leão de pelúcia. Ou, mais precisamente, o cordão em volta do pescoço dele.

— Onde você conseguiu isso?

— O cordão? Foi um presente.

— De quem?

Ela olhou para mim e vi medo em seus olhos. Um suor desconfortável tomou a minha nuca.

— Por quê? O que foi?

Jenna estremeceu e afastou o Bram.

— É uma pedra de sangue.

Cruzei o quarto, peguei o Bram e tirei o colar dele.

A pedra não se parecia nada com uma pedra de sangue. Ela nem era vermelha.

— É preta — disse eu a Jenna, mostrando-lhe o cordão. Ela se encolheu para perto da cabeceira da cama.

— Porque o sangue é de um demônio.

Todas as partes do meu corpo ficaram completamente paralisadas.

— O quê?

Jenna colocou a mão dentro de sua blusa e pegou a pedra dela. O líquido estava se movendo e rolando, como se uma tempestade estivesse acontecendo ali.

— Está vendo? — disse ela. — Minha pedra tem magia branca e reage se há magia negra por perto. E isso daí é magia negra séria, Sophie.

Os dedos dela estavam segurando a pedra com tanta força que as articulações estavam brancas.

— Minha pedra ficou assim no dia do baile também — disse ela, com os olhos fixos na pedra que eu segurava. — Quando você pegou aquela terra. Eu devia ter dito alguma coisa, mas você parecia estar tão feliz com o vestido. E achei que magia negra provavelmente não faria um vestido tão bonito.

Eu mal escutava o que ela dizia. Lembrei que a Sra. Casnoff disse que ninguém sabia como Alice tinha se tornado uma bruxa. Lembrei que ela só tinha falado comigo depois que Chaston foi atacada, e como ela parecia estar muito mais viva depois do que aconteceu com Anna.

E me lembrei do rosto da Elodie quando Alice lhe deu o colar.

Elodie estava com ela agora.

Deixei o cordão cair e a pedra rachou em cima da minha mesa. Uma gota do líquido preto caiu da rachadura e atingiu o chão, deixando uma pequena queimadura.

Fiquei surpresa com minha estupidez. Quanta ingenuidade.

— Jenna, vá chamar a Sra. Casnoff e Cal. Diga para eles irem à floresta, onde estão as covas de Alice e Lucy. Ela vai saber onde é.

— Aonde você vai? — perguntou ela, mas não respondi. Apenas corri, como havia corrido na noite em que encontrei Chaston.

Mergulhei na floresta. Os galhos arranhavam meu rosto e meus braços, e as pedras furavam os meus pés. Eu estava usando apenas a calça do pijama e uma camiseta, mas quase não sentia o frio. Eu apenas corri.

Agora eu entendia como Alice conseguiu ter um corpo, como ela tinha aquele poder todo, mesmo quando supostamente estava morta. O ritual de magia negra no qual Alice se meteu não a transformou em uma bruxa: ele a transformou em um demônio.

Você também, sussurrou a minha mente. *Se é isso o que ela é, é isso o que você é.*

CAPÍTULO 31



Quando cheguei ao cemitério, tinha certeza de que encontraria Elodie deitada no chão sangrando ou talvez até morta. Fiquei chocada quando a vi ao lado de Alice, sorrindo. Ela desapareceu, só para reaparecer segundos depois a alguns metros.

Ela tinha dominado o feitiço de transporte.

Alice me viu primeiro e acenou. Olhei para ela e me perguntei como tinha conseguido acreditar que ela era apenas mais um fantasma. Nenhum dos outros fantasmas no Hecate pareciam ser tão reais, tão completos. Ela irradiava vida. Eu me senti uma idiota por não ter percebido antes.

Cheguei perto delas, morrendo de medo. Elodie tinha parado de sorrir no instante em que me viu e agora estava olhando para alguma coisa acima da minha cabeça.

— Elodie — disse eu com uma voz que era para ter saído calma, mas sei que o tom denunciou o medo que eu sentia. — Acho que temos que voltar para a escola. A Sra. Casnoff está procurando por você.

— Não está, não — respondeu Elodie. Ela puxou o cordão de dentro da blusa. — Ele brilha quando alguém está procurando por mim e me diz quem é. Está vendo?

O pingente estava brilhando e consegui ver o meu nome inscrito em letras douradas.

— Bens de família, não é? — perguntei a Alice.

Ela sorriu, mas vi alguma coisa diferente em seus olhos.

— Por favor, Sophia, não tenha ciúmes.

— Não estou com ciúmes — falei com pressa. — Só acho que Elodie e eu temos que voltar para a escola agora.

Eu estava calculando em silêncio quanto tempo levaria para a Sra. Casnoff e Cal (tomara que ele venha!) chegarem aqui. Se Jenna os encontrou assim que saí, eles certamente estavam a alguns minutos de mim.

Alice franziu o rosto, levantou a cabeça e cheirou o ar — não havia nada de humano aquele gesto. Senti que estava começando a tremer.

— Você está com medo, Sophia — disse ela. — Por que você estaria com medo de mim?

— Não estou — respondi, mas novamente minha voz entregou o jogo.

O vento bateu pelas árvores fazendo com que os galhos se unissem e cobrissem o solo com uma sombra estranha. Alice virou a cabeça e respirou fundo. Sua expressão ficou mais severa.

— Você trouxe invasores até nós. Por que você faria uma coisa dessas, Sophia?

Ela moveu as mãos em direção à floresta e ouvi um barulho alto, como se as árvores estivessem se movendo. Percebi, aterrorizada, que ela estava atrasando a Sra. Casnoff e Cal.

— Você trouxe a Casnoff para cá? — perguntou Elodie.

Meu olhar, no entanto, estava preso em Alice.

— Eu sei o que você é — disse eu com uma voz um pouco mais alta do que um mero sussurro.

Achei que Alice fosse ficar surpresa ou pelo menos com raiva, mas ela apenas sorriu de novo — o que, de alguma forma, foi pior.

— Sabe mesmo? — perguntou ela.

— Um demônio.

Ela gargalhou com uma voz gutural e seus olhos ganharam um tom meio vermelho, meio roxo.

Virei-me para Elodie. Ela parecia sentir-se culpada, mas não respondeu ao meu olhar.

— Você realmente invocou um demônio — informei.

Ela assentiu, como se eu tivesse dito simplesmente que ela tinha tingido o cabelo ou alguma coisa igualmente inócua.

— Não tivemos outra saída — insistiu ela. — Você ouviu o que a Sra. Casnoff falou: nossos inimigos estão ficando mais fortes a cada hora. Meu Deus, Sophie, eles transformaram um de nós e fizeram com que ficasse contra nós. Temos que estar preparadas.

Ela disse tudo isso com um tom paciente de professora de jardim de infância.

— E aí? — perguntei com a voz abalada. — Você deixou que ela matasse Holly?

Agora os olhos dela focaram o chão e ela disse:

— A única forma de se unir a um demônio é fazendo um pacto de sangue.

Eu quis correr e bater nela, berrar, mas estava congelada naquele lugar. Elodie olhou para mim com olhos arregalados e cheios de súplica.

— Não queríamos matar Holly. Sabíamos que era preciso quatro de nós para manter o demônio e fazer com que ele nos obedecesse, mas precisávamos do sangue. Então fiz um feitiço de sono para Holly e Chaston furou o pescoço dela com um punhal. Achamos que conseguiríamos parar o sangramento antes que fosse tarde demais, mas ela sangrou *muito*.

Senti um gosto de bile no fundo da garganta.

— Você podia ter tirado o sangue de qualquer outro lugar — disse eu. — Você tirou do pescoço para culpar Jenna. Matar dois coelhos com uma cajadada só, né?

Continuei:

— Você sabia que tinha matado Holly, mas deixou que todo mundo achasse que foi Jenna. Você me fez duvidar se não tinha sido ela.

— Achei *mesmo* que ela tinha atacado Chaston e Anna — disse Elodie, com uma lágrima escorrendo pelo rosto. — Achamos que o ritual tinha

dado errado. Eu nunca tinha visto Alice antes daquela noite com você, juro.

Olhei para Alice.

— Por que você não apareceu para elas?

Alice deu de ombros.

— Elas não valiam a pena. Elas me tiraram do inferno, mas eu não me senti na obrigação de servir três menininhas.

Ela levantou uma das mãos e Elodie se sacudiu.

— Acho que você levou muito tempo para descobrir — disse Alice, ainda olhando para mim. — Era para você ser uma menina inteligente, Sophie, e ainda assim você não consegue diferenciar um fantasma de um demônio? Ou será que é mais do que isso?

Ela girou a mão um pouco para a esquerda e Elodie voou para o lado, berrando. Ela aterrissou em um monte de areia ao lado da cerca e ficou deitada sem se mexer, eu não sabia se ela estava desacordada ou se Alice estava usando algum feitiço para que ela não se mexesse.

— Você sabe o que eu acho, Sophia? Acho que você sabia o que eu sou mas não quis encarar a verdade. Porque se sou um demônio, então você é o quê?

Meu corpo todo estava tremendo agora. Quis cobrir as orelhas para bloquear o que ela estava falando, porque ela tinha razão. Eu já tinha percebido alguma coisa estranha nela, mas não quis questionar, porque eu gostava dela. Gostava do poder que ela tinha me dado.

— Esperei por você por tantos anos, Sophia — disse Alice. Agora ela parecia uma menina da minha idade, como antes. — Quando aqueles rascunhos de bruxas negras fizeram a invocação, eu lutei contra um batalhão de demônios para ser trazida. Na esperança de encontrar você.

Senti o sangue correndo nas minhas orelhas e pulsando nas minhas têmporas.

— Mas por quê? — murmurei entredentes.

O sorriso dela era lindo e terrível. Seus olhos brilharam forte como uma fornalha.

— Porque somos uma família.

Aí fui jogada para trás e minhas costas bateram contra uma árvore. A madeira arranhou minha pele embaixo da camisa. Tentei me mover, mas minhas pernas estavam pesadas e inúteis.

— Peço desculpas por isso — disse ela, indo em direção à Elodie —, mas não posso ter você no meio do meu caminho agora.

Ela se ajoelhou ao lado de Elodie, e fiquei sentada sem poder fazer nada, paralisada. Alice apoiou a cabeça de Elodie em sua perna com a gentileza com que as mães seguram seus bebês. Com os olhos vazios e meio fechados, Elodie rolou a cabeça para o lado e Alice acariciou sua testa. Aí Alice levou as mãos ao pescoço de Elodie. Duas garras finas saíram de seus dedos, iluminados pela luz da órbita.

Elodie quase não se moveu quando as garras perfuraram seu pescoço, mas eu berrei. Quando Alice abaixou os lábios para beber o sangue, fechei os olhos.

Não sei quanto tempo se passou até que eu conseguisse me mover novamente — mas quando finalmente me levantei, Alice estava em pé na minha frente e Elodie estava deitada, muito pálida e quieta, perto dos portões do cemitério.

Corri até ela e Alice nem tentou me impedir.

Ajoelhei-me ao lado de Elodie e senti a terra úmida embaixo de nós. Seu rosto estava frio, mas os olhos ainda estavam entreabertos, e dava para ouvir o barulho suave da respiração.

As feridas no pescoço dela estavam vermelhas e em carne viva, o resto de seu corpo estava muito branco. Nossos olhos se encontraram e os lábios dela se moveram, como se ela estivesse tentando falar alguma coisa.

— Me perdoe — sussurrei. — Me desculpe, por tudo.

Ela piscou uma vez e seus lábios se moveram de novo. *Mão*.

Achei que ela queria que eu desse a mão para ela, então peguei sua mão esquerda. Ela deu um suspiro e senti uma vibração fraca, como uma corrente de baixa voltagem.

Senti a magia dela se estabelecer em mim, do jeito que ela havia descrito. Era doce e fria, como neve. Aí ela soltou minha mão e ficou imóvel.

Ouvi Alice gargalhar. Virei-me e a vi rodando e dançando em círculo.

— Tenho que admitir que de todos os presentes que você poderia me dar, esse foi o melhor.

Eu me levantei lentamente.

— Presente?

Alice parou de rodar, mas ainda estava rindo.

— Aquela noite, quando a trouxe com você, quase tive certeza de que você tinha adivinhado o que realmente sou. Foi muita gentileza da sua parte trazê-la para mim, assim não corri o risco de ser pega naquela escola horrorosa.

A magia que Elodie havia passado para mim ainda corria em minhas veias, mas eu não tinha ideia do que fazer com ela. Eu sabia que não chegava aos pés de Alice, mesmo que compartilhássemos o mesmo tipo de poder. Ela tinha muito mais tempo de prática e acho que sua estada no inferno deve ter lhe ensinado algumas coisinhas. Então, as únicas coisas que me restavam eram algumas frases que eu me lembrava dos livros que tinha lido sobre demônios e uma raiva pura e forte.

Alice estava rindo de novo, embriagada com o sangue de Elodie.

— Agora que retomei a minha força total, ninguém vai nos deter, Sophia. Nada estará fora do nosso alcance.

Eu não estava escutando. Eu olhava para a estátua do anjo e a espada escura em sua mão. Pedra negra. Vidro do demônio.

Na aula de Defesa, Vandy sempre falava sobre como tudo sempre tem uma fraqueza, e eu sabia qual era o ponto fraco da Alice.

Eu.

— Quebrar — murmurei.

A espada se partiu ao meio com um barulho alto. E a pedra que se destacou caiu na grama na minha frente. Eu a peguei, mesmo que ela estivesse muito quente e que as laterais cortassem a minha mão. A arma era mais pesada do que eu havia pensado e torci para que conseguisse levantá-la e fazer o que eu tinha que fazer.

Alice se virou e me viu segurando o caco. Ela não pareceu sentir medo, ficou apenas confusa.

— O que você está fazendo, Sophia?

Ela estava em pé a uns três metros de mim. Eu sabia que se corresse para ela, ela me jogaria contra uma árvore como um inseto. No entanto, ela era superficial e não contava com a possibilidade de eu machucá-la. Afinal, nós éramos da mesma família.

Fechei os olhos e me concentrei, evocando meu poder e o que Elodie passou para mim. Um vento forte soprou ao meu redor, um vento tão frio que fiquei sem ar. Meu sangue correu mais devagar nas minhas veias, mesmo que meu coração estivesse batendo mais rápido. Abri os olhos e me vi exatamente na frente de Alice.

Ela arregalou os olhos, mas não de medo ou de susto. De prazer.

— Você conseguiu! — disse ela com alegria, como se estivéssemos em uma apresentação de balé.

— É. Consegui.

Aí levantei o caco de vidro do demônio e cortei o pescoço dela.

CAPÍTULO 32



— Descobri que sou um demônio — contei a Jenna na tarde seguinte.

Estávamos sentadas no quarto, ou melhor, ela estava sentada. Eu ainda estava deitada, onde fiquei desde que Cal e a Sra. Casnoff me levaram de volta para o Hecate. Cal conseguiu reparar a maior parte dos estragos que causei aos meus pés na corrida louca descalça pela floresta, mas minha mão era outra história.

Olhei para elas. A esquerda estava bem, mas a direita tinha três cortes longos nos dedos, na palma e na base da mão, que estavam inflamados e feios. As bordas de cada corte tinham uma cor vermelha bem viva. Cal fez o que pôde para curá-las, mas o vidro do demônio fez muito estrago. Provavelmente terei cicatrizes para sempre.

Ou talvez Cal não tivesse muita magia sobrando depois de ter tentado reavivar Elodie. Ele e a Sra. Casnoff chegaram esbaforidos alguns segundos depois de eu cortar a cabeça de Alice e ver seu corpo se desfazer em pó. Cal correu para Elodie o mais rápido possível, mas já sabíamos que era muito tarde. Anna havia me dito que Cal não conseguia reavivar os mortos, mas, naquela noite, ele tentou. Só quando estava óbvio que Elodie tinha partido foi que ele se virou para mim e tirou a lâmina da minha mão.

No caminho de volta para a escola, eu estava bem fora de mim, mas lembro da Sra. Casnoff falar que o corpo de Alice foi enterrado no

cemitério junto com outros demônios. Era por isso que o anjo segurava um vidro do demônio — no caso de algum deles conseguir voltar.

— Vocês são mais bem-preparados do que os escoteiros — murmurei antes de desmaiar.

— Sempre achei que você era meio má. Só nunca quis falar nada — disse Jenna.

Sua voz era leve, mas seus olhos ficaram tristes quando ela olhou para minhas mãos.

A Sra. Casnoff me contou a maior parte da história naquela noite. Ela não mentiu quando me disse que Alice tinha sido transformada por causa de um ritual de magia negra, ela apenas não contou que o ritual tinha sido uma invocação destinada a trazer um demônio que realizasse desejos.

Eu não faço ideia para que uma pessoa precisaria de um demônio. Pagar as contas? Atividades malignas para o lar?

Contudo, demônios são ardilosos, então em vez de tornar-se o faz tudo da Alice, ele roubou sua alma e transformou-a em um monstro. Como ela estava grávida, seu bebê foi um demônio também. Lucy casou-se com um humano, então o meu pai era metade demônio, o que fazia de mim um quarto de um demônio.

— No entanto — disse a Sra. Casnoff enquanto Cal tentava curar minha mão —, até mesmo uma quantidade mínima do sangue de um demônio pode resultar em um poder enorme.

— Que ótimo — respondi, com a mão queimando enquanto a magia branca de Cal traçava seu caminho.

A Sra. Casnoff sabia o que eu era o tempo todo, é claro. Foi por isso que ela não conseguiu sentir a presença de Alice, ela achou que estava sentindo apenas as minhas vibrações demoníacas.

— E o que vai acontecer agora então? — perguntou Jenna, levantando-se de sua cama e sentando-se na beirada da minha. — A respeito de Archer e seu pai?

Mudei de posição e soltei um gemido quando minha mão bateu na perna.

— Não ouvi nada sobre Archer além daquilo que você me falou: ele e a família sumiram da face da terra. Parece que tem um grupo enorme de bruxos procurando por ele.

E o que eles fariam quando o achassem...? Não queria nem pensar nisso.

— Cal acha que ele e a família devem ter fugido para a Itália — continuei, tentando ignorar a dor no meu coração. — É onde fica a base do Olho, então acho que é uma possibilidade.

Para minha surpresa, Jenna balançou a cabeça.

— Não sei não. Ouvi uma coisa em Savannah. Umas bruxas estavam falando sobre o L'Occhio di Dio em Londres. Parece que tem um cara novo com eles. Cabelo preto, novo. Pode ser ele.

Meu peito ficou apertado.

— Por que ele iria para lá? Ele estaria bem na cara do Conselho.

Ela deu de ombros.

— Esconder-se bem à vista? Só espero que peguem ele. Espero que peguem *todos* eles.

Os olhos dela estavam frios quando ela falou isso e um tremor correu pelo meu corpo.

— E quanto ao meu pai, não sei. O Conselho sempre soube que ele é metade demônio, mas acho que como ele nunca tentou devorar ninguém e tem muitos poderes, eles decidiram que seria tranquilo colocá-lo como presidente, contanto que outros Prodígios não descobrissem quem ele realmente é.

— A Sra. Casnoff sabia também?

— Todos os professores sabiam. Eles trabalham para o Conselho.

Jenna levantou a mão e começou a mexer na mecha rosa do cabelo.

— Então você não é uma bruxa — disse ela.

Não foi uma pergunta.

Minha exclamação de dor agora não teve a ver com a mão. Eu não era uma bruxa. Nunca fui uma bruxa. A Sra. Casnoff me explicou que os poderes dos demônios são tão parecidos com os das bruxas negras que é fácil para um demônio "fingir" ser uma bruxa, contanto que não faça

nada louco, tipo... bem, tipo beber o sangue de um bando de bruxas para se fortalecer.

Gostava de me ver como uma bruxa. Era bem melhor do que ser um demônio. Para mim, demônios significam monstros.

De repente, Jenna esticou a mão e alisou o topo da minha cabeça.

— O que você está fazendo?

— Estou vendo se você tem chifres embaixo dessa cabeleira — disse ela, rindo.

Afastei a mão dela, mas não pude deixar de rir.

— Que bom que minha monstruosidade diverte você, Jenna.

Ela parou de brincar com meu cabelo e passou o braço por cima dos meus ombros.

— Cara, de monstro para monstro: não é tão ruim assim. Pelo menos podemos ser esquisitas juntas.

Apoiei a cabeça sobre o ombro de Jenna.

— Obrigada — disse eu. Ela me deu um abraço.

Ouvimos uma batida leve e olhamos juntas para a porta.

— Deve ser a Sra. Casnoff — falei. — Ela já veio ver como eu estou cinco vezes hoje.

O que não contei para Jenna foi que na última conversa com a Sra. Casnoff, perguntei o que isso tudo significava para mim.

— Isso tudo significa que você vai ser sempre incrivelmente poderosa, Sophia — respondeu ela. — Significa que, assim como seu pai, todos esperam que você use esse poder a serviço do Conselho.

— Então eu tenho um destino — disse eu. — Droga.

A Sra. Casnoff sorriu e deu um tapinha na minha mão.

— É um destino glorioso, Sophia. Muitas bruxas matariam para ter o seu poder. Algumas já o fizeram.

Apenas concordei porque não podia falar para ela como eu me sentia: eu não queria ser a Grande e Temida Sophia. Esse tipo de coisa era para meninas como Elodie, que eram lindas e ambiciosas. Sou apenas eu: engraçada, é claro, e inteligente, mas não uma líder.

Naquela noite, sentada com a Sra. Casnoff — Cal ainda segurando minha mão, mesmo que toda a magia já tivesse se esvaído dele —, perguntei sobre aquilo que estava me perturbando.

— Sou perigosa? Como Alice?

A Sra. Casnoff olhou para mim e disse:

— Sim, Sophia, você é. Sempre vai ser. Alguns híbridos de demônios, como seu pai, podem passar anos sem nenhum incidente, mas ele precisa sempre estar acompanhado de um integrante do Conselho, só por precaução. Outros, como sua avó Lucy, não têm tanta sorte.

— O que aconteceu?

Ela olhou para outro lado e disse, com bastante calma:

— O L'Occhio di Dio matou sua avó, Sophie, mas por uma boa razão. Mesmo depois de ter vivido trinta anos sem machucar ninguém, uma... uma coisa aconteceu com ela uma noite, e ela voltou à sua verdadeira natureza.

Ela respirou fundo e contou:

— Ela matou seu avô.

Ninguém falou nada por um longo tempo, até que eu perguntei:

— Então isso pode acontecer comigo? Posso simplesmente um dia surtar e atacar quem quer que esteja comigo?

E quando perguntei isso, tudo o que consegui imaginar foi minha mãe deitada no chão, toda ensanguentada na minha frente. Meu estômago se revirou e senti o gosto de bile.

— É uma possibilidade — respondeu a Sra. Casnoff.

Aí perguntei se havia alguma maneira de eu deixar de ser um demônio — se eu poderia me tornar uma pessoa normal.

Ela me observou por alguns instantes antes de responder.

— Tem a Remoção. Mas é quase certo que ela mataria você.

A resposta dela estava presa como uma pedra no meu peito. A Remoção pode me matar. A Remoção *provavelmente* me mataria.

No entanto, se eu passasse o resto da vida como um demônio, eu poderia matar alguém. Alguém que eu amo.

A porta se abriu, mas não era a Sra. Casnoff novamente. Era minha mãe.

— Mãe! — exclamei, pulando para fora da cama e jogando os braços em volta dela.

Senti suas lágrimas quando ela encostou o rosto no meu cabelo, então a abracei ainda mais forte e senti aquele perfume familiar.

Quando nos separamos, mamãe tentou sorrir e pegou a minha mão. Não pude deixar de soltar uma exclamação de dor, e ela olhou para baixo.

Achei que ela fosse chorar de novo quando viu o machucado, mas ela apenas deu um beijo na palma da minha mão, como se eu tivesse três anos e tivesse arranhado o joelho.

— Sophie — disse mamãe, acariciando meu cabelo e meu rosto. — Eu vim levar você para casa, tá, querida?

Olhei para Jenna, que estava tentando nos ignorar, mas vi que ela parecia bem chateada. Se eu fosse embora, Jenna não teria ninguém. Não teria sua companheira esquisita.

Respirei fundo e me virei para mamãe de novo. Eu não sabia se teria coragem suficiente para olhar dentro dos seus olhos e dizer o que eu tinha para dizer, o que eu sabia que tinha que fazer assim que a Sra. Casnoff me deu aquela resposta.

Aí, antes que eu pudesse falar qualquer coisa, vi Elodie passar pela minha porta.

Saí apressadamente com o coração na garganta. Será que Cal a havia recuperado afinal de contas? Talvez ela estivesse se recuperando na escola esse tempo todo e eles não tenham querido me falar.

O corredor estava vazio a não ser por ela, e ela estava de costas para mim.

— Elodie! — chamei, correndo em sua direção.

No entanto, ela não olhou para mim, e percebi que estava vendo através dela.

Ela continuou andando, parando em algumas portas como se estivesse procurando por alguém — era só mais um fantasma que ficaria preso no Hecate para sempre. Eu sabia que ela merecia aquilo, de certa forma. Ela e as amigas convocaram um demônio e pagaram o preço.

Fiquei olhando para Elodie por um tempão, até que ela finalmente ficou invisível na luz da tarde. Nunca fomos amigas de verdade, mas ela me deu a última magia que tinha dentro de si para que eu pudesse derrotar Alice, e eu nunca me esqueceria disso.

No fim das contas, ver Elodie me deu a força que eu precisava para me virar para mamãe e dizer:

— Não vou para casa. Vou para Londres e passarei pela Remoção.

AGRADECIMENTOS

Escrever um livro compara-se a cruzar o Oceano Atlântico em uma banheira, portanto agradeço muito por ter as seguintes pessoas como minha "tripulação".

Primeiro de tudo, um ENORME obrigada ao meu agente, o incomparável Holly Root, a primeira pessoa não relacionada a mim a se apaixonar por Sophie e companhia. Seu entusiasmo e senso de humor matador fazem de você o agente dos sonhos! Agradeço também a Jennifer Besser, Emily Schultz e a todos da Disney-Hyperion Books, todos os gênios que fizeram este livro ser muito melhor do que poderia ser.

Vários abraços cheios de neuroses a todos os meus amigos escritores em The Tenners, principalmente Kay Cassidy, Becca Fitzpatrick e Lindsey Leavitt. Escrever pode ser um ofício solitário, e vocês sempre me emprestaram seus ombros (ou deixaram-me encher suas caixas de mensagens).

Obrigada também a Sally Kalkofen e a Tiffany Wenzler, que foram minhas primeiras leitoras, e cujas perguntas, comentários e torcidas ajudaram a modelar o *Hex Hall* em algo mais parecido com um livro. E a Felicia LaFrance, cujos cupcakes me ajudaram a escrever as últimas cem páginas. Você é demais, amiga!

Poucas pessoas têm a sorte de ter a mesma melhor amiga por mais de vinte anos, portanto agradeço muito a Katie Rudder Mattli, que lê minhas

histórias desde 1987, e que ainda deve estar planejando vendê-las no eBay. Obrigada por sua fé inabalável e por me fazer sentir "válida"!

Sempre prometi fazer isso se conseguisse ser publicada algum dia, então: Oi, Dallas!

Obrigada Crys Hodgens, Alison Madison, Debbie McMickin e Amber Williams. Vocês são todos ótimos professores e ótimos amigos.

Tive a chance de ter vários professores fenomenais só para mim. Alicia Carroll, Alexander Dunlop, James Hammersmith, Louis Garrett, Jim Ryan, Judy Troy e Jake York são mentores e amigos, e a instrução deles foi muito bem-vinda.

Um obrigada especial para Nancy Wingo que me fez participar de um concurso de escrita, competir em torneios de inglês e ir em conferências no Sul... você é a melhor, e este livro não existiria se não fosse por você.

Uma grande parte de *Hex Hall* é sobre o poder da mulher, e conheço poucas mulheres mais fortes do que as formidáveis WOS — Tammi Holman, Kara Johnson, Nancy Wingo e minha mãe, Kathie Moore. As senhoritas são uma inspiração em diversos sentidos!

Para meus pais, William e Kathie Moore. Eu teria que escrever um outro livro para expressar uma fração do quanto sou grata a vocês. Vocês me apoiaram quando meu caminho tomou direções meio loucas, e eu os amo mais do que consigo expressar.

John e Will, vocês são a parte mais iluminada do meu dia. Sem vocês dois, nada disso seria possível. Amo vocês "infinito"!

Por último, mas não menos importante, obrigada a todos os alunos que foram às minhas aulas de 2004 a 2007. Vocês foram o motivo de eu ir ao trabalho todos os dias, e agradeço muito por fazer parte de suas vidas. Esse livro é inteiramente para vocês.

Este e-book foi desenvolvido em formato ePub pela Distribuidora Record de Serviços de Imprensa S.A.

Hex Hall – Sortilégio vol.1

Skoob do livro
http://www.skoob.com.br/livro/148794-hex_hall

Página da série no facebook
https://www.facebook.com/pages/Hex-Hall-Series/194834944604

Resenha do livro
http://saletadeleitura.blogspot.com.br/
2013/05/resenha-do-livro-sortilegio-da-serie.html

Perfil da autora no goodreads
http://www.goodreads.com/author/show/
2261547.Rachel_Hawkins

Blog da autora
http://readingwritingrachel.blogspot.com.br/

Site da autora
http://readingwritingrachel.blogspot.com.br/

Capa
Rosto
Créditos
Dedicatória
Epígrafe
Prólogo
Capítulo 1
Capítulo 2
Capítulo 3
Capítulo 4
Capítulo 5
Capítulo 6
Capítulo 7
Capítulo 8
Capítulo 9
Capítulo 10
Capítulo 11
Capítulo 12
Capítulo 13
Capítulo 14
Capítulo 15
Capítulo 16
Capítulo 17
Capítulo 18
Capítulo 19
Capítulo 20
Capítulo 21
Capítulo 22
Capítulo 23
Capítulo 24
Capítulo 25
Capítulo 26
Capítulo 27
Capítulo 28

Capítulo 29
Capítulo 30
Capítulo 31
Capítulo 32
Agradecimentos
Colofão
Saiba mais